Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Faculdade de Educação

Guaraci Fernandes Marques de Melo

Primitivo Moacyr: de professor a dândi, uma vida dedicada à escrita da instrução pública

Rio de Janeiro
2018

Guaraci Fernandes Marques de Melo

Primitivo Moacyr: de professor a dândi, uma vida dedicada à escrita da instrução pública

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História da Educação.

Orientadora Drª Maria Celi Chaves Vasconcelos

Rio de Janeiro

2018

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

M528 Melo, Guaraci Fernandes Marques de.
Primitivo Moacyr: de professor a dândi, uma vida dedicada à escrita da instrução pública / Guaraci Fernandes Marques de Melo. – 2018.
94 f.

Orientadora: Maria Celi Chaves Vasconcelos.
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação

1. Educação – Teses. 2. Moacyr, Primitivo, 1867-1942. – Teses. 3. Intelectuais – Teses. I. Vasconcelos, Maria Celi Chaves. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação. III. Título.

es CDU 37(81)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

_____ _____

Assinatura Data

Guaraci Fernandes Marques de Melo

Primitivo Moacyr: de professor a dândi, uma vida dedicada à escrita da instrução pública

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação ao PROPED - Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História da Educação.

Aprovada em 10 de agosto de 2018.

Banca Examinadora:

_____
Drª Maria Celi Chaves Vasconcelos (Orientadora)
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

_____
Drª. Carlota Josefina Malta Cardozo dos Reis Boto
Universidade de São Paulo - USP

_____
Drª. Lia Ciomar Macedo de Faria
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

_____
Dr. Washington Dener dos Santos Cunha
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

_____
Dr. Vinicius Teixeira Santos
Instituto Federal Fluminense – IFF

Rio de Janeiro
2018

DEDICATÓRIA

Ao Pai, ao Filho, ao Espírito Santo

AGRADECIMENTOS

À Helena Marques de Melo (em memória), mãe amada e leitora assídua que acabou cultivando em mim tal hábito tão desejável. Foi responsável também por me apresentar Clark Gable e outros monstros sagrados do cinema e assim trabalhar meu imaginário. Sempre acreditando em mim, incentivou-me a voltar aos livros e, de lá do Alto, suas palavras e olhares impulsionam-me a seguir em frente, mesmo em meio a tantas dificuldades.

Ao meu filho, Filipe, meu reflexo, meu orgulho; à minha nora, Suzana, que tão bem cuida da minha descendência; e aos meus netos, Lucas e Helena, tão amados e razão da minha alegria.

À orientadora, professora doutora Maria Celi Chaves Vasconcelos, por ter acreditado que eu pudesse contribuir, mesmo com a minha escrita tosca (palavras minhas, não dela), à sua pesquisa e ao campo historiográfico, proporcionando esta oportunidade de aprendizado, e pelas brilhantes contribuições, apoio e orientações.

Ao grupo de pesquisa, pela força incansável durante esse período de estudos e especialmente ao bolsista de Iniciação Científica Tiago Xavier pela ajuda inestimável.

Ao professor José Gonçalves Gondra, responsável pela apresentação do objeto de pesquisa, Primitivo Moacyr, ainda nos tempos de Iniciação Científica, que acabou sendo a base do presente trabalho.

Aos colegas do NEPHE, pela longa caminhada que fizemos, e aos colegas da secretaria do programa, que sempre me acolheram com prontidão.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação – PROPEd, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Curso de Pedagogia, no qual me preparei para o exercício de minha carreira como professora.

À professora Lia Faria, por aceitar avaliar minha qualificação e pelas brilhantes sugestões na oportunidade. À professora Carlota, tão gentil, por aceitar prontamente examinar o meu trabalho, acreditando mesmo que eu produzisse contribuição útil ao campo.

Aos professores Washington e Vinicius, por ajudarem na realização deste trabalho com sugestões e informações bastante pertinentes.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, pelo fomento concedido que possibilitou este trabalho acadêmico.

Aos companheiros de regência e aos funcionários da Escola Municipal José Medeiros Cabral, em Duque de Caxias, especialmente à sua diretora, Joana, pela acolhida e por ser

campo de trabalho onde pratico minha profissão de educadora. À comunidade de Jardim Gramacho, que me compreendeu e reconheceu a minha prática de professora.

Aos gentis Gustavos Buenos Moacyres (pai e filho), pela grata acolhida, pelas histórias e pelo que há de vir no futuro como resultado dessa profunda amizade.

Há cinco anos penetrei nessa selva selvaggia, sem conhecer-lhe a extensão e profundidade

Primitivo Moacyr (Jornal do Brasil, 1942 p.7)

RESUMO

MELO, Guaraci Fernandes Marques de. *Primitivo Moacyr:* de professor a dândi, uma vida dedicada à escrita da instrução pública. 2018. 94 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

Este estudo dissertou sobre o homem, o redator parlamentar e o escritor memorialista que se autorretratou através de extensas publicações bibliográficas, sobre a sua vida marcada pela seleção que se impôs como estudioso do período imperial. Procedeu-se à pesquisa documental, visto atender melhor ao objetivo proposto de analisar o sujeito Primitivo Moacyr em sua atuação como autor/testemunha da instrução pública, abordando as escolhas que ele fazia para descrever os fatos narrados, utilizando para tal fim, como fonte a obra *A Instrução e as Provincias*: subsidios para a História da Educação no Brasil 1835-1889 (Sergipe, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo), 1939, volume 147-A. Para tanto, foi realizada uma padronização de coleta de dados e a observação sistemática, com recorrência a fontes mais diversificadas, tais como livros, artigos científicos, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, fotografias, etc. Também se elaborou um levantamento sobre o homem que ele foi no seu tempo e a sua carreira. Por fim, do encontro com seus descendentes surgiu um capítulo à parte, mostrando outro lado de sua vivência, até o momento desconhecido, para assim melhor situá-lo em seu tempo.

Palavras-chave: Primitivo Moacyr. Intelectuais oitocentistas. Instrução Pública

RESUMEN

MELO, Guaraci Fernandes Marques de. *Primitivo Moacyr:* de profesor a la dandi, una vida dedicada a la escritura de la instrucción pública. 2018. 2018. 94 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

Este estudio disertó sobre el hombre, el redactor parlamentario y el escritor memorialista que se autorretrató a través de extensas publicaciones bibliográficas, sobre su vida marcada por la selección que se impuso como estudioso del período imperial. Se procedió a la investigación documental, visto atender mejor al objetivo propuesto de analizar al sujeto Primitivo Moacyr en su actuación como autor / testigo de la instrucción pública, abordando las elecciones que él hacía para describir los hechos narrados, utilizando para tal fin, como fuente a La educación y las provincias: subsidios para la historia de la educación en Brasil 1835-1889 (Sergipe, Bahía, Río de Janeiro, São Paulo), 1939, volumen 147-A. Para ello, se realizó una estandarización de recolección de datos y la observación sistemática, con recurrencia a fuentes más diversificadas, tales como libros, artículos científicos, periódicos, revistas, informes, documentos oficiales, cartas, fotografías, etc. También se elaboró un levantamiento sobre el hombre que él fue en su tiempo y su carrera. Por fin, del encuentro con sus descendientes surgió un capítulo aparte, mostrando otro lado de su vivencia, hasta el momento desconocido, para así mejor situarlo en su tiempo.

Palabras clave: Primitivo Moacyr. Intelectuales oitocentistas. Instrucción Pública

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Fotografia de Primitivo Moacyr [Inglaterra 09/03/1904). 13
Figura 2 - Fotografia de Maria Pimenta Bueno Moacyr. s/d 20
Figura 3 - Primitivo na Bahia (Escola sem identificação). 21
Figura 4 - Fotografia do Livro Almanaque Nº 1. 23
Figura 5 - Fotografia da página 15 frente do livro Almanaque nº 1. 24
Figura 6 - Fotografia da página 15 verso, livro Almanaque nº 1. 25
Figura 7 - Casas da vila. 35
Figura 8 - Fotografia da entrada da vila de casas 36
Figura 9 - Fotografia do Álbum de Recortes de Primitivo Moacyr. 41
Figura 10 - Fotografia de Gustavo Bueno Moacyr. 42
Figura 11 - Recorte de jornal da Entrevista em sua residência em Petrópolis. 47
Figura 12 - Recorte do O Jornal, 1926. 53
Figura 13 - Fotografia dos Livros dos Documentos Parlamentares - Série Instrução Pública. 59
Figura 14 - Contracapa do volume 13. 59

LISTA DE QUADROS E GRÁFICO

Quadro 1 - Genealogia.....43
Quadro 2 - Resumo dos assuntos tratados no livro 147-A 63
Gráfico 1 - Frequência dos Assuntos Tratados.....68

LISTA DE SIGLAS

ABE - Associação Brasileira de Educação

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

IHGB - Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

INEP - Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos

SBHE - Sociedade Brasileira de História da Educação

SUESC - Sociedade Unificada de Ensino Superior e Cultura

UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

USP - Universidade do Estado de São Paulo

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	13
1	**QUE SUJEITO É ESSE?**	19
1.1	**O homem**	20
1.2	**O redator parlamentar: a carreira**	22
1.3	**O escritor memorialista**	29
1.3.1	Enfim, a realidade o que é?	30
1.3.2	"Que sujeito é esse que eu sou?", "Que sujeito diz de mim?", "Quem é esse ser que diz que eu sou e o que vivi?"	31
1.3.2.1	Esse sujeito que fui	34
1.3.3	Mas de qual língua realmente estamos falando? Com qual língua falamos?	36
1.4	**Espaços de inserção**	37
1.5	**O intelectual**	38
2	**ESCREVENDO A VIDA DE UM DÂNDI**	40
2.1	**Aparência e reclusão: características físicas e gostos refinados**	45
2.2	**Colecionando suas próprias histórias: a confecção de um álbum de recortes de jornal**	47
2.3	**A caminho da Europa: a Rússia como destino**	49
3	**OS SUBSÍDIOS DE MOACYR**	57
3.1	**Frequência dos assuntos tratados**	67
3.1.1	Escola normal: uma preocupação real ou a ordem do dia	68
3.1.2	Colégios particulares e escolas alemãs	71
3.1.3	Frequência, fiscalização e inspeção	72
3.2	**Um escritor e seu país: o lugar do Brasil na América Latina**	74
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
	REFERÊNCIAS	84
	ANEXO – Documentos	90

INTRODUÇÃO

Figura 1 - Fotografia de Primitivo Moacyr [Inglaterra 09/03/1904).

Fonte: Acervo pessoal da autora cedido por familiares.

Foi no campo da História da Educação, mais especificamente no Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, que iniciei minha trajetória acadêmica. Logo nos primeiros períodos, a partir do interesse despertado, fui orientanda de Iniciação Científica, fase que culminou na produção do estudo anterior: *Primitivo Moacyr: a arte de produzir material historiográfico*. O universo fantástico da descoberta e o convívio com os integrantes do grupo de pesquisa só intensificaram o meu interesse na investigação do referido autor, razão pela qual estou dando continuidade à construção de mais um saber e agregando conhecimento à academia que tão bem me acolheu.

O mestrado em Educação na linha *Instituições, Práticas Educativas e História*, no projeto *Casa e escola no Rio de Janeiro oitocentista: convivência e transição entre a educação doméstica, o ensino particular e a instrução pública (1850 – 1889),* coordenado pela professora doutora Maria Celi Chaves Vasconcelos, foi o próximo passo que me possibilitou continuar a investigação iniciada na graduação, tendo como tema a instrução pública nos escritos de Primitivo Moacyr. Nesse momento, meu foco foi dissertar sobre o

sujeito Primitivo Moacyr, a quem aprendi a amar e a odiar, e compreender sua produção sobre a educação a partir do lugar social de suas intervenções.

A impossibilidade histórica da verdade no fato em si permite-nos apenas o vislumbre do que poderia ter sido a real intenção do meu objeto de pesquisa, ao escrever sobre a instrução nas províncias do Império. As novas maneiras de se pensar a história acabaram por nos permitir tratar esse autor como uma fonte de informações. Portanto, perceber o traço da escrita de Moacyr foi uma das minhas principais questões, juntamente com a necessidade de se refazer o sujeito e o seu tempo, grandes e instigantes desafios, visto que sua produção é fonte de consulta e apoio para muitos trabalhos do campo e a preocupação em reuni-los na série dos *Documentos Parlamentares – Instrução Pública* foi a base para a publicação dos seus livros.

Assim, o problema de pesquisa proposto para este estudo está presente na indagação de quem era o sujeito e o intelectual Primitivo Moacyr e quais assuntos e abordagens foram mais frequentes para que escrevesse sobre a instrução pública.

Pela leitura de alguns livros produzidos pelo autor, pode-se perceber uma tendência muito forte em priorizar alguns aspectos da instrução pública. Entre eles, destaco o que chamou de *regimen universitario*. Há em sua obra um grande viés de visibilidade às reformas do ensino, à questão da escola normal, dos salários dos professores e do quantitativo de unidades escolares e alunos. Outras publicações também foram realizadas, como, por exemplo, sobre temáticas de instrução técnico-industrial[1] e agronômica. Ressalto, ainda, seu primeiro ensaio editorial denominado *O Ensino Público no Congresso Nacional: Breve Notícia (1916),* onde é possível perceber um panorama inicial do que viriam a ser suas publicações, já demonstrando qual seria sua marca historiográfica. Notadamente, todos os assuntos abordados são pertinentes à instrução pública, tema de sua preferência, e não se esgotam devido às publicações que vieram depois.

Nesse sentido, suas obras publicadas demoraram vinte anos para chegar ao prelo, com o volume 66 da Coleção Brasiliana Pedagógica sobre a instrução no Império, temática que foi tripartida em outros volumes, nos dois anos seguintes, com os números 87 e 121, abrangendo sucessivamente os períodos de 1823 a 1853, 1854 a 1888 e 1854 a 1889. Ainda sob a égide da *Cia. Editora Nacional*, publicou os volumes 147 (1939), 147-A (1939) e 147-B (1940), sobre a instrução nas províncias, subdividindo-os em três regiões territoriais: *Das Amazonas as Alagoas*; *Sergipe, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo* - e Mato Grosso, que não consta do

[1] A instrução técnica estava voltada para a industrialização crescente.

título, mas sim do conteúdo; e *Espirito Santo, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina, R. Grande do Sul e Goiaz.*

Em 1942, ano marcado pelo falecimento do autor, ele completou uma série de oito títulos na Coleção Brasiliana e publicou ainda mais dois novos títulos sobre a mesma temática, referentes ao estado de São Paulo, com dois volumes cada.

Especula-se que Primitivo Moacyr, prevendo o fim do seu tempo, tenha inundado o mercado literário do campo da historiografia com uma monumental produção, para a qual utilizou o maquinário da Imprensa Nacional, posto que não contasse com recursos tecnológicos que dessem conta de publicar tantos livros com média de quinhentas páginas cada. Só entre 1941 e 1942 ele publicou oito títulos sobre a instrução na República, focando principalmente as reformas e os códigos, bem como o ensino técnico e agronômico. Segundo o próprio Primitivo, a organização e a preparação para a produção das suas obras requeriam dele o necessário conhecimento de todos os fatos dos arquivos, uma verdadeira busca incansável e permanente. E assim ele se lançou no que chamou de "selva desértica", por cinco anos.

Em face do ponto de vista alegado por ele, este trabalho pretende demonstrar como o escritor pôde ter reunido tão vasto acervo, com os meios de reprodução do seu tempo, em um período tão curto de tempo. O objetivo geral desta pesquisa consiste em analisar a obra do autor Primitivo Moacyr sobre a instrução pública na Província do Rio de Janeiro, com o devido destaque para as escolhas que fazia.

Por outro lado, é possível separar a produção de Moacyr em dois momentos distintos e produtos do lugar social que ocupava (Michel de Certeau, 2010). Num primeiro momento, apesar de estar no seu local de coleta de subsídios para suas publicações, foi responsável pela organização dos *Documentos Parlamentares.* Destaca-se que, até agora, não foi possível confirmar se ele apenas tratou da *série Instrução Pública*, com treze volumes, ou se participou das outras séries que compõem a coleção, com aproximadamente cem volumes[2]. Tudo leva a crer, de acordo com a sua função exercida e com os Regimentos da Câmara, que ele tenha ficado responsável por todos os assentamentos. Após sua aposentadoria, e tal acontecimento é mencionado nas reportagens por ocasião de sua morte, publicou livros que levaram a sua assinatura e cujo teor reproduziu as mesmas temáticas apresentadas na série sob a sua responsabilidade e sobre a qual resolveu operar tecnicamente.

[2] Cf. Nota de falecimento publicada no Jornal do Brasil, em 04 de outubro de 1942.

Além da questão-problema que remete ao objetivo geral desta pesquisa, outras indagações permearam o estudo, entre elas: Quem foi esse homem que legou uma obra específica sobre a instrução pública, com um monumental acervo autoral publicado, além de outros treze livros sob a égide da Câmara Federal – Documentos Parlamentares – Série Instrução Pública? Como o cargo de Chefe da Secretaria dos Debates Parlamentares influenciou a sua trajetória de escritor? Quais os assuntos mais frequentemente tratados por ele em suas obras?

Para tentar responder às questões propostas neste estudo e preencher as lacunas sobre as condições de escrita de Primitivo Moacyr, os objetivos específicos foram: levantar a documentação sobre Primitivo Moacyr – o homem e o redator parlamentar – que reconstruísse aspectos de sua biografia pessoal e profissional; analisar como a profissão de redator dos documentos parlamentares influenciou a elaboração de suas obras; e identificar aspectos da condição de jornalista e memorialista que possam aparecer nos seus escritos. Enfim, em aspectos gerais, buscar elucidar como Primitivo Moacyr era visto no seu tempo histórico.

A metodologia utilizada remete a uma pesquisa qualitativa e, em grande parte, bibliográfica. Para tanto, procurei proceder[3] a uma pesquisa documental, visando atender melhor aos meus objetivos, sendo uma das peculiaridades a padronização de coleta de dados e a observação sistemática. Apesar de trilhar os mesmos percursos da pesquisa bibliográfica, tentei distingui-la, recorrendo também a fontes mais diversificadas, tais como livros, artigos científicos, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, fotografias etc.

Além disso, também realizei entrevistas com descendentes de Primitivo Moacyr, em especial seu neto, Gustavo Bueno Moacyr, com o qual busquei relevantes informações sobre o sujeito de minha pesquisa. Cabe ressaltar que a família também me forneceu acesso ao seu acervo pessoal que contém fotografias; certidões de nascimento, casamento e óbito; álbum de recortes de jornais; muitos manuscritos; artigo em congresso publicado na forma de livreto; além de algumas correspondências e telegramas. Esse material foi de fundamental importância para a escrita da dissertação, contudo usado apenas em uma ínfima parte, deixando inúmeras possibilidades para pesquisas posteriores.

Com o objetivo de selecionar as principais fontes para avaliar a obra de Primitivo Moacyr a respeito da instrução pública na província do Rio de Janeiro, concentrei a minha investigação na obra *A Instrução e as Províncias: subsídios para a História da Educação no Brasil - 1835-1889* (Sergipe, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo), volume 147-A da Coleção

[3] Cf. Gerhardt e Silveira, 2009.

Brasiliana Pedagógica, publicada em São Paulo pela Companhia Editora Nacional, no ano de 1939. Assim, todo o estudo versará em torno da seção deste livro, justamente por considerá-lo o mais representativo para a província cenário do foco da investigação.

Dos trabalhos já publicados sobre o mesmo tema e que compõem a Revisão da Literatura – Estado do Conhecimento -, contribuindo para a elaboração deste estudo, selecionei uma tese, um artigo e um livro. O primeiro foi a tese de doutorado em Educação: *Tessituras do Ensino Público: a unidade em Primitivo Moacyr (1910 – 1930),* de autoria de Luiz Antonio de Oliveira, defendida em 2014. Nela o autor defende a expansão da instrução primária como o principal suporte para a educação no Brasil e ainda revela a posição de Moacyr em relação à instrução primária, que responsabilizava o Estado Brasileiro.

O artigo abordado foi *O ensino público como projeto de nação: a "Memória" de Martim Francisco (1816-1823),* dos autores Bruno Bontempi Jr e Carlota Boto, publicado em 2014, onde os autores analisam o documento "à luz da mentalidade de sua geração", sendo, por outro lado, posteriormente apresentado à Comissão de Instrução da Assembleia Constituinte, acontecimento pesquisado por Primitivo Moacyr.

Complementando a Revisão da Literatura, incluí o livro *O olho e a mão da autoridade*: a inspeção da instrução na província do Rio de Janeiro (1850-1889), de Vinícius Santos (2017), produto da tese defendida na Universidade Católica de Petrópolis.

Além desses, as fontes jornalísticas no Jornal do Brasil - disponíveis *online*; no *Jornal do Commercio* – na Seção de Periódicos na Biblioteca Nacional; e na Revista Fon-Fon[4] – disponível *online* pela Biblioteca Nacional serviram para verificar escritas pessoais com o propósito de possibilitar um panorama do autor. A escritura de suas obras pressupõe uma atitude de neutralidade usual no tempo histórico, havendo poucas inserções de suas opiniões nos textos e recortes de jornais do acervo pessoal de Primitivo Moacyr, o que desperta e aguça ainda mais a necessidade de compreendê-lo.

Assim, organizo os capítulos partindo da morte desse sujeito, talvez pelo fato de ter localizado a sua certidão de óbito - documento que, até então, não havia sido visto em nenhum outro trabalho, e, confesso, para uma iniciante, esse fato foi bastante significativo. Em referência a George Duby, quando andava com suas Cartas[5] como se fossem troféus, trato os documentos recolhidos por mim, em meio à pesquisa acadêmica, como se também o fossem.

---

[4] Revistas Fon-Fon! Anno II, n. 9 e 10, 6 e 13 de junho de 1908, ambas do acervo da Biblioteca Nacional.

[5] O "Recueil des chartes de l'abbaye de Cluny", na coleção "Documents inédits sur l'histoire de France". Biblioteca Nacional da França. Disponível em http://gallica.bnf.fr, acesso em 26 de abril de 2011.

Neste estudo me dispus a dissertar sobre o homem, o redator parlamentar e o escritor memorialista, discorrendo sobre a vida marcada pela seleção que se impôs como estudioso da história da educação no Brasil.

Quase no limiar do término deste trabalho finalmente encontrei parentes desse sujeito, no caso: neto, neta e bisnetos, com quem tive a oportunidade de conhecer documentos inéditos, além de abordá-los sobre a ótica familiar. Portanto, incluo-os no segundo capítulo da presente dissertação, por considerar relevante e enriquecedor trazer um pouco do que a família partilhou comigo, frente à relevância dos apontamentos sobre a vida tão reservada do autor.

O terceiro capítulo se vale do livro 147-B Seção Província do Rio de Janeiro para demonstrar, através de quadros e gráficos, o que me pareceu ser a visão de Primitivo Moacyr sobre a instrução pública no Rio de Janeiro, observando suas escolhas e a frequência dos tópicos que registrou e dos que apagou em sua cronologia expositiva. Focalizando as alterações na série histórica, reflito sobre os assuntos de maior interesse dele. Também no terceiro capítulo, sob a influência da mesa coordenada na sétima edição do Congresso Brasileiro de História da Educação, promovido pela Sociedade Brasileira de História da Educação - SBHE, em parceria com a professora Rosana Areal de Carvalho[6], comecei a investigação sobre a posição política de Primitivo Moacyr, no que tange ao pertencimento do Brasil imperial como uma nação da América Latina. Na oportunidade, a professora Rosana se dedicou às escolhas que esse autor selecionou ao escrever sobre a instrução pública na Província de Minas Gerais, cabendo a mim o que dizia respeito à Província do Rio de Janeiro. O resultado desse trabalho é aqui incorporado com mais detalhes por se tratar da província em questão.

E, por fim, julgando este trabalho como não conclusivo, encerro com as considerações finais, apresentando alguns aspectos do processo investigativo e sugerindo continuidades e avanços, com o indicativo de novas pesquisas, visto alguns limites desta investigação, seguido das referências bibliográficas. E apresento, ainda, a bibliografia da produção do autor e a dos Documentos Parlamentares - Série Instrução Pública, ambas organizadas por mim.

[6] Pesquisadora da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

1 **QUE SUJEITO É ESSE?**

No dia 02 de outubro de 1942, Primitivo Bueno Moacyr declarou ao Cartório da 4ª Circunscrição do Registro Civil das Pessoas Naturais, no bairro do Catete, Rio de Janeiro, que seu pai, Primitivo Moacyr, falecera aos 75 anos e 5 meses, embora na transcrição do livro 112 para a certidão de óbito o funcionário do cartório não tivesse informado os cinco meses, os quais declarara oralmente, como observei na oportunidade em que tive acesso ao documento original.

Esse tipo de narrativa, redigida por tabeliães que ocupam a função de datar e documentar fatos, entre eles o mais verídico de todos e do qual a história não pode se distanciar, que é a morte, representa, para o pesquisador, um porto seguro de partida, pois transmite a sensação de começar de um fato indiscutível.

De acordo com Duby (1993), tal documento não dá a ver o homem nas suas nuances particulares e que a escrita da história insiste em cavoucar[7], e esta foi a perspectiva de busca realizada no presente trabalho: entender, de modo verossímil, os aspectos do homem, do redator parlamentar e do escritor memorialista, esse último pautando as suas escolhas de palavras nos *Annaes* da Câmara Federal, local de suas "escavações" e de grande parte das pesquisas que realizou para escrever seus livros. A intenção aqui é perceber que, apesar do aparente distanciamento que Moacyr queria demonstrar de interferência nos temas abordados nos seus livros, ele pode ser reconhecido nas escrituras do seu tempo, praticando suas escolhas.

No dia 03 de outubro de 1942, o *Jornal do Commercio* noticiou o seu falecimento, bem como o jornal *O Imparcial,* da Bahia. Na sequência, o ministro da Educação, Gustavo Capanema, publicou uma nota no *Jornal do Commercio* sobre o falecimento de Primitivo e, em 04 de outubro, o Jornal do Brasil publicou outra nota extensa sobre a vida e obra do autor.

Assim, revolvendo as cinzas, adentramos em seu passado reconstruído, considerando a necessidade de situá-lo no tempo histórico, bem como de apreender a subjetividade encontrável tanto no plano individual de sua existência quanto no coletivo que externa o que ele produzia e para quem produzia.

A seguir, serão apresentados aspectos de sua vida pessoal: o homem e o profissional.

[7] Cf *O Cortiço*. Aluízio Azevedo, 1890 e *A História Continua.* George Duby, 1993.

1.1 **O homem**

Primitivo foi casado com Maria Pimenta Bueno Moacyr[8] e teve dois filhos: Primitivo Bueno Moacyr e Carlos Moacyr. Talvez por conta de sua morte prematura, inicialmente encontrei poucos registros sobre Carlos: a referência ao sustento de seus filhos, em correspondência manuscrita do pai ao amigo Fonseca Hermes, irmão do presidente da República, em 1911; a publicação de telegrama de pêsames do gabinete do presidente da República, Artur Bernardes, em 1923; uma nota do editor do *Jornal do Commercio*, fazendo menção à existência de Carlos Moacyr; e a citação de Luiz Antônio Oliveira, em sua tese *Tessituras do ensino público*: *a unidade em Primitivo Moacyr* (1910 – 1930), em 2014, defendida na Universidade Estadual de Maringá, que apresenta fotografias dos meninos em colégio na Suíça (OLIVEIRA, p. 43-44). Já sobre o filho homônimo foram encontrados mais registros, os quais acompanhei na intenção de localizar algum parente vivo. Sobre a esposa falecida ainda tão jovem, apresento abaixo a Fotografia 2.

Figura 2 - Fotografia de Maria Pimenta Bueno Moacyr. s/d

Fonte: Acervo pessoal da autora cedido por familiares.

[8] Ver foto mais adiante.

Primitivo manteve por muito tempo o escritório de advocacia na Rua da Quitanda, 95, com o ex-presidente da Câmara, Carlos Peixoto de Melo Filho[9], e com Josino de Araújo[10], estabelecimento este largamente anunciado no *Jornal do Commercio,* nos anos de 1912, 1913 e 1914, o que foi o bastante para que eu interrompesse a pesquisa por ver atendida a confirmação da atuação dele como advogado e de com quem ele atuou profissionalmente.

Na verificação da profissão de professor, que se supõe tenha exercido, recebi dos familiares uma imagem dele, já idoso, sendo supostamente homenageado em escola que, provavelmente, se situava na cidade de Lençóis, na Bahia, onde nasceu (Fotografia 3).

Figura 3 - Primitivo na Bahia (Escola sem identificação).

Fonte: Acervo pessoal da autora cedido por familiares.

Primitivo exerceu, ao mesmo tempo em que estava na Câmara Federal, a função de Procurador dos Feitos da Saúde Pública, órgão ligado ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores, tendo sido nomeado em dezembro de 1905. Colaborando[11] com Oswaldo Cruz[12] (1872-1917) na defesa do saneamento urbano, foi exonerado em fevereiro de 1911, pelo

[9] Mineiro, formou-se na Faculdade de Direito de São Paulo. Amigo de João Pinheiro, presidente do estado de Minas Gerais, foi escolhido para ser o líder da representação do estado de Minas na Câmara e depois líder da maioria. Alistou-se nas fileiras do Civilismo, agremiação que se formou para combater a candidatura militar do marechal Hermes da Fonseca à sucessão do presidente Affonso Penna. Faleceu em 1917. (NETO, Casimiro. História da Câmara dos Deputados, 2003).

[10] Deputado na Assembleia Legislativa de Minas Gerais.

[11] Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana, Nei Lopes, disponível na Biblioteca da PUC/Rio.

[12] Cientista, médico, bacteriologista, epidemiologista e sanitarista brasileiro.

presidente da República Hermes da Fonseca. Em carta[13] ao deputado mineiro Fonseca Hermes[14], alegou sua neutralidade política, demonstrando não ser eleitor da República e considerando sua exoneração como uma injustiça partidária.

Primitivo deu vista às reformas propostas na Câmara pelo ministro Augusto Tavares de Lyra (1872-1958)[15], inclusive tratando especificamente de matérias em publicação oficial, no cargo exercido de redator: *Documentos Parlamentares Instrucção Publica: Plano Integral de ensino, Projeto Tavares de Lyra* (1907 – 1908).

Em seu primeiro livro: *O Ensino Público no Congresso Nacional: Breve Notícia* (1916), ao tratar do Regime Universitário, ele não só apresentou os debates ocorridos na Câmara como também o projeto de reforma do ensino público, do então ministro da Justiça e Negócios Interiores, Tavares de Lyra, proposto à votação dos deputados federais. Sobre esse projeto, Primitivo Moacyr ressaltou "que pela primeira vez, no regimen republicano, a Legislatura recebe um documento deste gênero com idéas definidas sobre a instrucção integral, desde a primeira até o curso superior". Informou ainda que esse projeto, aprovado com algumas emendas e enviado ao Senado em junho de 1908, destacava a "parte mais interessante do problema a diffusão da instrucção popular, e que foi arquivado em virtude da autorização ao Ministro Rivadavia Correa para reformar o ensino".

O autor deu destaque ao projeto desse ministro, que não fora aprovado no Senado, mas o que ocorreu realmente foi que, em 1911, o presidente Hermes da Fonseca nomeou para o Ministério o senhor Rivadavia Correa[16] e obviamente a sua reforma de ensino.

1.2 **O redator parlamentar: a carreira**

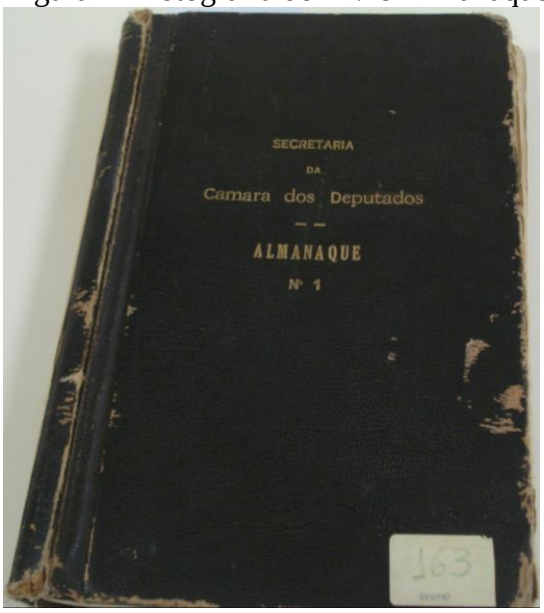
Primitivo começou a trabalhar para a Câmara dos Deputados Federais em 20 de maio de 1895. Em 30 de dezembro de 1906 (Figura 5), concorreu, em Concurso Público, para o cargo de Redator dos Debates Parlamentares, sendo nomeado pela Mesa da Câmara[17]. Na sequência de sua ascensão, já com dez anos de funcionalismo público, Primitivo Moacyr tinha

[13] Ver correspondência manuscrita por Primitivo Moacyr, em Melo, 2012.
[14] João Severiano da Fonseca Hermes (s/d), vereador em Juiz de Fora (MG) entre 1887 e 1889, grão-mestre do Grande Oriente do Brasil, de fevereiro de 1926 até junho de 1927, advogado, professor, teve quatro legislaturas, sendo duas pelo Rio de Janeiro e duas pelo Rio Grande do Sul. Irmão mais novo do Mal. Hermes Rodrigues da Fonseca (8º presidente).
[15] Ministro da Justiça e Negócios Interiores do governo Afonso Pena.
[16] Foi ministro da Fazenda no governo de Hermes da Fonseca, de 9 de maio a 11 de agosto de 1913, como interino, e, a seguir, como efetivo, de 11 de agosto a 15 de novembro de 1914. Cf. Centro de Memória do ISERJ. Cf. CURY, 2011.
[17] Conforme o Almanaque nº 1 da Câmara dos Deputados.

acesso às transcrições taquigráficas e/ou estenográficas[18] dos debates, pelas atribuições a ele conferidas. Não se pode afirmar quais meios ou processos mecânicos ele tenha utilizado para reunir material, uma vez que o *Livro dos Tachigraphos* foi extraviado na mudança do acervo legislativo para o novo Distrito Federal, em Brasília. Assim, não foi possível encontrar - por ora - o assentamento que mostraria a sua especialidade como taquígrafo ou estenógrafo[19]. O que se sabe é que trabalhou na 3ª Seção da Secretaria da Câmara dos Deputados (*Stenographia e Redacção dos Debates*), o que sugere um acúmulo de transcrições dos *Annaes*, fonte para publicação da série[20] dos Documentos Parlamentares – Instrução Pública, a partir de 1918.

A seção de pessoal dos funcionários da Câmara Federal mantinha, à época em que Primitivo Moacyr trabalhou, um livro de apontamentos chamado de Almanaque, com 250 folhas devidamente rubricadas para assentamento de notas relativas ao funcionalismo da Secretaria. Os números e escritas em tinta vermelha, seguintes ao nome de cada funcionário, reportam-se às páginas dos livros de assentamentos anteriores, de onde foram extraídas, que passo a apresentar a seguir, junto com as páginas de apontamentos sobre o funcionário em questão, retratados nas Fotografias 4 e 5.

Figura 4 - Fotografia do Livro Almanaque Nº 1.



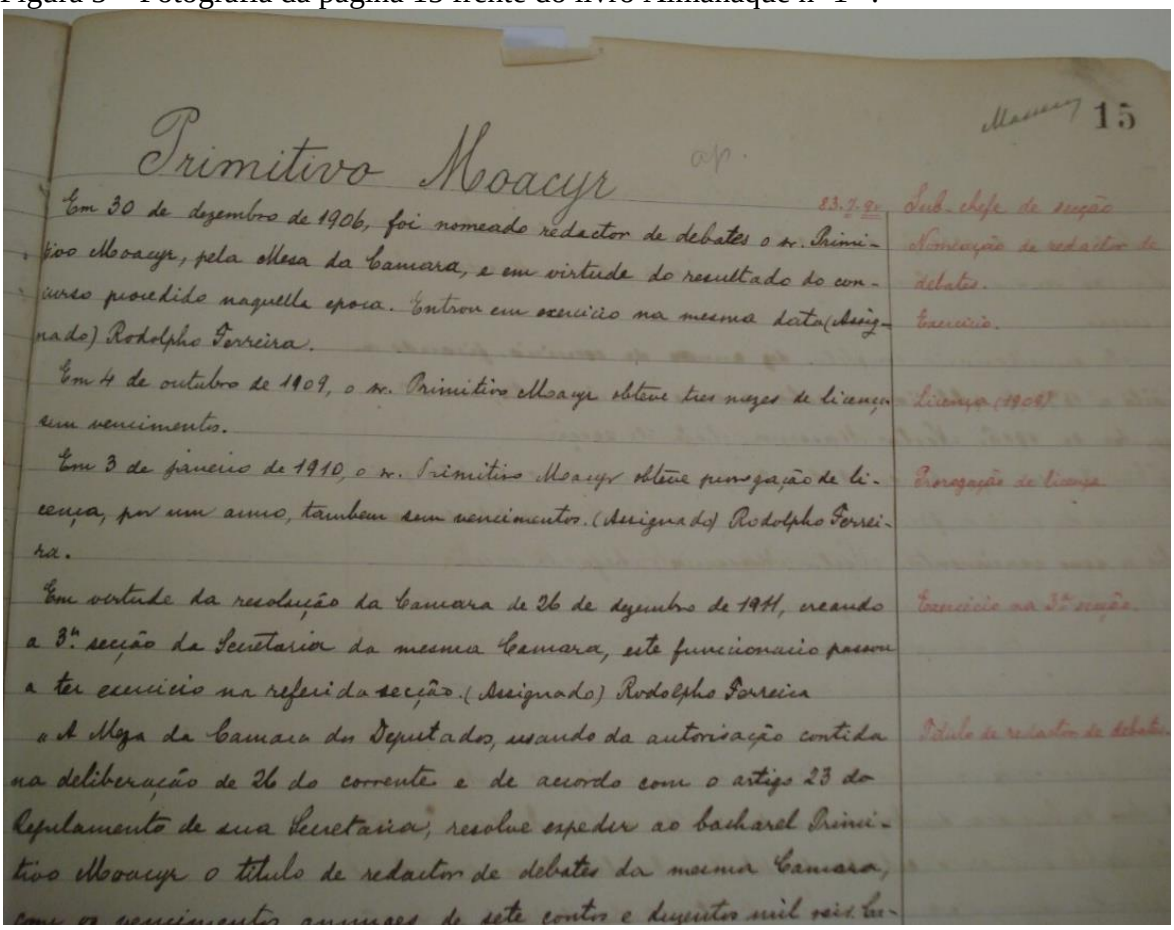
Fonte: Biblioteca da Câmara – Brasília, DF.

[18] Quanto à consulta sobre o emprego dos termos localizados em Regimentos e Atas, obtive, por e-mail, a informação de que: "Não foi localizada, nas nossas bases, legislação interna que permita afirmar se havia cargo de estenógrafo e/ou taquígrafo, nem que a Câmara utilizava os termos como sinônimos com alguma frequência". Centro de Documentação e Informação da Câmara Federal, 19 de junho de 2012.

[19] Em seus manuscritos cedidos por familiares não encontrei nenhum rascunho nessa modalidade de escrita.

[20] Os livros *Documentos Parlamentares* são organizados em séries. No caso, utilizei a série citada (13 vols.), havendo outras as quais não me debrucei. Tenho notícia de, pelo menos, mais uns 100 volumes.

Figura 5 – Fotografia da página 15 frente do livro Almanaque nº 1[21].



Primitivo Moacyr 15

Em 30 de dezembro de 1906, foi nomeado redactor de debates o sr. Primitivo Moacyr, pela Mesa da Camara, e em virtude do resultado do concurso procedido naquella epoca. Entrou em exercicio na mesma data (assignado) Rodolpho Ferreira. — 23.7.9[illegible] Sub-chefe de secção Nomeação de redactor de debates. Exercicio.

Em 4 de outubro de 1909, o sr. Primitivo Moacyr obteve tres mezes de licença sem vencimento. — Licença (1909)

Em 3 de janeiro de 1910, o sr. Primitivo Moacyr obteve prorrogação de licença, por um anno, tambem sem vencimentos. (assignado) Rodolpho Ferreira. — Prorogação de licença

Em virtude da resolução da Camara de 26 de dezembro de 1911, creando a 3ª secção da Secretaria da mesma Camara, este funccionario passou a ter exercicio na referida secção. (assignado) Rodolpho Ferreira — Exercicio na 3ª secção.

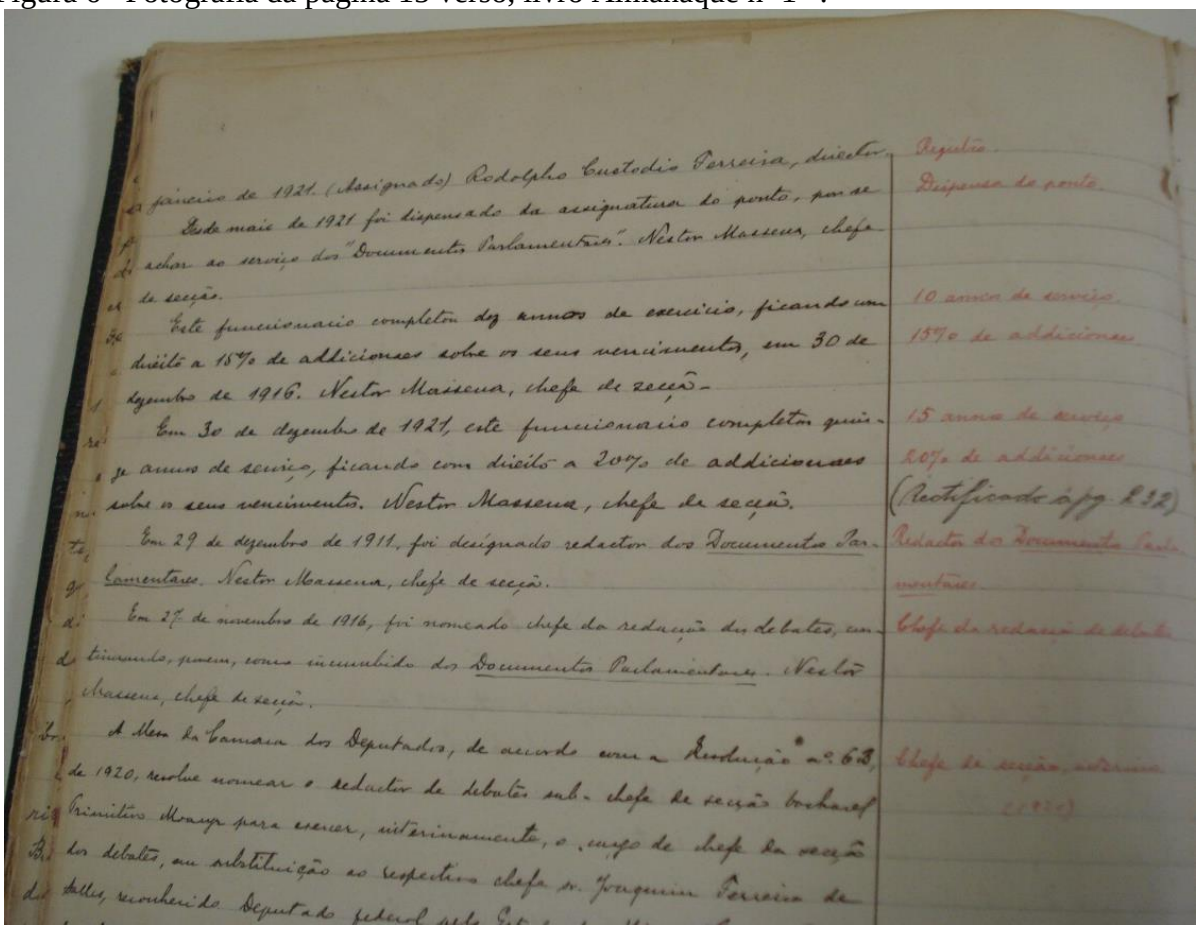
A Meza da Camara dos Deputados, usando da autorisação contida na deliberação de 26 do corrente e de accordo com o artigo 23 do Regulamento de sua Secretaria, resolve espedir ao bacharel Primitivo Moacyr o titulo de redactor de debates da mesma Camara, [illegible] — Titulo de redactor de debates.

Fonte: Biblioteca da Câmara – Brasília, DF.

Como se observa no verso da página 15 (Figura 6) do Almanaque nº 1, em 1911 Moacyr foi designado para a Redação dos Debates. A partir daí passo a construir a teorização de que ele acumulou e manteve um arquivo particular com a intenção da futura monumental publicação iniciada em 1916, com o livro *O Ensino Público no Congresso Nacional: Breve Notícia*. Tal publicação remete aos futuros lançamentos que faria da coleção historiográfica, entrelaçando temáticas ligadas à instrução pública, que viriam a ser a base de consulta de historiadores do campo da História da Educação no Brasil. Importa destacar que ele só voltou a publicar a partir de 1936.

[21] Transcrição da página do livro. Primitivo Moacyr. Em 30 de dezembro de 1906, foi nomeado redactor de debates o sr. Primitivo Moacyr, pela Mesa da Camara, e em virtude do resultado do concurso procedido naquella epoca. Entrou em exercicio na mesma data (assignado) Rodolpho Ferreira. Em 4 de outubro de 1909, o sr. Primitivo Moacyr obteve tres mezes de licença sem vencimento.Em 3 de janeiro de 1910, o sr. Primitivo Moacyr obteve prorrogação de licença, por um ano, tambem sem vencimentos. (assignado) Rodolpho Ferreira. Em virrtude da resolução da Camara de 26 de dezembro de 1911, creando a 3ª secção da Secretaria da mesma Camara, este funcionario passou a ter exercicio na referida secção. (assignado) Rodolpho Ferreira A Meza da Camara dos Deputados, usando da autorisação contida na deliberação de 26 do corrente e de accordo com o artigo 23 do Regulamento de sua Secretaria, resolve espedir ao bacharel Primitivo Moacyr o titulo de redactor de debates da mesma Camara, com vencimentos anuaes de sete contos e duzentos mil reis [...].

Figura 6– Fotografia da página 15 verso, livro Almanaque nº 1[22].



Fonte: Biblioteca da Câmara – Brasília, DF.

No que diz respeito à seção *Redação dos Debates*, pode ser verificado no Regimento Interno da Câmara dos Deputados (Consolidação de todas as disposições aprovadas), edição de 1915, Capítulo 17, que trata dos Serviços de Estenografia e Redação dos Debates, no artigo 241, onde se lê:

> Esses serviços, sob a imediata fiscalização e direção da Mesa, constituem uma seção com duas subseções e com o seguinte pessoal: Estenografia – um chefe, um subchefe, oito taquígrafos de 1ª classe, dois de 2ª, dois de 3ª (2) e dois suplentes; Redação dos Debates – um superintendente, um chefe, um redator dos Annaes, um

[22] Transcrição do verso da página do livro. [...] janeiro de 1921 (assignado) Rodolpho Custodio Ferreira, director. Desde maio de 1921 foi dispensado da assignatura do ponto, por se achar ao serviço dos "Documentos Parlamentares". Nestor Massena, chefe de secção. Este funcionario completou dez anos de exercicio, ficando com direito a 15% de addicionaes sobre os seus vencimentos, em 30 de dezembro de 1916. Nestor Massena, chefe de secção. Em 30 de dezembro de 1921, este funcionario completou quinze annos de serviço, ficando com direito a 20% de addicionaes sobre os seus vencimentos. Nestor Massena, chefe de secção. Em 29 de dezembro de 1911, foi designado redactor dos Documentos Parlamentares. Nestor Massena, chefe de secção. Em 27 de novembro de 1916, foi nomeado chefe da redacção dos debates, continuando, (ilegível), como incumbido dos Documentos Parlamentares. Nestor Massena, chefe de secção. A Mesa da Camara dos Deputados, de acordo com a Resolução nº 62, de 1920, resolve nomear o redactor de debates sub-chefe de secção bacharel Primitivo Moacyr para exercer, interinamente, o cargo de chefe da secção dos debates, em substituição ao respectivo chefe sr. Joaquim Ferreira de Salles, reconhecido Deputado federal pela [...]

> redator de documentos parlamentares, seis redatores dos debates, dois suplentes, um chefe de seção da Secretaria e um oficial, funcionário da Secretaria.
> § único. Os funcionários de que trata este artigo serão nomeados e dispensados pela Mesa, devendo ser conservados enquanto bem servirem.
> (2)23 Três vagas de taquígrafos de 1ª classe serão ainda subdivididas, cada uma, em dois lugares de taquígrafos de 2ª e 3ª classe (Art. 4º § 1º do Regulamento respectivo) 24. Câmara dos Deputados: Regimento Interno 1915, p. 92.

Com relação à reprodução de cópias de documentos, foi elaborado um Regulamento, em 06 de dezembro de 1920, cujo teor foi transcrito pelo Centro de Documentação e Informação da Biblioteca da Câmara Federal em um documento em formato PDF - Portable Document Format ou Formato Portátil de Documento, com 56 páginas, onde não foi possível perceber as informações editoriais para a referência bibliográfica.

> Secção X - Das cópias
> Art. 24. Os documentos destinados à composição tipográfica, sejam para a publicidade no Diário do Congresso, sejam para a organização de avulsos impressos, não deverão ser enviados às oficinas em original, mas em cópia.
> § 1º As cópias de quaisquer documentos poderão ser manuscritas ou datilografadas.
> § 2º As cópias manuscritas serão feitas, de preferência, pelos terceiros oficiais e pelos auxiliares, e as à máquina pelos datilógrafos25. Câmara dos Deputados: Centro de Documentação e Informação, 2011, p. 8.

Considerando que sua monumental obra esteja totalmente baseada nos volumes dos Documentos Parlamentares e, por contrapartida, nos debates e nas decisões tomadas no ambiente da Câmara Federal, encontro, assim, uma provável contradição com o que ele próprio declarou em entrevista ao Jornal do Brasil e que serviu de epígrafe ao presente trabalho. Na ocasião da publicação do segundo volume sobre a Instrução e o Império (1937), quando convidado pelo jornalista a apresentar um estudo crítico "que desse uma impressão de conjunto da evolução da educação brasileira", Primitivo respondeu com uma carta, da qual o jornal extraiu os seguintes tópicos:

> [...] O seu apelo final não pode ser ainda atendido. Este trabalho está ainda incompleto. No terceiro volume trato do ensino secundario, superior, artístico, militar, profissional e universitário, etc., de 1850 a 1889. Esses três volumes se referem somente ao Estado (União). Preparo mais 2 volumes sobre as Províncias (1853-1889), sob o título: A Instrução e as Províncias: Províncias do Norte. 1º volume; Províncias do Sul e Centro. 2º volume (foram publicados 3 volumes26). Este estudo qual o 1º volume já está pronto é muito interessante. Há cinco anos penetrei nessa selva selvaggia, sem conhecer-lhe a extensão e profundidade...27
> Como dar um balanço crítico da obra educacional da Monarquia, sem o conhecimento de todos os fatos (ao menos os encontrados nos arquivos)? Se o fizesse agora faria falho, como alguns trabalhos que teem sido publicados.

[23] Esta era a forma similar à Nota de Rodapé observada no documento.
[24] Transcrição para a forma gramatical mais recente elaborada por mim.
[25] Idem para essa transcrição.
[26] Aposto feito pela redação do Jornal do Brasil.
[27] Grifo feito por mim para destacar a epígrafe.

> Sem a publicação inteira do meu trabalho: A Instrução e o Imperio, 3 volumes. A Instrução e as Províncias, 2 volumes todo estudo crítico é... (ilegível) e, o que é mais injusto para com o Imperio. Jornal do Brasil, 1942

Interessante perceber a contagem dos anos de 1937 até 1942 como um período bem curto para que Moacyr reunisse tantos subsídios e preparasse sua obra[28]. Ao mesmo tempo, aceitar como certo o seu desconhecimento da extensão do material com o qual teria que lidar causa surpresa frente ao tamanho da sua produção. Como expus acima, o sistema de cópias da época era bem complexo e sabemos que ele ocupou a função na Câmara para não só compreender a selva como também selecionar, catalogar e copiar o acervo. E isso certamente não ocorreu em aproximadamente cinco anos, como ele tão ufanamente conclamou em sua entrevista ao Jornal do Brasil. No ano do seu falecimento deixou seis de seus livros já indicados para impressão.

Por outro lado, talvez Primitivo Moacyr fosse apenas um homem do seu tempo, enquanto a disciplina História dava seus primeiros passos de sistematização. Para os historiadores, em cortes positivistas do século XIX e início do XX, a História se escrevia fundamentalmente através dos documentos preservados nos arquivos, que comprovariam como a história aconteceu. Não havia uma crítica documental, no sentido mais atual, de ponderar a respeito das intenções dos escribas. Então, pode ser que criticar e demonstrar a evolução a que se propôs significasse recolher uma vasta documentação e organizá-la em termos de uma lógica temporal progressiva e linear.

Bruno Bontempi Junior e Maria Lúcia Spedo Hilsdorf [29], na análise que empreenderam para a produção do artigo intitulado *Instrução na Província de São Paulo: no contraponto das vozes, três tendências e um desvão*, com relação a "fala do centro" na base documental de Primitivo Moacyr, defendem que ele organizou e costurou os textos legislativos opondo as iniciativas do poder central e dos poderes provinciais para expressar sua posição política na questão educacional.

Por reconhecerem Primitivo como um catálogo de fonte, recorto de seu artigo como se segue:

> Pela diversidade de formas e critérios com que introduz em seus textos a legislação, ora apresentando transcrições, ora sumarizando, ora referindo também os debates parlamentares que a antecederam e os relatórios de ministros e outras autoridades que a avaliaram, e ainda pelo recurso do uso do itálico para destacar o que considerava mais importante, ele deixa entrever seus interesses e preferências e se comporta como um crítico discreto, mas presente, da educação brasileira no período focalizado. Moacyr dispõe em ordem cronológica a documentação oficial, com um

[28] A bibliografia dessas obras poderá ser consultada ao final deste trabalho.
[29] Professores da Universidade de São Paulo – USP.

> tipo de organização e estrutura que sugere a utilização de sua obra como fonte primária pelos pesquisadores (BONTEMPI JR., Bruno. HILSDORF, Maria Lúcia Spedo, 2011, p.57).

Aos 40 anos, Primitivo Moacyr iniciou sua experiência literária com o livro *Ensino Publico no Congresso Nacional: Breve notícia* (1916),[30] demonstrando claramente sua opção em se utilizar da temática da educação nos conteúdos dos discursos travados no âmbito da Câmara Federal. Assim, com o tempo, o seu interesse foi também se voltando para a abordagem de temas tais como ensino profissional, reformas do ensino, ensino jurídico e agronômico, entre outros que permeavam os debates na Casa em cuja redação fora, por muito tempo, funcionário e chefe de seção.

José Gonçalves Gondra, Márcio Pessoa e eu[31] apresentamos um artigo que visava observar alguns comandos contidos na escrita desse autor, privilegiando entradas pontuais em dois de seus trabalhos. O primeiro consiste nesse primeiro livro publicado em 1916, e o segundo como a ponta final da enunciação de Moacyr, *A Instrução e a República – Ensino Agronômico (1892 – 1929),* integrando os volumes publicados pelo INEP em 1942. A proposta foi realizar o exercício de interligar palavras separadas por 26 anos e, com essa operação, tentar observar traços organizadores dessa escrita para pensar a que se ligam, o que alteram e o que reforçam em termos de tradição historiográfica. Tais extremos nos permitiram pensar sobre a forma de história e o regime de existência do qual Primitivo fez parte.

Ao constatar tal autor como um monumental *autor-arquivo*, concluímos que:

> Na escolha dos focos, na constituição do núcleo documental, no tratamento espacial, no ordenamento cronológico, nas escalas de observação e nas comparações e apreciações introduzidas ao longo do texto, aí comparecem os traços de uma disciplina em organização e os pertencimentos e posições sociais do autor. Esse importante conjunto de elementos permite afirmar que as palavras aqui postas em relação encontram-se bem interligadas apesar de haver um intervalo de enunciação entre elas de mais de duas décadas. Esse tempo, contudo, parece ter se dissolvido e as palavras demonstram possuir íntima associação, como se pode evidenciar no estudo da operação historiográfica adotada por Primitivo Moacyr por ocasião da escrita dos dois livros-arquivo publicados em distintos momentos de sua vida (Gondra, Pessoa e Melo, 2011).

É, portanto, a marca ou a força do presente e das contingências vividas por Primitivo Moacyr, a crença na ciência e o desejo de progresso, que demonstram ter conduzido a palavra desse escritor que se associou e procurou emprestar poder a uma determinada arte de se fazer história da educação no Brasil. O modo utilizado por ele parece ser de mão dupla, pois, ao recorrer a essa prática de escrita e de disseminação do saber relativo aos problemas

[30] Para melhor aprofundamento, ver Carvalho; Mesquita, 2013.
[31] VI Congresso Brasileiro de História da Educação, disponível em http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe6/anais_vi_cbhe/-individuais.htm

educacionais, o autor também define um lugar para si, procurando, por meio da historiografia, legitimar-se no interior do aparelho legislativo, no debate educacional e no mundo dos letrados.

1.3 **O escritor memorialista**

Patrícia Porto apresenta em seu artigo *Narrativas memorialísticas: memória e literatura*[32] as bases para se compreender o fluxo da narrativa memorialista, trazendo o pré-socrático Heráclito:

> Voltamos assim ao pensamento de Heráclito, filósofo que entendia o mundo como fluxo contínuo de mudanças. Heráclito foi muito mais do que um filósofo que precedeu Sócrates. Ele foi, sem dúvida, fonte para muitos pensadores que acreditaram – como ele – na dinâmica das coisas. Para Heráclito o devir da existência não poderia ser estático, já que o mundo não era estático. Dessa cosmologia pré-socrática, podemos retirar algumas pistas para compreender o fluxo da narrativa memorialística que se localiza numa alternância sutil entre ficção e história, entre o real e o imaginário, entre o natural e o maravilhoso, entre o consciente e o inconsciente. E a busca pela verdade pertence a todos os tempos, a todas épocas humanas. Nós buscamos a verdade nas divindades, na fé que remove montanhas, buscamos a verdade como atividade intelectual e, por isso, refletimos sobre as coisas e queremos saber o porquê das existências ordinárias e extraordinárias (PORTO, 2011, p. 195).

Porto (2011) chama a atenção para o fato de que o narrador memorialista[33] é um *fingidor,* usando a interessante poesia de Fernando Pessoa. Assim, prossegue analisando que a linguagem poética é o instrumento que esse tipo de narrador seleciona. Ademais, faz alguns questionamentos, aos quais penso enquadrar Primitivo Moacyr, para justificar a designação de memorialista, tendo em vista o fato de sua produção não apresentar lembranças explícitas da sua vida, bem como a designação de memorialista estar imbricada com a função de autobiografia da própria existência do narrador.

No texto *Narrativas memorialísticas: memória e literatura,* a autora aborda algumas questões centrais como: "O que é a realidade? Que sujeito é esse que sou? Quem é esse ser que diz que eu sou e o que vivi? Com qual língua nos expressamos?". Ao selecionar esses questionamentos a respeito do sujeito memorialista, analiso o efeito dessas questões na escrita de Moacyr e assim passo a pensar na possibilidade de ser ele um escritor memorialista.

A pesquisa que fiz sinaliza que Moacyr se autobiografou ao selecionar e registrar legislações e debates parlamentares que, em certa forma e medida, irão contar a sua própria

[32] Disponível em Revista Contemporânea de Educação N º 12 – agosto/dezembro de 2011.
[33] Exemplos de memorialistas contemporâneos de Moacyr: Érico Veríssimo (1905-1975), Manuel Bandeira (1886-1968), José Lins do Rego (1901-1957), Graciliano Ramos (1892-1953) e Pedro Nava (1903-1984).

história e, segundo a opinião do Jornal do Brasil, o desgaste da própria saúde, culminando com a morte.

1.3.1 Enfim, a realidade o que é?

> Enfim, a realidade o que é? E as verdades guardadas na realidade, quantas são? Sim, nós queremos saber das coisas, da matéria dos sonhos, como disse Shakespeare sobre o teatro. A literatura memorialista é como um teatro da narrativa, e as máscaras com os quais o narrador se apresenta vêm em camadas num sutil palimpsesto de rostos. O narrador memorialista é um fingidor, como no poema de Fernando Pessoa (2003), chega a fingir que é dor a dor que deveras sente (Porto, 2011, p. 195).

Primitivo Moacyr viveu a maior parte de sua vida na Corte/Capital, morando nos bairros de Botafogo e da Glória, embora se encontrem registros de viagens internacionais e de sua passagem por Petrópolis, onde plantava mimosas e quaresmeiras que vinham de Poços de Caldas e para onde levou o filho Carlos, acometido de tuberculose, doença da qual viria à óbito.

No entanto, o trabalho e a residência fixa eram no Rio de Janeiro, por se tratar da Capital da República, palco desses debates. Como afirmou Maurício de Almeida Abreu (1997, p. 35), "Só a partir do século XIX é que a cidade do Rio de Janeiro começa a transformar radicalmente a sua estrutura espacial estratificada em termos de classes sociais". O espaço se tornou capitalista na primeira década do século XX, com a Reforma Passos, pois "a intensificação das atividades exportadoras e, consequentemente, a integração cada vez maior do país no contexto capitalista internacional, exigiam uma nova organização do espaço" (Idem, p. 59).

À revelia da atividade econômica cafeeira, outras atividades começaram a surgir no Rio de Janeiro, a partir da segunda metade do século XIX, com a verificação de alguns surtos de industrialização (ABREU, 1997, p. 60). Embora carecesse de fontes energéticas e de recrutamento de trabalhador qualificado, entre outros, a atividade produtiva conseguiu se expandir. No início do século XX, havia ainda pouca mecanização, priorizando-se o trabalho artesanal, que demandava uma grande quantidade de trabalhadores. Ainda segundo Abreu, em 1890 existiam nas freguesias urbanas da cidade 3.590 unidades prediais do tipo indústria, e, finalmente, o espaço capitalista, com suas necessidades e exigências de criação, concentração e acumulação do capital, fora transformado pelo empreendimento de reorganização da antiga

Comissão da Carta Cadastral[34], que forneceria o apoio logístico realizado pelo então prefeito do Distrito Federal, Pereira Passos.

Assim, é provável que, embora tenha se mantido retraído, esse sujeito fizesse parte da vida cosmopolita que se instalava no Rio de Janeiro, visto estar com mais de vinte anos na ocasião da deposição do imperador Pedro II, e essa seria, então, a sua realidade plausível.

1.3.2 "Que sujeito é esse que eu sou?", "Que sujeito diz de mim?", "Quem é esse ser que diz que eu sou e o que vivi?"

> Fazendo da escrita um fluxo imanente e analítico da própria constituição mnemônica daquilo que narra, o narrador memorialista cria uma espécie de metamemória literária, pensada sob a estrutura do rememorar e a partir do próprio discurso memorialístico num jogo espelhar, num jogo de linguagem onde as entrelinhas são as linhas e vice-versa (Porto, 2011, p. 196).

Primitivo Moacyr não publicou muita coisa de sua recatada vida, entretanto podemos enxergá-lo pelos olhos de alguns sujeitos do seu tempo e de sua família. Uma publicação importante para delinear essa visão veio do amigo particular Afrânio Peixoto (1876 - 1947):

> [...] A razão é que no Brasil não se pesquisa. Todos tiramos de nós a substância de nossos escritos. A história nessas condições é repetição, é comentado, é fantasia interpretativa. Não quis fazer assim o Sr. PRIMITIVO MOACYR, e, sobre educação nacional, investigou, nos arquivos, nas bibliotecas, nos livros, nos relatórios de governo e, de tudo, fez um livro objetivo, sem comentários, nem conclusões (MOACYR, Primitivo, 193635).

Afrânio fez parte ativa da vida pública de Primitivo Moacyr, sendo seu conterrâneo, morador da mesma república de estudantes e amigo com quem conviveu no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e na Biblioteca Nacional. Primitivo fez uma ponte entre o então diplomata Aloizio Azevedo e Afrânio, num encontro em Nápoles, que resultou em amizade bastante profícua, segundo carta do próprio Aluízio[36]. Então, temos aí uma visão ufanista e amigável. E nessa citação que serviu de prefácio para o livro *A Instrução e o Imperio:* subsídios para História da Educação no Brasil - 1823-1853 podemos perceber que Afrânio naturaliza a escrita isenta de Moacyr "sem comentários, nem conclusões", ponto de

[34] A Comissão de Carta Geral do Império teve início em 1864 sobre as ordens da *Inspeção Geral das Obras Públicas do Ministério da Agricultura, do Comércio e das Obras Públicas,* segundo Moema de Rezende Vergara – Coordenadora da História da Ciência do Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST/MCT). As Cartas Cadastrais se destinavam à representação de pequenas áreas (cidades, bairros, fazendas, conjuntos residenciais etc.), porém, com elevado grau de detalhamento e precisão. É o caso de plantas urbanas, de grande utilidade para as autoridades governamentais, na administração (cadastramento) e planejamentos urbanos. São cartas de escala grande, normalmente de 1:500 até 1:10.000. (Boletim Cartográfico).

[35] Prefácio de Afrânio Peixoto.

[36] Publicada no livro Touro Negro, de Aluízio Azevedo, nas páginas 149 e 150. Cf, MELO, 2012.

vista contrário ao meu e abordado nesta dissertação. Mas o que é a visão do outro sobre nós mesmos?

Em 02 de outubro de 1943, Afrânio Peixoto entregou ao neto de Primitivo, Gustavo Bueno Moacyr, uma cópia do artigo que publicou na Revista Educação, da Associação Brasileira de Educação, em 1942, ano da morte do avô, e que trata da ruptura que tal historiador deixaria no campo da História da Educação. Em dedicatória, escreveu à mão sobre a cópia do artigo: "Para Gustavo, um dia... - Afranio Peixoto". Embora parecesse vaticinar o futuro, nem Primitivo Bueno, que fora engenheiro, nem Gustavo Bueno, que se tornou economista, quiseram seguir o caminho profissional do pai e avô. Entretanto, em defesa do neto Gustavo, que foi quem me cedeu esses materiais, aproveito para dizer que, em certa forma e medida, ele está cumprindo o papel vaticinado por Afrânio - e esperado de alguns dos descendentes -, ou seja, "esse dia de historiador", pois suas histórias me ajudaram a preencher algumas lacunas.

Afrânio fez, nesse artigo, um memorial ao amigo, passando rapidamente pelos fatos que já conhecemos, como local de nascimento, profissão etc., até chegar à Câmara e aos Documentos Parlamentares, dos quais vai citar a monumental produção de cem volumes "que se resumem por assuntos - mensagens presidenciais, meio circulante, estado de sítio, legislação do trabalho, instrução pública... todos os assuntos capitais de vida nacional, agora e para sempre accessiveis a todos os estudiosos, outrora perdidos no caos do Diário Oficial...".

A seguir relata as publicações, começando pelo Ensino Público no Congresso Nacional, aponta a "prestigiosa coleção brasiliana" da Cia. Editora Nacional e menciona as demais publicações sem, contudo, lhes mencionar a editora. Na sequência, elogia a colaboração de Primitivo aos senhores Rodrigues Alves e Oswaldo Cruz.

Expressões como "um exemplar da humanidade", "amigo dos homens cultos e das mulheres distintas", "*gentleman* de correção" emolduram seu texto leve e sem grandes detalhes. Fala como amigo íntimo que não precisa embasar suas postulações porque é "autoridade em educação" e cita a contribuição do amigo ao campo. A seguir, nomeia uma lista de pessoas influentes do círculo de sociabilidades de Primitivo, ao qual, certamente, também pertence.

Outro sujeito que relatou memórias de Primitivo Moacyr foi Venâncio Filho (1894 - 1946), ao escrever na Revista e Cultura[37] um artigo ufanista após sua morte, lamentando a perda:

[37] Disponível na Fundação Getúlio Vargas.

> Com o desaparecimento de Primitivo Moacyr, perde a educação no Brasil um dos seus grandes servidores. E dos mais desinteressados, porque nem mesmo pertenceu a qualquer das classes que a ela se dedicam. Pareceria mesmo estranha essa dedicação, se não lhe conhecêssemos as origens [...] (VENÂNCIO FILHO, 1943, p. 95).

O filho de Venâncio Filho proferiu, em conferência na Associação Brasileira de Educação – ABE, outra opinião sobre Primitivo Moacyr, atribuída a seu pai, que denota claro contraste entre esse artigo *post mortem* na Revista Cultura e o dito na conferência da qual retiro o fragmento:

> O programa, antigo e desatualizado, era quase todo centrado no estudo da história da educação universal, com pequena parte consagrada à historia brasileira. Francisco Venâncio Filho fez a inversão, expandiu consideravelmente os estudos quanto aos aspectos brasileiros, inclusive com o estudo de livros de literatura e história por parte das alunas, tendo certa feita comentado a pesquisa de alguns livros penosos como os de Primitivo Moacir e as Cartas Jesuíticas. SUCUPIRA, Newton (Dicionário dos Educadores, 2002, p. 405).

Interessante seria contrastar o que Venâncio considerava "penoso" tanto na produção de Primitivo quanto nas Cartas Jesuíticas, produções de um determinado tempo e lugar, redigidos com seus propósitos, temporalidades e finalidades.

Ao mesmo tempo, destaco também Manoel Bergström Lourenço Filho (1897 - 1970) e Fernando de Azevedo (1894 - 1974), responsáveis pela monumental publicação dos livros de Moacyr. O primeiro implantou o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (1938-1946) e o segundo foi o fundador da Biblioteca Pedagógica, que em apenas uma das cinco seções - a "Brasiliana" - publicou 286 obras até 1956 (dentre essas obras, oito levaram a assinatura de Primitivo Moacyr, entre os anos de 1936 a 1942).

Segundo consta na tese de Oliveira (2014), o Jornal do Brasil (1942), na seção de Obituários, publicou a seguinte nota relatando a morte de Primitivo. Entretanto, é possível observar algumas informações para a construção dos objetivos deste estudo.

> [...] Morreu aos 75 anos, deixando o seu nome ligado a duas obras duradouras de inestimável valor. Antigo redator dos debates, o redator dos Documentos Parlamentares criteriosamente selecionou e reuniu em publicações discriminadas as matérias legislativas mais necessárias ao estudo e consulta desde o início da República. É uma coleção de quase cem volumes a ser conservada e difundida aos arquivos e bibliotecas particulares. Depois de aposentado, Primitivo Moacir dedicou-se aos assuntos da instrução nacional, a partir da independência, voltando, aliás, a uma predileção que já o fizera dar um pequeno livro, hoje raro, sobre o ensino. Não foi, nos seus muitos volumes relativos ao Império à República, escrever a história brasileira da instrução. Porém, ela está neles; pois é uma documentação classificada e comentada, que o poder público e o professorado não poderão dispensar o conhecimento e guia para novos sistemas e programas. O aposentado dos Documentos Parlamentares apaixonou-se por esse trabalho, entregou-se-lhe de modo que poderia ser dito: morreu dele. Homem de escolhidas e grandes leituras, de fino trato, amando a sociabilidade apurada, a ponto de um de seus muitos amigos dizer, no saudoso velório da Capela de N. S. Da Glória, haver ele cultivado duas

> aristocracias – a dos livros e a das relações – Primitivo Moacir ao estudo do ensino no Brasil, ao labor de sobre ele colher e coordenar informes, até ao sacrifício. Viúvo há mais de trinta anos, vivendo sozinho no Rio ou em Petrópolis, dir-se-ia que o morot38 de Sexta feira procurava vencer como trabalhar a solidão da casa. No começo deste ano fez a Belo Horizonte, Barbacena e Juiz de Fora uma viagem de pesquisa, de todo desaconselhada por seu precário estado de saúde [...] dão o desquilibrio que acabou de o levar ao túmulo. Primitivo Moacir deixa um filho, o engenheiro Primitivo Bueno Moacir, e dois netos. Apesar da manhã chuvosa e da dificuldade de condução ao seu enterramento e sobretudo, ao velório, compareceram muitas senhoras e muitos amigos que, pertencentes àquela aristocracia da sociedade do saber e das belas letras, que ele tanto...

Essas são algumas falas e escrituras a respeito desse autor. Mais adiante, precisamente no Capítulo II, tratarei das narrativas e apontamentos que me foram apresentados pela família, mostrando, assim, uma perspectiva mais doméstica e casual.

1.3.2.1 Esse sujeito que fui

Sobre a possibilidade desse sujeito Moacyr ter uma história de morte relatada - pois, afinal, o que fazemos senão lidar com nossos mortos? -, escrevi uma narrativa memorialística baseada na grande diversidade de materiais, artigos, dados, informações e documentos pessoais colhidos nas pesquisas anteriores. Diante das informações encontradas, como diria Certeau (2010), difícil se faz enunciar sentidos, pois também comecei com esse gesto de separação, reunião e transformação de objetos. Desse mesmo modo, apresentei em estudo anterior um relato verossímil de como poderiam ter sido os últimos momentos de sua vida, um vislumbre da passagem dele pelo seu tempo presente, e objetivando, a princípio, alcançar o leitor externo e a família, compartilhar um pouco do conhecimento historiográfico com "as gentes de fora" nesta experiência maravilhosa que é a investigação científica.

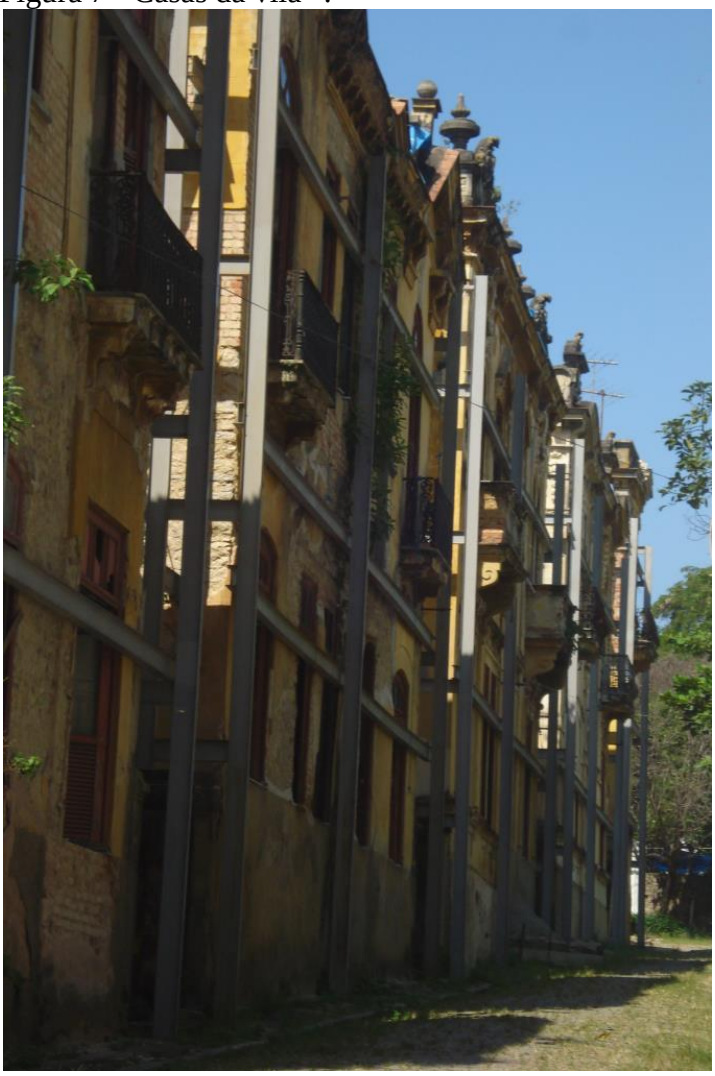
Tentei me aproximar, o quanto possível, do que poderiam ter sido os fragmentos do pensamento dele, razão da escolha desse tipo de narrativa que, embora sem perder a característica de produção acadêmica, me permitiu experimentar uma maior liberdade de expressão.

Para tal mister e para garantir maior fidedignidade à narrativa, comparei as informações obtidas nos documentos com outras fontes disponíveis, tais como os acontecimentos prováveis dos seus últimos dias. Para os apontamentos do médico que assinou o óbito, por exemplo, consultei o Hospital Sírio e Libanês sobre os sintomas frequentes à enfermidade que o vitimou. Verifiquei com o Instituto de Meteorologia as condições climáticas da véspera e da data do óbito. Fui pessoalmente à Ladeira da Glória, lugar

[38] Presumo que esse erro tipográfico queira dizer "morto" de Sexta feira. Cf. Melo, 2012, p. 14.

constante como último endereço e local de falecimento de Primitivo, e descrevi como poderia ter sido a caminhada do médico, após assinar a certidão de óbito, e a visão periférica do apartamento, pois, na ocasião, não havia sido feito o aterro na região. Com isso, acabei descobrindo uma vila de casas nos fundos do apartamento que, segundo moradores locais, teria sido um presente do imperador Pedro II à Condessa de Barral[39], e que apresento nas Figuras 7 e 8. Assim, considerando a seleção de documentos e as pesquisas que fiz, fui construindo a história desse historiador.

Figura 7 - Casas da vila[40].



Fonte: Acervo pessoal da autora.

[39] Para aprofundamento sobre o assunto, ver a Tese de Doutorado de Ana Cristina B. L. M. Francisco, 2017.

[40] As fotografias acima foram produzidas por mim na ocasião em que fui apurar se havia algum indício de familiar no imóvel onde Primitivo falecera. Passei o dia em conversa com moradores do local e obtive essa informação, dos mais idosos, a respeito da finalidade da vila de casas acima apresentadas. Entretanto, essa vila se encontrava fechada na ocasião e não havia ninguém no local. Fotografei, então, para proceder com posterior investigação junto ao Tribunal de Justiça.

Figura 8 - Fotografia da entrada da vila de casas

Fonte: Acervo pessoal da autora.

A história do passado desse ou de qualquer outro sujeito é impossível de ser sequer parcialmente reproduzida. O que fazemos é uma representação provável e possível do ocorrido ou, neste caso, trazendo os atributos pessoais de Primitivo Moacyr e sua maneira de estar no mundo, mundo este na Corte e, posteriormente, na República do nosso país, no século XIX e início do XX.

1.3.3 Mas de qual língua realmente estamos falando? Com qual língua falamos?

> Quando lemos, falamos ou escrevemos entramos em sintonia com a realidade e/ou com a imaginação, unimos passado, presente e elaboramos perspectivas para o futuro. Como sujeitos históricos e sociais que somos, lemos, falamos ou escrevemos sempre de um determinado lugar, de um determinado tempo, com determinadas concepções de mundo (PORTO, 2011, p. 210).

Como apreender os pensamentos de um sujeito e entender sua linguagem já emudecida pelos anos? A historiografia vem tentando dar sentido de representação às suas incessantes buscas e pesquisas sem, contudo, poder verificar a exatidão das falas e muito menos os pensamentos de nossos objetos. Assim, na plausibilidade, vamos dando voz a estes, e com Moacyr não foi diferente.

De caráter muito persistente, revelou-se mais pela linguagem escrita que deixou em suas obras. A narrativa nessas obras privilegia a aparente neutralidade, na medida em que poucas são as suas incursões pessoais ao texto. Podem-se observar com mais frequência algumas pontuações dele em artigos de jornais e cartas, entre outros.

A respeito do jornalista, encontrei artigos publicados no *Jornal do Commercio* que sugerem matéria encomendada, visto que, mesmo após sua morte, foi publicada a segunda parte de um artigo assinado por ele. Oliveira (2014) menciona algumas cartas publicadas no Jornal do Brasil. Também encontrei publicações de retratação na revista *Fon-Fon*[41], por ocasião de pilhéria[42] a Carlos Peixoto, visto tratar-se de revista sensacionalista no período e a redação ter feito comentários jocosos a respeito desse amigo particular de Moacyr, que era, na ocasião, presidente da mesa na Câmara Federal. Uma dessas pilhérias foi sobre a faustosa festa de aniversário de Carlos e, como resposta, Moacyr publicou na revista que se tratou apenas de um chá entre amigos.

1.4 **Espaços de inserção**

Primitivo transitou em locais de produção de conhecimento historiográfico, tais como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - IHGB, mantendo relações sociais com vários de seus membros. Embora não se tenha notícia de sua filiação ao Instituto, publicou em Congressos promovidos por ele, também deixando rastros de sua passagem e pesquisas naquele lugar, como, por exemplo, solicitando ao secretário perpétuo, Max Fleiuss, a localização de determinado documento. Logo se observa que manteve relações de amizade com membros da instituição, como José Wanderlei Pinho, vice-presidente do IHGB, sem falar em Afrânio Peixoto, que era sócio honorário, entre outros.

Também frequentou a Biblioteca Nacional e, mais informalmente, a *Academia Garciana*[43], assim chamadas as reuniões promovidas com intelectuais do seu tempo, em menção ao nome do diretor dessa Biblioteca por treze anos, Rodolfo Garcia (1873 - 1949), também membro do IHGB. Essas reuniões eram frequentadas também por Afrânio Peixoto. Vale lembrar que por algum tempo a Câmara se instalou no edifício da Biblioteca Nacional.

Com relação à Câmara Federal[44], considerada neste trabalho como o seu maior espaço de inserção, temos sua instalação inicial no edifício construído na primeira metade do século XVII para a Câmara Municipal e também para servir de prisão. Abrigou ainda a primeira sede

[41] Revistas Fon-Fon! Anno II, n. 9 e 10, 6 e 13 de junho de 1908, ambas nos acervos da Biblioteca Nacional.
[42] Dito engraçado; graça; piada; chiste. pilhéria in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2018. [consult. 2018-05-15 13:50:49]. Disponível na Internet: https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/pilhéria
[43] Cf. Ernesto de Souza Campos, em História da Universidade de S. Paulo, USP, 2004 e Ata da Quadragésima Segunda Reunião Ordinária da Segunda Sessão Legislativa Ordinária da Décima Quinta Legislatura. Realizada em 06 de maio de 2004.
[44] Conferir informações e fotos em MELO, 2012.

da Câmara dos Deputados, ficando conhecida como Cadeia Velha, além de servir de sede ao Parlamento, de 1826 a 1889.

Com o advento da República, a Constituinte se organizou e se instalou em novembro do ano seguinte no Cassino Fluminense, antigo caminho do Boqueirão, que ficava ao lado da Biblioteca Real - depois Nacional, onde hoje está a Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Depois, a Câmara Federal foi transferida para um recinto adaptado no Palácio São Cristóvão - Quinta da Boa Vista. Sendo este um local com precárias condições, a Câmara Federal foi transferida para o Palácio Monroe[45], antiga sede do Senado, onde funcionou por oito anos.

Com os preparativos da Exposição Internacional do Centenário da Independência e com a construção do Palácio Tiradentes no local onde antes estava a Cadeia Velha, a Câmara ocupou por quatro anos o edifício da Biblioteca Nacional. A seguir, estabeleceu-se no palácio Tiradentes até 1960, quando ocorreu, enfim, sua transferência para o Planalto Central.

1.5 **O intelectual**

Muitos pontos de vista foram considerados com relação ao embasamento e apropriação desse termo na escritura do presente trabalho. Qual a função social ou política do sujeito intelectual no seu tempo?

Alguns autores consideram o uso do termo "intelectual" uma prática recente, mais precisamente do século XIX. Carlota Boto (2011) apresenta uma excelente reflexão sobre o assunto em sua tese apresentada como parte do requisito de julgamento de Concurso Público de Livre Docência junto à Faculdade de Educação da Universidade do Estado de São Paulo: *A Instrução Pública e projeto Civilizador: O século XVIII como intérprete da ciência, da infância e da Escola*[46].

A tese de Boto (2011) nos apresenta o autor José Luís Bendicho Beired, em cujo artigo *A função social dos intelectuais*, publicado no livro *Gramsci: a vitalidade de um pensamento*[47], reflete sobre os conceitos que Gramsci[48] desenvolveu em duas críticas: uma

[45] A fotografia do Palácio Monroe ilustra a capa deste estudo. O prédio, originalmente chamado de Palácio de Saint Louis, foi desmontado de seu lugar original na Cinelândia, Rio de Janeiro – RJ, tendo sua estrutura metálica sido montada para o Pavilhão do Brasil na Exposição Universal de 1904, ocorrida em Saint Louis, nos Estados Unidos da América. Desmontado ao final do evento, a estrutura foi transportada para o Brasil, vindo a ser remontada na cidade do Rio de Janeiro em 1906. Em março de 1976, o monumento foi demolido.

[46] Disponível em http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/livredocencia/48/tde-12092011-152740/pt-br.php

[47] Gramsci. A vitalidade de um pensamento / Alberto Aggio (Org.); apresentação Leandro Konder. – São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. – (Prismas)

que considera “a atividade intelectual como autônoma e independente” e outra que se opõe ao critério que “define o intelectual com base naquilo que é intrínseco aos ofícios”. Do conjunto de ações que caracteriza as atividades intelectivas, dou destaque à contida na página 124, de que “os intelectuais distinguem-se por desempenharem certas funções quer nos processos de reprodução quer nos de transformação da ordem social”. Dessa forma, e a partir da leitura dessa tese, escolhi conceder a designação de intelectual ao sujeito Primitivo Moacyr.

Ainda sobre Beired, destaco o fragmento que se assemelha às atividades de Moacyr e de seu lugar técnico-operatório.

> Em síntese, a análise de Gramsci detém-se na demonstração do papel – conservador ou transformador – do intelectual como figura que organiza a cultura e os homens; que articula o centro do aparelho estatal de poder com o restante do corpo social; e que ao produzir ideologia fornece consciência e homogeneidade às classes que representa.

Primitivo Moacyr escreve seus livros com um visível 'afastamento' autoral, parece querer expressar uma posição de erudição ou, quem sabe, uma característica enciclopedista herdada de sua formação acadêmica no Curso de Ciências Jurídicas da Faculdade do Rio de Janeiro. Embora o fazer enciclopédico tenha se consolidado no século XVIII, ainda estava bem presente no século XIX como aparência de sabedoria, e, conforme Boto (2011) expressa, o ingresso na República Literária não era para qualquer um, pois a intelectualidade tinha seus “próprios códigos” e “mecanismos sutis”. Códigos e mecanismos esses que Primitivo devia dominar muito bem. Essa é uma das vias de reflexão que desenvolvo para desconstruir a imagem a respeito desse sujeito, tido como arredio e retraído[49], mas que foi um sujeito bastante ativo em sua rede de sociabilidades.

A finalidade deste capítulo foi apresentar uma possibilidade de quem seria esse autor, vivendo e transitando no espaço da Província do Rio de Janeiro, ou seja, a corte, e posteriormente a capital, cenário das decisões políticas, mais especificamente no Parlamento Brasileiro, local de onde ecoava grande parte da sua escrita.

A seguir, como já enunciado, apresento em capítulo específico, a respeito dos documentos, conversas e histórias que a família de Primitivo Moacyr me apresentou. Trata-se da visão de seu neto Gustavo Bueno Moacyr e do que foi possível compilar dos recortes por ele disponibilizados.

---

[48] Antonio Gramsci (Ales, 22 de janeiro de 1891 — Roma, 27 de abril de 1937) foi um filósofo marxista, jornalista, crítico literário e político italiano.

[49] CASTRO, Sertório. *A República que a revolução destruiu***.** Rio de Janeiro: Borsoi & Cia, 1932. Disponível em eBooksBrasil.org. Acesso em: 20 dez. 2009.

2 **ESCREVENDO A VIDA DE UM DÂNDI**

> o dandismo não é um deleite excessivo com roupas ou elegância material. Para o dândi perfeito, essas coisas nada mais são do que o símbolo da superioridade aristocrática de sua mente.
>
> *Baudelaire*[50]

Após um longo trabalho de investigação, seguindo algumas pistas fornecidas por colegas, jornais, Diário da União etc., consegui finalmente localizar parentes vivos de Primitivo Moacyr. Sendo assim, usarei as memórias de seu neto Gustavo Bueno Moacyr, filho de Primitivo Bueno Moacyr e Carmen Hamann.

Tal procura começou no tempo da Iniciação Científica, quando pesquisava no *Jornal do Commercio* notícias sobre o falecimento do autor. Àquela ocasião, deparei-me com uma nota bem extensa sobre o fato. E embora essa nota estivesse na seção dos falecimentos, foi dado um tratamento especial sobre o ocorrido, com uma anotação ao final que ecoou na minha mente por longos sete anos e que dizia assim:

> O Dr. Primitivo Moacyr que nasceu na cidade de Salvador em 1868, era casado com uma sobrinha do Marquês de São Vicente, falecido há longos anos. Tem o Dr. Primitivo Moacyr dois filhos, dos quais um lhe sobrevive, o Dr. Primitivo Bueno Moacyr, engenheiro civil, casado com a Exma. D. Carmen Hamann Moacyr. Deixa ainda dois netos (Jornal do Comércio, 1942, p. 5).

Na ocasião, constatei que a data do nascimento informada não condizia com a Certidão de Óbito em meu poder, entretanto o fragmento do texto “dois netos” alertou meus sentidos de pesquisadora.

Difícil é abandonar uma ideia latente, e comigo não foi diferente. Nas minhas revisões de literatura li uma referência feita por Luis Antonio de Oliveira (2014), que me sugeriu pesquisar sobre o neto Gustavo, o que reacendeu minha busca. Na oportunidade, esse colega indicou uma publicação que um tal Gustavo assinava. Não consegui estabelecer contato com os editores da revista, mas o nome Gustavo não saía da minha mente. Então, recomecei a busca e encontrei um Gustavo Bueno Moacyr, com quem fiz contato explicando minhas razões. Para minha sorte e felicidade, ele era o bisneto de Primitivo Moacyr e prontamente me

[50] Charles-Pierre Baudelaire (Paris, 09/04/1821 — Paris, 31/08/1867) foi um poeta boêmio, dândi, flâneur e teórico da arte francesa. É considerado um dos precursores do simbolismo e reconhecido internacionalmente como o fundador da tradição moderna em poesia, juntamente com Walt Whitman, embora tenha se relacionado com diversas escolas artísticas. Sua obra teórica também influenciou profundamente as artes plásticas do século XIX.

respondeu dizendo que seria melhor eu conversar com o seu pai, também Gustavo. Essa descoberta foi motivo de imensa alegria de minha parte, por descobrir que um dos filhos de Primitivo Bueno ainda estava vivo. Foi tanta emoção que não consegui deixar para depois e agendei minha visita o mais rápido possível.

Gustavo Bueno Moacyr - o pai - é um senhor muitíssimo amável e prontamente concordou em me receber. Conversamos por mais de meia hora ao telefone, com bastante cordialidade. Cordialidade essa que se confirmou a cada etapa do processo.

Em sua residência, fui recebida pela família: sua esposa Priscila e o enteado Márcio, que tinha organizado a sala de visitas, onde havia estantes com muitos livros e fotografias, com mesinhas portáteis para apoiar os documentos, ao lado da cadeira que eu iria me sentar. Diante de tanta receptividade, quase esqueci as regras de convivência e queria saber de tudo. Enfim, respirei, calcei minhas luvas e iniciei uma conversa amena, já manuseando documentos de mais de 100 anos, como apresento na Figura 9.

Figura 9 - Fotografia do Álbum de Recortes de Primitivo Moacyr.

Fonte: Acervo pessoal da autora cedido por familiares.

Gustavo é um senhor nascido em 21 de agosto de 1934, na cidade de São Paulo, para onde seu pai e a esposa, a paulista Carmen Hamann, se mudaram por motivo de trabalho. A família veio para o Rio de Janeiro quando Gustavo contava cinco anos e meio e aqui nasceu Thereza, sua irmã. Ele é formado em Economia e Finanças, na Faculdade da Sociedade Unificada de Ensino Superior e Cultura (SUESC),[51] que, por coincidência, foi, em 1913, mantenedora da Faculdade Brasileira de Ciências Jurídicas, na Praça da República, na qual o avô terminou o curso jurídico que iniciara em Pernambuco.

Gustavo começou a me contar as histórias da sua família, enquanto mostrava muitas fotografias, recortes de jornal e certidões. E eu, sempre que possível, reconduzia o tema para o velho Primitivo e, para tanto, contei com as intervenções precisas de Priscila, sua esposa. Penso que a experiência tenha sido boa para os dois, já que recebi em primeira mão alguns comentários e documentação e ele pôde conversar sobre a história da família, pois relatou que é um aficionado por História. Na Figura 10, a seguir, apresento Gustavo Bueno Moacyr com uma de suas pastas de memórias do avô.

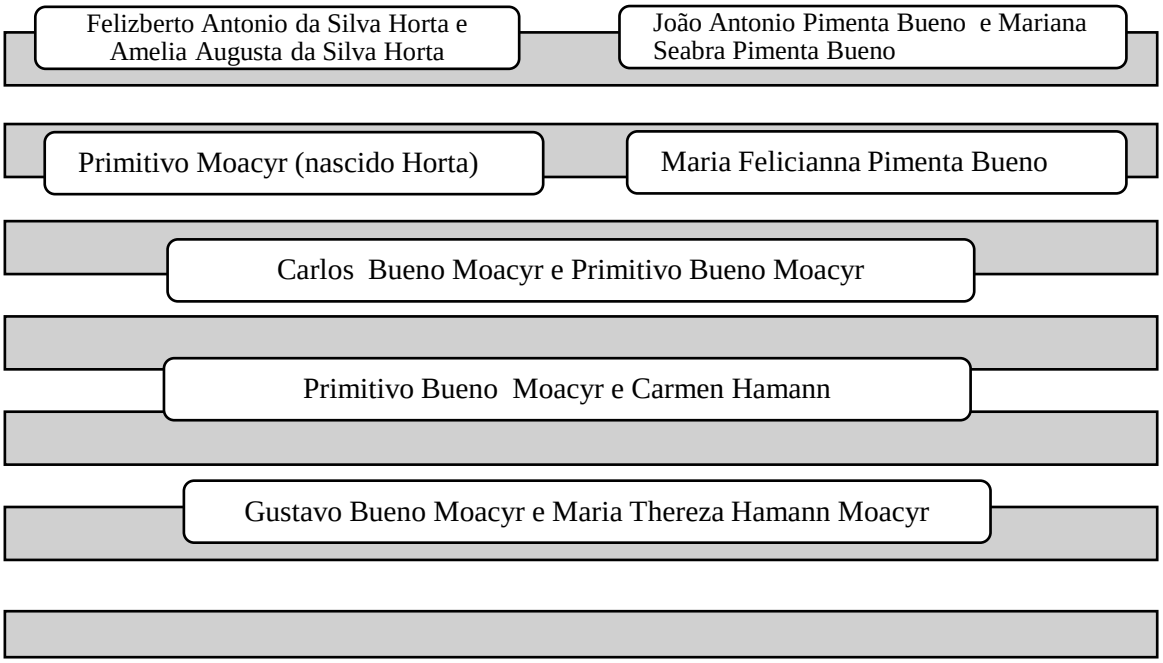
Figura 10 - Fotografia de Gustavo Bueno Moacyr[52].

Fonte: Arquivo Pessoal da autora.

[51] Disponível em http://uniesp.provisorio.ws/suesc/historia.asp. Acesso em 01/02/2018.
[52] A utilização da imagem no presente estudo foi autorizada pelo fotografado.

Como se pode ver na fotografia acima, Gustavo permitiu o acesso à sua casa e aos seus documentos, possibilitando fotografar todos os seus papéis. A partir disso, passo a narrar as informações que recebi, começando pelas apresentadas no Quadro 1, a seguir, no qual demonstro a genealogia da família.

Quadro 1 - Genealogia[53]



Fonte: Quadro elaborado pela autora a partir da certidão de casamento de Primitivo Moacyr.

A genealogia acima teve por base a certidão de casamento de Primitivo e Maria, que faz parte dos anexos deste trabalho. O neto de Primitivo informou que a substituição do sobrenome Horta, do pai, por Moacyr, nome indígena de significado: "O que veio da dor" ou "o que vence a dor"[54], deveu-se ao fato de que o velho Primitivo - como era chamado em família - não gostasse do sobrenome do pai. Durante todo o processo de investigação e leituras não encontrei nenhum registro de Primitivo se chamar Horta e por conta disso ainda busco sua certidão de nascimento.

Os documentos que compõem as narrativas deste capítulo, portanto, fazem parte do acervo pessoal de Gustavo Moacyr, gentilmente cedido a mim. Alguns são originais, tais como a Certidão de Casamento, a Certidão de Nascimento, a Certidão de Óbito e a Certidão de Batismo. Entre outros documentos, percebi que existem algumas variações nos nomes dos sujeitos envolvidos nesta história de vida, então considero importante comentar.

[53] João Antonio Pimenta Bueno, sogro de Primitivo Moacyr, foi irmão de José Antonio, o Marques de São Vicente.
[54] OBATA, Regina. O livro dos Nomes. São Paulo; Círculo do Livro, 1986.

Em 26 de fevereiro de 1898, Primitivo Moacyr recebeu em matrimônio, sob o regime matrimonial da comunhão de bens, dona Maria Felicianna Pimenta Bueno, na cidade de Campos, estado do Rio de Janeiro. Ele com 28 anos de idade, solteiro e advogado, natural da Bahia e residente na capital federal; ela com 23 anos, solteira, sem indicação de profissão ou afazeres domésticos, natural de Campos.

A Certidão de Nascimento de Primitivo Bueno não traz o nome do nascituro com sobrenomes, mas sim apenas Primitivo, sendo descrito o nome do pai com o sobrenome Moacyr e o da mãe Maria Pimenta Bueno Moacyr. A criança nasceu em 16 de maio de 1900, data na qual foi batizada.

A Certidão de Batismo de Primitivo Bueno, transcrita pelo Monsenhor Francisco da Cruz Paula, na cidade de Campos, em 10 de fevereiro de 1919, certifica o apontamento no livro de batizados da Matriz de São Francisco de Assis do assentamento do batismo de Primitivo, em 16 de maio de 1900, sem constar sobrenomes, filho do Doutor Primitivo Moacyr e de Maria Seabra Pimenta Bueno. Nesse documento o nome do avô paterno, Felizberto[55], é mantido com os sobrenomes, como na Certidão de Casamento, embora não conste o nome da avó paterna. Entretanto, quanto aos avôs maternos e aos padrinhos, são citados os nomes dos respectivos casais.

Ainda sobre as Certidões, encontramos a compra de sepultura perpétua na cidade de Petrópolis, para o filho Carlos, morto em novembro de 1925. Primitivo Moacyr, porém, foi enterrado no Cemitério São João Batista, no Rio de Janeiro, e, segundo depoimento dos familiares, foi, postumamente, levado para Petrópolis. Já os restos mortais de Primitivo Bueno Moacyr permanecem no cemitério em Botafogo.

Através de narrativa do neto obtive a informação de que seu pai guardava certo ressentimento pelo velho Primitivo porque este parecia ter predileção pelo filho Carlos, o que o levou, inclusive, a, em seu leito de morte, chamar Primitivo Bueno para pedir desculpas. Teria sido o ressentimento o motivo pelo qual o pai, após matricular seus dois meninos no Colégio Chateau de Lancy, em Genebra, ter resolvido trazer Carlos para o Brasil, transferindo Primitivo Bueno, então com 13 anos, para estudar na Alemanha, sozinho.

Sobre essa viagem, há um atestado do vice-cônsul do Brasil em Berlim, onde se lê, no idioma alemão, o seguinte: “É oficialmente proclamado o Sr. Primitivo Bueno Moacyr, do Rio de Janeiro, nascido em 16 de maio de 1900. Estuda neste Consulado sob o número 10 e

[55] Encontrei um homônimo na Província da Bahia citado como membro da Junta Central de Hygiene Publica, pelo presidente Alvaro Tibério de Moncorvo e Lima, em 14 de maio de 1856, sem, contudo, poder confirmar se se trata da mesma pessoa.

está registrado como brasileiro nato. Berlim, 31 de maio de 1913" (tradução livre feita por mim). Há, ainda, concessão de passaporte para Primitivo Bueno, citado como Primitivo Moacyr Filho, em 05 de setembro de 1914, para sua viagem de Berlim à Holanda e de lá para o Brasil, sem companhia.

2.1 **Aparência e reclusão: características físicas e gostos refinados**

Primitivo Moacyr, apesar de publicamente reconhecido como um sujeito arredio e humilde, era um dândi, na opinião de seus familiares e, neste caso, do neto, que o conheceu e com quem conviveu, tendo observado diferentes características e gostos do avô. Vivia sozinho em companhia de uma negra de nome Margarida e sempre desfilava pela sociedade intelectual da capital da província, posteriormente da República, muito bem vestido e portando bengalas[56] diferentes, mesmo sem a necessidade de uso. Seu neto lembra-se de um modelo de cuja bainha saía um estoque e de outro com cabo de metal pesado que poderia ser usado para defesa pessoal.

Em 2005, Gustavo Bueno resolveu leiloar alguns pertences de seu pai e avô, através do Leiloeiro Público Raul Barbosa[57]. Entre os itens postos à venda havia duas bengalas (itens 33 e 34), que foram confirmadas como propriedade de Primitivo, além de outros objetos de posse não confirmada pelo neto. Notei ainda duas jarras de opalina azul do século XIX (item 02). Também havia pertences na lista do leilão que poderiam ter sido dele, já que constatei que ele fumava cachimbo (item 06) e charuto, pela leitura da entrevista para jornal que comentarei na sequência.

Entre os documentos apresentados pelo neto, encontrei menções sobre a aparência física de Moacyr, cujo tema tratei em estudo anterior, ao demonstrar que o autor, Nei Lopes[58], o incluía entre os negros ilustres, com a citação abaixo.

> [...] ao constituir o verbete sobre Moacyr, cita A. da Silva Melo que em seu livro Estudos sobre o negro, de 1958 que vai dizer ser Primitivo, um dos ilustres "homens de cor" do Brasil. (p. 443). Entretanto, Primitivo Bueno Moacyr, ao registrar o óbito do pai (1942) declara que este era da cor branca.

[56] Até o início do século XX, a bengala ou bordão era acessório de moda. Havia bengalas para uso diurno e noturno, com hastes feitas com madeiras nobres e cabos em materiais como ouro, marfim, prata e porcelana. A partir do século XIX, essas peças ganharam tecnologia revolucionária, servindo como armas ou para a guarda de ferramentas e dinheiro, entre outros usos. Cf. HOUN, Mallallieu. História Ilustrada das Antiguidades. São Paulo: Nobel, 1999.

[57] Cópias da autorização de venda em anexo, assinada pelo neto Gustavo.

[58] LOPES, Nei. Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana. São Paulo: Editora Selo Negro, 2004.

> A fotografia de Moacyr encontrada na Casa de Afrânio Peixoto, em Lençóis na Bahia, nos apresenta um indivíduo amorenado e de cabelos negros ligeiramente ondulados, mas não totalmente crespos.

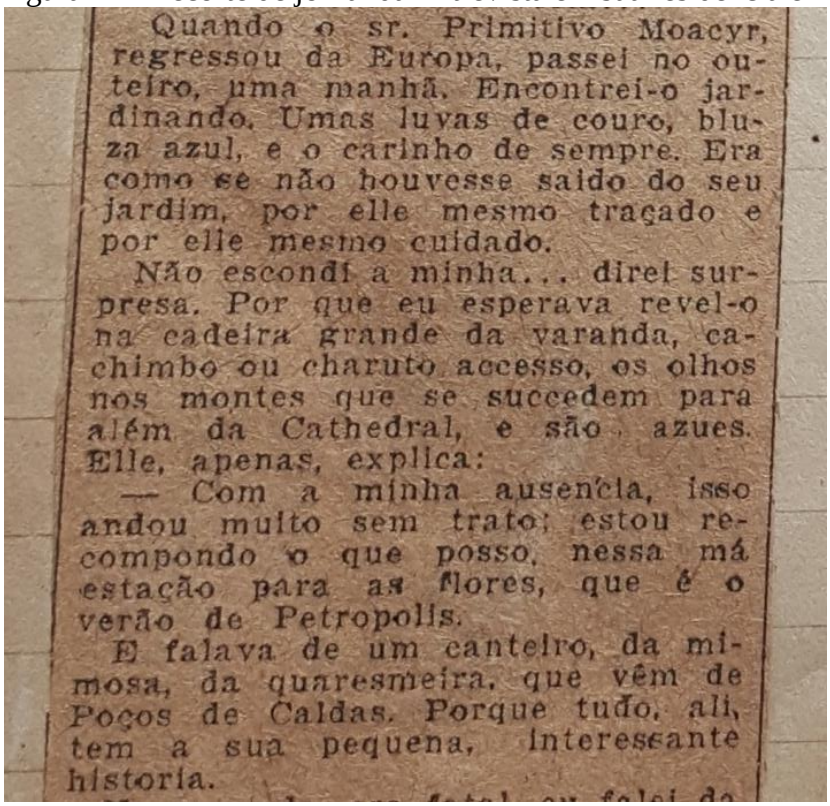
A verdade é que somente agora, com o encontro de familiares, posso me aprofundar mais nessa questão e procurar entender os motivos que levaram Nei Lopes a incluir Primitivo como um homem negro na enciclopédia que organizou.

Segundo a família, ele tinha um tom de pele bem moreno, como aliás se pode notar também no seu neto Gustavo. Este relatou que seu bisavô veio da Espanha para o Brasil, acontecimento que tentei rastrear, porém, sem saber a cidade de sua proveniência foi difícil encontrar um documento com o governo espanhol.

Observo que a família não entende porque seu patriarca foi considerado negro, embora isso não cause nenhum constrangimento e sim apenas uma constatação, já que na linha sucessória não foram registrados negros na família. Na ampliação da fotografia que introduz o presente trabalho é possível perceber que o fotografado possuía olhos claros, como os de seu neto, o que, entretanto, pode não significar nada.

Sobre Primitivo Moacyr ter olhos azuis, além da declaração da família, encontrei um registro num recorte de uma entrevista que deu por ocasião de sua viagem à Rússia, realizada em sua casa na cidade de Petrópolis. O recorte faz parte do seu álbum e, como não traz o nome do entrevistador nem a data da publicação, demonstra claramente sua importância para o colecionador, já que, mesmo sendo meticuloso como era, não se importou em registrar detalhes. Nessa entrevista pós-viagem, lê-se o comentário que seu entrevistador faz a respeito de sua pessoa, citando seus olhos azuis, conforme reproduzo abaixo na Figura 11.

Figura 11 - Recorte de jornal da Entrevista em sua residência em Petrópolis[59].



Quando o sr. Primitivo Moacyr, regressou da Europa, passei no outeiro, uma manhã. Encontrei-o jardinando. Umas luvas de couro, bluza azul, e o carinho de sempre. Era como se não houvesse saido do seu jardim, por elle mesmo traçado e por elle mesmo cuidado.

Não escondi a minha... direi surpresa. Por que eu esperava revel-o na cadeira grande da varanda, cachimbo ou charuto accesso, os olhos nos montes que se succedem para além da Cathedral, e são azues. Elle, apenas, explica:

— Com a minha ausencia, isso andou muito sem trato; estou recompondo o que posso, nessa má estação para as flores, que é o verão de Petropolis.

E falava de um canteiro, da mimosa, da quaresmeira, que vêm de Poços de Caldas. Porque tudo, ali, tem a sua pequena, interessante historia.

Fonte: Acervo pessoal da autora cedido por familiares.

Embora ainda não tenha encontrado mais registros de sua aparência física, posso conjecturar, a partir das informações dos familiares e do teor da entrevista acima mencionada, que Primitivo Moacyr não era o "homem de cor" apropriado por Nei Lopes para engrandecer a sua galeria de personagens negros.

2.2 **Colecionando suas próprias histórias: a confecção de um álbum de recortes de jornal**

O meticuloso Primitivo tinha o hábito de selecionar recortes de jornais que falavam de sua pessoa, montando um portfólio. Não posso deixar de registrar a emoção que tive ao pegar esse caderno de recortes que um dia foi manuseado pelo meu objeto de pesquisa, há quase um século.

[59] [...] Quando o sr. Primitivo Moacyr, regressou da Europa, passei no outeiro, uma manhã. Encontrei-o jardinando. Umas luvas de couro, bluza azul, e o carinho de sempre. Era como se não houvesse saido do seu jardim, por elle mesmo traçado e por elle mesmo cuidado. Não escondi a minha ... direi surpresa. Por que eu esperava revel-o na cadeira grande da varanda, cachimbo ou charuto acceso, os olhos nos montes que se succedem para além da Cathedral, e são azues. Elle, apenas explica: - Com a minha ausencia, isso andou muito sem trato; estou recompondo o que posso, nessa má estação para as flores, que é o verão em Petropolis. E falava de um canteiro, da mimosa, da quaresmeira, que vêm de Poços de Caldas. Porque tudo, ali, tem a sua pequena, interessante historia [...].

Os recortes de diversos jornais que Primitivo Moacyr colecionou tratam, na maioria dos casos, das suas publicações. Entretanto, o que mais chamou minha atenção foi um que se referia à sua viagem à Rússia, com comentários do narrador em longa publicação.

O que chamei de álbum de recortes é, na verdade, um caderno pautado comprado na Papelaria do Povo - Livraria e Typographia, localizada na Avenida 15 de novembro, número 734, em Petrópolis. Através da etiqueta pode-se notar também peculiaridades desse estabelecimento, tais como: "Folhinhas, artigos de papelaria, objectos para escriptorios, Especialidades em trabalhos typographicos a uma ou mais cores" e, é claro, "Livros em branco para escripturações".

O álbum contém grande quantidade de recortes, sem ordem cronológica, colados nesse caderno e trata de comentários em jornais a respeito dos volumes de seus livros, à medida em que são publicados. Apesar da reconhecida meticulosidade, o álbum apresenta uma composição um tanto desorganizada para o que se supõe sobre esse colecionador. Alguns recortes trazem o nome do jornal, em outros ele escreve à mão e em outros não cita nada, colando apenas o recorte rente à linha divisória da coluna.

Encontrei recortes dos seguintes jornais, revistas e periódicos: O Jornal, Jornal do Brasil, Boletim de Ariel, Revista Educação (ABE), Revista Estudos Brasileiros, Jornal do Comércio, O Imparcial (sem menção do estado), O Estado de São Paulo, A União, Revista Arcesp, O Correio do Povo, A Noite, Folha da Manhã, Gaseta (SP), A Tribuna, Espelho, Gaseta de Alagoas, O Pais, O Imparcial (Belém), A União, A Imprensa e O Paulistano, entre outros não identificados.

Como não irei dissertar sobre tais recortes, com exceção dos relativos à viagem à Rússia, passo a registrar os principais títulos das publicações: "Após uma viagem à Rússia..."; "A finalidade do Ensino Secundário", que não trata das publicações de Primitivo, mas sim sobre a importância da Escola Normal Superior, não traz o jornal nem a data e vem assinado por ele; "Primitivo Moacyr - A Instrução e a República, 4º vol. Reformas Rivadavia e Maximiliano. 350 páginas. - Edição do Instituto N. de Estudos Pedagógicos, Rio, 1942"; "Livros Novos - Primitivo Moacyr - A Instrução e o Império (Cia. Editora Nacional, S. Paulo, 1936)"; "Livros Novos - A. da Silva Mello - [...] - A instrução e o Império - 2º volume - Companhia Editora Nacional - São Paulo – 1937"; "Livros Novos - João Dornas Filho - [...] - Primitivo Moacyr - A Instrução e o Império - 3º vol. (Cia. Editora Nacional, S. Paulo, 1938)"; "A Instrução e o Império - 1823-1850 - Opiniões sobre esse livro de Primitivo Moacyr"; "Primitivo Moacyr - A Instrução e o Império - Comp. Editora Nacional - São Paulo", opiniões publicadas no Boletim do Ariel, em dois números distintos; "Bibliografia

Educacional - Primitivo Moacyr - Instrução Pública e o Império - Companhia Editora Nacional"; "Primitivo Moacyr - A Instrução e a República - 4 volumes (1890-1924) - Edição do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos - Imprensa Nacional - Rio de Janeiro - 1941 e 1942"; "O Ensino Público no Congresso Nacional - Uma resenha útil". Pelo exposto já se pode ter uma ideia da intenção dessa seleção, mas, como foge aos objetivos deste estudo, deixo registrado, caso possa interessar a outros pesquisadores.

2.3 **A caminho da Europa: a Rússia como destino**

Com a finalidade de perceber o processo de circulação de ideias e a viagem como técnica de investigação, Gondra & Schueler (2008) observam esse movimento, que se deu no século XIX e em várias direções, tanto em áreas nacionais quanto internacionais, "na tentativa de conhecer de perto cidades e países considerados avançados", estratégia utilizada como uma das vertentes na construção de uma grande nação.

Tal modalidade de aquisição de conhecimentos, principalmente em se tratando da instrução pública, era praticada por professores, diretores de escola, inspetores e políticos, conforme citam esses autores, e, assim como eles, procurei observar as condições gerais da viagem de Primitivo Moacyr, articulando-as com o que é "produzido pelo seu testemunho e experiência pessoal". E isso se deu devido à quantidade de viagens que Moacyr fez, sem representação oficial e provavelmente às suas expensas. O que levaria esse homem a empreender viagens nessas condições? Suas obras tratam muito especificamente das narrativas e acontecimentos na esfera da Câmara Federal, e ele pouco cita outros países e, quando o faz, é mera reprodução dessa narrativa de algum político no parlamento.

Assim, foi uma grande surpresa descobrir a viagem que Primitivo Moacyr fez à Rússia, visto que já havia viajado à Europa algumas vezes, e esse interesse me chamou a atenção. Sobre tal feito irei dissertar com base em duas leituras, sendo a primeira a respeito do que O Jornal publicou como matéria de destaque, e a outra, as impressões que ele passou em entrevista pessoal a um jornal, até agora não identificado, no recolhimento de sua casa em Petrópolis.

A página do *O Jornal,* de 1926, destaca três títulos[60], sendo o primeiro *Após uma viagem a Rússia* e, logo a seguir, *O sr. Primitivo Moacyr disserta sobre a revolução bolchevista e sobre as afinidades entre as almas russa e mexicana.* Em fonte menor, mais

[60] Os textos, títulos e legendas desse jornal foram atualizados para a gramática contemporânea para facilitar a leitura.

abaixo: *A 'desgraça' de ser obrigado a trabalhar - O conceito ocidental da família posto em xeque - O sentido popular dos códigos russos atuais*, seguido pela identificação do editor e menção à exclusividade da entrevista. Logo abaixo, e em grande destaque, encontra-se a fotografia da família Romanoff procurando um raio do sol siberiano no teto da casa-prisão onde ficou internada de setembro de 1917 até abril de1918, portanto, 8 anos antes dessa publicação. Há, ainda, a imagem de um automóvel conversível, cuja legenda informa: *Dois comissários bolchevistas e seus choferes*, mostrando, logo na chamada, o tom que se pretendia dar ao artigo. Vamos a ele.

O entrevistador Raul de Polillo inicia a matéria num discurso ufanista, em aproximadamente três colunas, exaltando as qualidades do inquirido, tais como "um observador que não pode ser acusado de parcialidade, figura misto de monge e homem de ação, muito austero e afetivo, viajando com o objetivo de verificar a evolução política e social dos povos do Velho Mundo, sendo a Rússia o ponto de atração à quase todos os homens cultos". Para Polillo, pouco importa ao jornal publicar informações contrárias ou a favor do comunismo, pois o importante seria "conhecer a realidade objetiva dos fatos políticos e aperfeiçoar o sentido histórico da nossa época" e, para tanto, nada como um "raro cérebro capaz de uma observação imparcial e profunda como Primitivo possui".

O jornalista ainda ressalta a primazia que *O Jornal* teve com a entrevista, pois Primitivo Moacyr é uma pessoa "de cultura", "isento de pruridos de notoriedade" e não dá entrevistas, apenas concede alguns momentos de palestra, divagando serenamente pelas "coisas da inteligência", ao acaso, entremeando temas políticos com literatura, ora entrando "em terreno árido" dos assuntos econômicos se elevando às "paragens superiores" da filosofia e toda essa multiplicidade de generalidades sem "perder a elegância". E assim passa a apresentar o que foi "extraído por necessidade jornalística, os seguintes conceitos", numa clara demonstração de parcialidade.

Do extraído pelo jornal, segue a colocação de Primitivo que assevera ser "arbitrário tudo o que se disser por enquanto sobre se a revolução bolchevista representa um bem ou um mal, para os povos", isso porque ainda estava em processo de consolidação, diferenciando do ato material da revolução em si, já consumado há quase dez anos. Diz ainda que, para além da deposição da família Romanoff, a revolução russa tinha um "ideal grandioso a alcançar, a realizar na vida prática coletiva" e que o êxito inicial não garantiria o sucesso da teoria. E segue com o que considero seu modo de operar tecnicamente, informando aos leitores que o movimento bolchevista precisava ser "completado com um complexo de leis, leis novas, de acordo com as necessidades vitais da carne e do espírito do povo que o operou".

Sobre as leis para a nova organização política, Primitivo prossegue dizendo que algumas delas já estavam sendo executadas, outras estavam em estudos e outras ainda não haviam sido esboçadas pelos "cérebros que dirigiram aquele formidável surto popular", demonstrando a questão do ponto de vista legislativo. Ainda considerava pouco prudente os juízos emitidos por alguns autores, na maioria franceses, que, ao permanecerem alguns dias ou poucas semanas no país, ofereciam ao mundo ocidental observações destinadas a fazer com que os "leitores ocidentais concluam pela "inaceitabilidade", do novo estado de coisas criado pelo advento de Lenine". Assumindo uma posição central, discursou apostando na falta de unilateralidade tanto dos revolucionários russos quanto dos ocidentais capitalistas e no processo paulatino da revolução que, segundo ele, vinha a ser uma fatalidade histórica e deveria ser encarada como "fenômeno exclusivamente local" porque a "a alma russa é diferente, em essência, da alma de outros povos".

Sob o subtítulo "Afinidades entre a alma Russa e a alma Mexicana", ponderou que embora parecesse que o México estivesse enveredando pelo mesmo caminho da Rússia, isso não queria dizer que a revolução mexicana fosse semelhante à da Rússia, pois o fenômeno bolchevista se afigurava incompreensível fora daquele país, embora por lá fosse perfeitamente explicável, com animação e boa vontade e com um pouco de conhecimento da história desse povo, da sua arte e ao seu estado de espírito, que era "permanentemente religioso, místico, e, como tudo que é místico, é estranhamente violento também".

Demonstrando seu conhecimento literário, expôs na entrevista o que a edição do jornal chamou de "Os Argumentos Principais Levantados pelos Anti-Bolchevistas", que seriam três, segundo a literatura política francesa, "literatura que aliás admiro" : a pobreza coletiva, revelada até no trajar; a desgraça a que foram atirados, impiedosamente, os aristocratas de outrora/hoje operários ou mendigos no estrangeiro; e o desequilíbrio da vida da família, o que ele contestou:

> Taes argumentos - seria inutil asseverar - são falhos, porque são frutos de um conceito occidental da pobreza, da desgraça e da familia. De feito, ha pobreza, na Russia. E isso é logico, pois o paiz soffre as consequencias da opposição dos povos capitalistas, viu reduzida a sua produção agricola, e nunca foi uma entidade industrial no mundo. Lá, ninguem se traja bem, ninguem se veste como aqui, por exemplo. Mas é preciso não esquecer que o objectivo da revolução foi justamente o de destruir o conceito pelo qual um homem pode ser rico e vestir-se melhor do que outros menos favorecidos. Havendo pobreza, mas suficiencia geral, não ha realmente pobreza, pois fica destruido o termo de comparação, que é a riqueza (O Jornal, 1926).

Tal afirmativa se torna muito interessante porque esse sujeito vem sendo retratado por muitos autores contemporâneos como um positivista ou um homem do governo brasileiro, e a

esse respeito construo minha tese de que o seu *modus operandi* se deve aos hábitos do seu tempo, sendo ele um homem moderno e estando no mundo como planejou estar, escrevia com as nuances e retóricas próprias da intelectualidade a qual pertencia.

Ainda contestando os "ante-bolchevistas", prosseguiu:

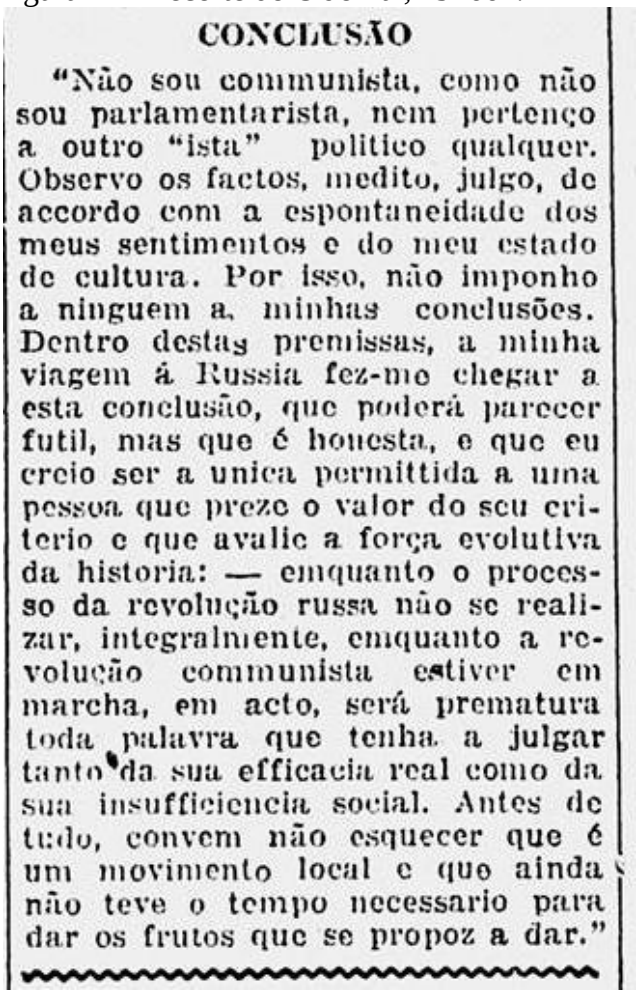
> Demais a mais, trajar-se bem, lá, de modo algum significaria riqueza, nem o facto de se vestir com luxo augmenta o valor de um homem diante de outro homem. O que lá predomina, por virtude do feitio especial da alma popular, é o valor humano, intrinseco, immamente, especifico, do homem, representado pela sua cultura, pela sua capacidade de acção, pelo beneficio que seus actos possam trazer ao bem estar collectivo, independentemente da indumentaria de que se serve.
> Assim, pouco importa estar bem ou mal vestido, posto que a indumentaria é o um valor decorativo exterior: e o argumento que parecia poderoso, cahe por si (O Jornal, 1926).

E, continuando a exposição dos momentos da palestra, Primitivo ainda dissertou sobre a questão da obrigação do trabalho, assunto destacado na chamada da matéria jornalística, desconstruindo o conceito do trabalho a que foram atirados os aristocratas, com uma bela pergunta retórica: "Desgraça, por que?". A obrigação do trabalho significava mais um dever imposto a todos, indistintamente, pela "grande revolução", visto que ninguém teria o direito de ser parasita social. Desse modo, ele finalizou, num claro rasgo de ironia, comparando a situação com os postulados iniciais da Revolução Francesa, que teve a mesma crueldade "e ninguém, por isso, se mete a escrever ou a fazer propaganda intensiva contra ela. Pelo contrário, todos a querem apoiar, como se ela significasse uma aurora nova para o gênero humano...".

No que dizia respeito à família russa ter sido posta em xeque, em clara contradição aos princípios religiosos, ele disse que, apesar das insinuações malévolas, a família em questão não se construía com a facilidade alardeada por certos ocidentais. Verificou que existe uma "esplendida legislação da família" peculiar aos sentimentos do povo e que, embora diversa da legislação ocidental, estava de acordo com o ritmo de vida de lá e que não era melhor nem pior do que a de outros países. Seria erro grave compará-la com a ocidental, visto que esta não tinha dado apenas conforto, prazeres e harmonia, mas também crimes. E concluiu que "a de lá tem vantagens sociais, visto que, em toda a Rússia, hoje não existe mais essa tristeza constituída pelos infelizes aviltantemente chamados 'filhos naturais'".

Ao fim da reportagem, foi publicada a opinião que Primitivo expressou ao concluir sua entrevista e que apresento na Figura 12:

Figura 12 - Recorte do O Jornal, 192661.



CONCLUSÃO

"Não sou communista, como não sou parlamentarista, nem pertenço a outro "ista" politico qualquer. Observo os factos, medito, julgo, de accordo com a espontaneidade dos meus sentimentos e do meu estado de cultura. Por isso, não imponho a ninguem a. minhas conclusões. Dentro destas premissas, a minha viagem á Russia fez-me chegar a esta conclusão, que poderá parecer futil, mas que é honesta, e que eu creio ser a unica permittida a uma pessoa que preze o valor do seu criterio e que avalie a força evolutiva da historia: — emquanto o processo da revolução russa não se realizar, integralmente, emquanto a revolução communista estiver em marcha, em acto, será prematura toda palavra que tenha a julgar tanto da sua efficacia real como da sua insufficiencia social. Antes de tudo, convem não esquecer que é um movimento local e que ainda não teve o tempo necessario para dar os frutos que se propoz a dar."

Fonte: Acervo pessoal da autora cedido por familiares.

Creio que o propósito do jornal em questão tenha ficado um pouco comprometido, na medida em que a ideia inicial seria a de contestar o movimento bolchevista com as alegações da imprensa francesa. Infelizmente, não foi possível determinar por quanto tempo Primitivo permaneceu na Rússia, no entanto, penso que a viagem tenha sido de mais que algumas semanas, já que criticou os intelectuais franceses que permaneceram no país no que considerou pouco tempo para perceber a alma russa. Além disso, ele também teve oportunidade e tempo suficiente para consultar a legislação do país.

[61] CONCLUSÃO "Não sou comunista, como não sou parlamentarista, nem pertenço a outro "ista" politico qualquer. Observo os factos, medito, julgo, de accordo com a espontaneidade dos meus sentimentos e do meu estado de cultura. Por isso, não imponho a ninguém a. minhas conclusões. Dentro destas premissas, a minha viagem á Russia fez-me chegar a esta conclusão, que poderá parecer futil, mas que é honesta, e que eu creio ser a unica permitida a uma pessoa que preze o valor do seu criterio e que avalie a força evolutiva da historia: - emquanto o processo da revolução russa não se realizar, integralmente, emquanto a revoluçao comunista estiver em marcha, em acto, será prematura toda palavra que tenha a julgar tato da sua efficacia real como da sua insufficiencia social. Antes de tudo, convem não esquecer que é um movimento local e que ainda não teve o tempo necessario para dar os frutos que se propoz a dar."

Moacyr foi, pouco a pouco, apresentando um outro modo de ver a situação, desconstruindo o tripé de conceitos correntes à época sobre a pobreza coletiva, trabalho dos aristocratas e o desequilíbrio da vida da família, chegando com isso até a um tom de ironia, que, até então, eu não havia percebido em outras falas, ao defender a questão social de suficiência geral e o boicote dos países capitalistas, demonstrando uma característica inesperada.

Passo a dissertar, então, sobre os recortes de jornais cuja publicação não foi possível identificar. No álbum organizado por Primitivo há uma anotação, com a sua letra bem talhada: "Viagem a Rússia – Entrevista", onde o entrevistador se refere à reportagem acima tratada, numa clara menção de não ser ele o senhor Raul Polillo, já que, durante a entrevista, o menciona e recebe a afirmação de Moacyr de que tudo o que foi publicado era verdade, "menos as aspas" porque o Sr. Raul "confiou demais em sua memória".

Essa entrevista foi feita por alguém que também morava em Petrópolis e que costumava visitá-lo habitualmente. O narrador[62] revela, ao se referir a Moacyr, que ele tinha a gentileza de lhe fazer ouvir os mestres que não envelhecem, como Schubert, Wagner ou Debussy e, sobre todos, Beethoven. Descreve a casa como uma construção em terreno elevado, ao fundo da Catedral, num outeiro verde e no fim da rua, depois da antiga quinta imperial onde se veem duas construções - uma de antes da República e outra de após a guerra. É aí que ele reside. A casa não é grande, é simples e elegante, e o morador a tornou graciosa, pois é um "jardineiro por passatempo e vocação" e rodeou a propriedade com arbustos e flores em canteiros de mimosas e quaresmeiras.

Passados para a biblioteca, o narrador informa que nunca havia versado sobre política com o Primitivo Moacyr porque ele, com seus três decênios de serviços na Legislatura, "criou horror a essa dama de conduta irregular". E aí entro em conflito com outras apurações bibliográficas. Primitivo aposentou-se em 1933, segundo documentação da própria Câmara[63], sendo que, em 1926, ano da viagem à Rússia e da reportagem no O Jornal, ocorreu no Parlamento Brasileiro a extinção da Redação dos Debates, permanecendo ele incumbido dos Documentos Parlamentares até a sua aposentadoria. A entrevista sugere um sujeito aposentado e, apesar de não estar datada nem identificada, o narrador afirma que a visita se deu no verão, ou seja, decorridos alguns meses após a viagem, o que suponho tenha sido entre dezembro de 1916 a março de 1927. Assim, deduzo ser possível que ele ainda estivesse ligado à Câmara.

[62] Passarei a chamar de narrador pela impossibilidade momentânea de identificação desse sujeito.
[63] Conferir Carta ao Diretor Geral do Ministério da Justiça e Negócios Interiores em MELO, 2012 - Anexos.

Na mesma entrevista, o narrador descreve que na biblioteca, local onde se deu a conversa, "estavam livros novos sobre a Russia, leis, codigos da Russia Sovietica, entre livros e revistas de varia especie", e que Primitivo regressou interessado pelo fenômeno russo e no que ele trata em repercutir na vida econômica e social do mundo. E assim reconduziu a entrevista para a temática da política com a observação: "[...] Mas eu queria, tambem, saber da vida das cidades russas que elle tinha visitado. Por exemplo, Moscou...".

Moacyr lhe respondeu afirmando que tinha esse desejo de visitar tal cidade e que foi um desencanto, porque encontrou Moscou com numerosas avenidas europeias, bondes elétricos, uma cidade sem bazares e sim com magazines, hipódromo, ruas limpas como as do Rio de Janeiro e em cidades alemãs. Ao descrever o Kremlin, falou das suas cores e torres históricas, entretanto que só lhe foi permitido visitar as velhas igrejas onde estavam reunidos os mais importantes tesouros. Descreveu também que ao lado do Kremlin se encontrava o cemitério com o túmulo de Lenine e as vítimas da revolução, e que a sua mais forte impressão foi a de ver o túmulo desse líder iluminado por lâmpada votiva e guardado por soldados da revolução. Da Rússia bolchevista, foi consentido aos "excursionistas sul-americanos", entre os quais estava, apenas visitar as igrejas e o túmulo, numa demonstração de que a liberdade de ir e vir, naquele país, estava sendo controlada. Isso porque, imagino, ao dar entrevista anteriormente ao *O Jornal*, ele havia se colocado numa posição de aguardar os acontecimentos posteriores à implantação do regime.

E prosseguiu afirmando que não seria lógico encontrar nas ruas de Moscou ou Leningrado[64] o luxo e a despreocupação das grandes cidades americanas ou europeias com seus muitos turistas. E ao comentar sobre as notícias de fome e tragédia por conta da revolução, em que se encontrava a população de Moscou e Leningrado, retificou que não se tratava de miséria, pois em Moscou e em São Petersburgo[65], "capital do império", houvera luxo e esplendor à moda francesa e que essa cidade "europeisara-se" cada dia mais. A arte e o idioma francês predominavam, e de russo ficaram somente a música e a dança. A revolução acabou com o luxo, e ele encontrou nas ruas de Moscou e Leningrado a população vestida "proletariamente", e acrescentou: "não miseravelmente", tese defendida na entrevista ao *O*

[64] Em 31 de agosto de 1914, o Czar Nicolau II decretou uma mudança do nome da cidade, de São Petersburgo para Petrogrado. A partir de 1924, em homenagem ao líder revolucionário Vladimir Lênin, a cidade seria mais uma vez renomeada, para Leningrado. A cidade de Leningrado voltava a ser chamada São Petersburgo em um dia como este, no ano de 1991, em uma homenagem ao Czar Pedro, o Grande. Ele fundou a cidade em 27 de maio de 1703, como a nova capital do Império Russo - perdeu este posto para Moscou em 1918, após a Revolução Russa no ano anterior. Disponível em History Chanel: https://seuhistory.com/hoje-na-historia/cidade-de-leningrado-e-renomeada-para-sao-petersburgo-na-russia. Acesso em 01/07/2018.

[65] Neste ponto da entrevista já utilizou o novo nome da cidade de Leningrado, retomando a forma antiga mais adiante.

Jornal, quando tratou das três questões principais, tema da reportagem. E encerrou a entrevista com a fala: “São as capas pesadonas, sapatões grossos, boinas pelludas. Note-se que na Russia duas terças partes do anno são passadas sob frio intenso e o frio impões uma feição particular ás multidões das ruas de Moscou e Leningrado.”.

Pelo exposto, concluo que, pelo menos naquele momento e oportunidade, sendo ele um *dândi*, um intelectual atento e um homem do seu tempo, apresentava certa tendência a considerar o regime de governo surgido através da Revolução Russa de 1917 uma possibilidade de resolver as questões próprias daquele país. Mesmo ocupando, às vezes, posições centrais nas discussões políticas, demonstrava certo apreço pelos rumos que tal revolução estava tomando.

3 **OS SUBSÍDIOS DE MOACYR**

Primitivo Moacyr ao publicar, em três volumes, escritas do que chama de subsídios para a história da educação nas províncias brasileiras, manteve seu olhar nas discussões parlamentares e nas falas de presidentes de províncias. E embora tenha sido definido como um sujeito 'obscuro' e de 'humilde obra' (Venâncio Filho[66], 14/04/1894 - 13/08/1946), articulava com maestria as fontes de que dispunha para produzir obra-arquivo de visibilidade para o campo da historiografia da educação.

Independentemente de qual tenha sido a pergunta ou a motivação que levou Primitivo a publicar essa coletânea, objetivei apurar na leitura para o presente trabalho indícios dos modelos escolares disseminados pelo território brasileiro e, em especial, modelos latino-americanos que tenham sido lembrados, indicados ou referenciados. Ou seja, em que medida a província do Rio de Janeiro, considerada aqui como a mais significativa do império, estabeleceu vínculos extraterritoriais no campo educativo, considerando que o projeto de nação civilizada, exaltado ao longo do século XIX, bem aos moldes europeus, já considerava a instrução como uma ferramenta fundamental. E, nessa esteira, em que ponto se encontrava o debate da extensão da escola para as camadas populares. Mas, como o Brasil, escravocrata e latifundiário, poderia inserir-se nesse cenário?

Como largamente apontado por mim e por outros pesquisadores do campo da História da Educação no Brasil, a produção literária de Moacyr foi bastante densa na extensão de seu conteúdo. Além das dezesseis obras que assinou, também participou da elaboração de outros treze livros da Série Instrução Pública - Documentos Parlamentares, além de aproximados outros cem volumes[67] sobre diversas matérias legislativas que também lhe são atribuídos. Entendo que a reunião dos conteúdos tenha sido o produto de uma longa vida profissional e pressuponho que, de caso pensado, tenha se autointitulado provedor de subsídios para a História da Educação no Brasil, na medida em que, mesmo às portas da morte, mandou chamar Lourenço Filho e lhe entregou os papéis e recomendações relativas aos seus últimos trabalhos[68]. No ano de seu falecimento, o INEP publicou quatro volumes assinados por Moacyr.

Com relação aos Documentos Parlamentares - Série Instrução Pública, posso considerar alguns aspectos sobre os quais passo a dissertar. Já as outras Séries da Coleção,

[66] Na Revista Cultura Política, páginas 95 a 97, FGV
[67] Jornal do Brasil, 1942. Afrânio Peixoto.
[68] Jornal do Brasil, 1942.

numa provável proporção de cem volumes, não tive oportunidade de investigar, e, apesar de não se tratar da temática preferida por Moacyr, presume-se que ele as tenha organizado, visto a oportunidade e o seu lugar no processo.

Nas minhas investigações, localizei algumas incursões nessa direção. O meu ponto de partida foi a tentativa de localizar, junto ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, os apontamentos de José Bonifácio, nos quais esboçava a organização e o regime da universidade no Brasil à Assembleia Constituinte e Legislativa, em 1823, cuja Comissão de Instrução aprovou a publicação, conforme consta na seção de 15 de outubro[69].

O acervo da série sobre a instrução pública se compõe de treze volumes, sendo dez encadernados em capa marrom e três em capa verde-água com azul marinho. Os volumes foram impressos pela Tipografia do Jornal do Comércio, em três períodos: em 1918, os 1º, 2º e 3º volumes; em 1919, do 4º ao 10º volume; e em 1929, os três restantes. Cada volume traz a informação do próximo a ser publicado, sendo que o volume 13 trouxe a informação "A publicar: Instrucção Publica (regimen universitario)".

Nesse caso, o 14º volume não foi localizado por ocasião de minha visita à Biblioteca da Câmara dos Deputados Federais, e os bibliotecários dali não o localizaram no acervo. Em contato com os administradores do Jornal do Comércio, também tentei localizar a publicação desse volume e na ocasião fui informada de que eles não têm conhecimento. Tenho tentado, junto à família, encontrar esboços ou rascunhos da pesquisa que Primitivo deve ter empreendido nesse sentido, que foi o de escrever sobre o que ele chamou de *regimen universitario*.

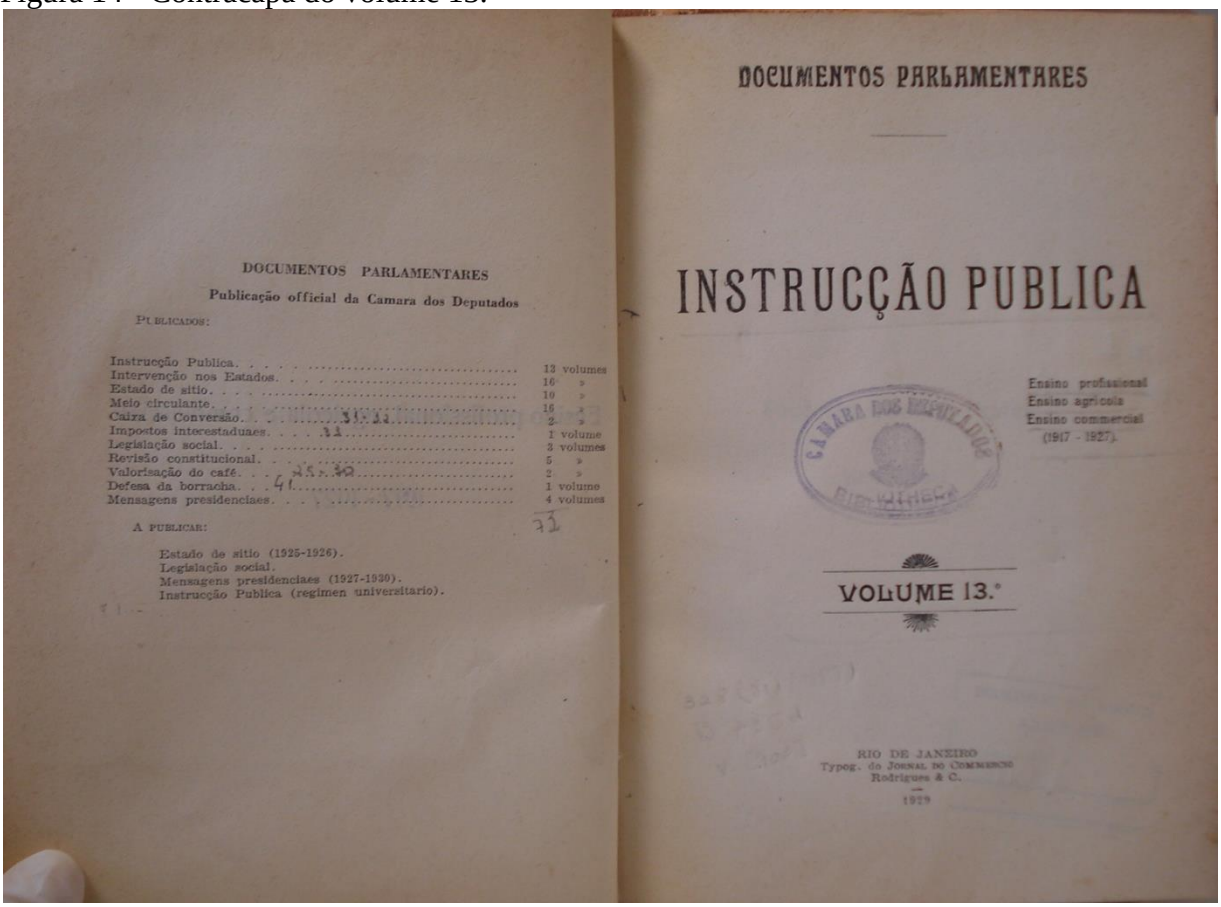
A seguir, apresento a fotografia dos livros que compõem a Série Instrução Pública dos Documentos Parlamentares, bem como a fotografia da contracapa do volume 13, onde se lê a referência à futura publicação, não localizada no acervo. Essas fotografias foram registradas na ocasião de minha estada na Biblioteca da Câmara Federal, em Brasília, e são as Figuras 13 e 14.

[69] Conferir em MELO, 2012.

Figura 13 - Fotografia dos Livros dos Documentos Parlamentares - Série Instrução Pública.

Fonte: Biblioteca da Câmara dos Deputados- Brasília.

Figura 14 - Contracapa do volume 13.



DOCUMENTOS PARLAMENTARES

Publicação official da Camara dos Deputados

PUBLICADOS:

Instrucção Publica	13 volumes
Intervenção nos Estados	16 »
Estado de sitio	10 »
Meio circulante	15 »
Caixa de Conversão	2 »
Impostos interestaduaes	1 volume
Legislação social	3 volumes
Revisão constitucional	5 »
Valorisação do café	2 »
Defesa da borracha	1 volume
Mensagens presidenciaes	4 volumes

A PUBLICAR:

Estado de sitio (1925-1926).
Legislação social.
Mensagens presidenciaes (1927-1930).
Instrucção Publica (regimen universitario).

DOCUMENTOS PARLAMENTARES

INSTRUCÇÃO PUBLICA

Ensino profissional
Ensino agricola
Ensino commercial
(1917 - 1827).

CAMARA DOS DEPUTADOS
BIBLIOTHECA

VOLUME 13.°

RIO DE JANEIRO
Typog. do Jornal do Commercio
Rodrigues & C.
1929

Fonte: Biblioteca da Câmara dos Deputados- Brasília.

A ideia de reunir em coleções de livros os debates ocorridos na Câmara Federal partiu por ordem da Mesa de 1918. Em 1976, na comemoração do sesquicentenário da Câmara dos Deputados, surgiu a ideia de se proceder a um levantamento dos respectivos períodos e cargos exercidos pelos membros das Mesas. Segundo a própria Câmara, o levantamento completo da composição das Mesas da Câmara dos Deputados, de 1826 a 1982, se constituiu em "trabalho simples, porém de grande utilidade para as atividades de documentação, informação e pesquisa". Dessa forma, desde 1983 tornou-se possível consultar a composição das mesas diretoras, devido ao trabalho da Seção de Documentos Audiovisuais, da Coordenação de Arquivo, sob a supervisão de Julieta Feitosa[70].

Segundo o então presidente da mesa, Flávio Marcílio (1983), para levantamento dessas informações "foram compulsados Anais da Câmara dos Deputados, Diários do Congresso Nacional, Livros de Atas das Sessões, Relatórios e Sinopses dos Trabalhos da Câmara dos Deputados, Regimentos Internos, Constituições e outras obras de referência". E prossegue classificando o processo de levantamento dos parlamentares com mandato nas Mesas como penoso, por razões tais como "falta de instrumentos adequados e multiplicidade de formas de nomes registrados nas várias fontes consultadas", causando com isso estudos sistemáticos dos registros dos nomes dos parlamentares.

Diante dessas proposições do presidente Marcílio, deparei-me com uma reflexão a respeito do que seria um trabalho simples e, ao mesmo tempo, penoso, que suscitou um esforço adicional da Coordenação de Arquivos na compilação dos documentos utilizados para compulsar essas informações. Seria tal assertiva uma forma de enaltecer o trabalho final que culminou no relatório *MESAS DA CÂMARA - 1826 - 1982 - Composição e Relação de Membros*, publicado em 1983 pelo Centro de Documentação e Informação? E, sendo mesmo essa tal multiplicidade de formas de nomes um fator complicador na identificação dos parlamentares, fica, neste caso, um alerta para que nós, que pesquisamos nessa esfera de fontes, tenhamos um cuidado muito especial na forma de trabalhar tais sujeitos parlamentares.

No ano de 1918, quando eleita, a Mesa ordenou a publicação dos debates transcritos dos *Annaes* na coleção de Documentos Parlamentares. A Mesa estava composta pelo primeiro presidente, Astolfo Dutra Nicácio[71] (dezembro/1864- maio/1920), deputado federal pertencente ao Partido Republicano Mineiro (PRM), criado em 04 de junho de 1888, com

[70] Julieta Feitosa, também chamada carinhosamente de Dona Juju, foi homenageada pela Câmara ao completar 100 anos no dia 29 de janeiro de 2018. Natural do Espírito Santo, foi pioneira em se estabelecer em Brasília nos anos de 1960, época que, segundo ela, ninguém queria vir para o Planalto Central por ser um local muito ermo e destituído de comércio e com "muita poeira". https://sindilegis.org.br/noticias/aos-100-anos-juju-compartilha-sua-historia-de-vida-com-o-sindilegis/1831. Acesso em 31/05/2018.

[71] Foi presidente da Mesa nos períodos de novembro/1914 a julho/1917 e julho/1919 a maio/1920.

objetivo de representar os ideais republicanos e oligárquicos da elite agrária mineira; e pelo segundo presidente, Sabino Alves Barroso (abril/1859 a junho/1919), deputado filiado ao mesmo partido mineiro de Nicácio e com quem alternou a presidência entre 1909 e 1919.

A série Instrução Pública dos Documentos Parlamentares está agrupada por debates inerentes à temática em discussão. Os volumes não seguem uma ordenação de datas e sim uma coleção de temas de discussões dentro do período recortado para o volume em questão. Por exemplo, o 1º volume (1904 - 1915) traz dois debates de 1904, avança para 1906 com mais outros dois debates, passando direto para 1912, com apenas um debate. No ano de 1913, apresenta cinco debates e finaliza direto com o ano de 1915. O segundo volume abrange o período de 1907 a 1908, portanto entremeando o recorte temporal do primeiro volume. Entender essa lógica adotada para os treze volumes seria um trabalho muito extenso, não oportuno para as demandas da presente dissertação.

Primitivo Moacyr, enquanto chefe da Redação dos Debates, com vinte anos de serviço público, passou a receber 25% de gratificação, ainda que, conforme verifiquei, não assinasse o Livro de Ponto com regularidade. Também fez muitas viagens nacionais e internacionais - neste caso, de navio -, permanecendo fora do país num período que deveria ser dedicado ao trabalho. Além de Carlos Peixoto, não confirmei outro sujeito em sua rede de sociabilidade que tenha exercido a função de presidente de Mesa na instituição em questão. O que posso supor é que ele teve apoio e compreensão por parte de vários políticos dessa instituição pública, o que vai de encontro às afirmações que o tratam como um sujeito recatado e humilde.

Neste capítulo considerei particularmente um dos livros da trilogia publicada pela Cia. Editora Nacional, na Coleção Brasiliana Pedagógica, sob o número 147: *A Instrução e as Provincias*: subsidios para a História da Educação no Brasil 1835-1889 (Sergipe, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo), 1939, volume 147-A. Na verdade, penso que ele estabeleceu os recortes desses três volumes norteado pelo Ato Adicional de 1834[72] e encerrando sua narrativa com o fim do período imperial brasileiro, por se tratar do município da Corte, palco de muitos debates políticos, onde vivia.

[72] A constituição de 1824 teve apenas uma única emenda, a qual ficou conhecida como o Ato Adicional de 1834, aprovado pela Lei nº. 16 de 12 de agosto. Seus 32 artigos estabeleceram algumas mudanças significativas, principalmente no que se referiu ao Capítulo V da Constituição, que definia as atribuições dos Conselhos Gerais de Província. Ele extinguiu os Conselhos Gerais das províncias e criou, em seu lugar, as assembleias legislativas provinciais, com poderes para legislar sobre economia, justiça e educação, entre outros. Além disso, a cidade do Rio de Janeiro foi transformada em Município Neutro, desmembrado da Província do Rio de Janeiro, que passou a ter a sede do governo em Niterói.

Essa obra contém 576 páginas e, como de praxe nos livros da Coleção Brasiliana, inicia-se com a divulgação dos volumes publicados em suas respectivas séries, ocupando quatro páginas para este fim. A seguir, a editora adentra no livro propriamente dito sem esquecer de mencionar as publicações anteriores do autor e o volume 147-B, ainda no prelo. Na obra em questão os assuntos estão distribuídos em cinco seções com os nomes das províncias que, à exceção da província de Mato Grosso, dão nome ao volume, onde ele apresenta os tópicos que selecionou com relação às províncias tratadas. Sergipe vem a ser a primeira seção e está composta por 29 tópicos; seguida pela Província da Bahia com 37 tópicos; a Província do Rio de Janeiro aparece depois com 44 tópicos; São Paulo com 45 e, finalizando, a Província do Mato Grosso com 37 tópicos. Em todas essas seções os enunciados estão em ordem cronológica, no parâmetro de tempo anunciado pelo título da obra.

A seguir, apresento um quadro-resumo dos assuntos apresentados por Primitivo Moacyr na obra em análise. Pretendi verificar o quanto selecionou dos relatórios dos presidentes da província do Rio de Janeiro e das transcrições dos debates travados na Câmara Federal. Infelizmente, nem todos os Anais estão disponíveis para consulta *online*, o que pode vir a determinar alguma imprecisão na verificação. Entretanto, até onde apurei, posso afirmar que Primitivo transitou pelas duas fontes, com o método de pesquisa do seu tempo, procurando interpor a informação retirada dos relatórios de presidente de província e apresentada no livro. Neste caso, considerei os relatórios como sua base, contrapondo com debates ocorridos na Câmara Federal. Tal procedimento descritivo ocorreu na seção Rio de Janeiro, não cabendo nesse momento verificar as demais províncias, devido à demanda da escritura da presente dissertação.

Na seção em análise, foram publicados, nos tópicos relativos à Província do Rio de Janeiro, 188 fragmentos de textos-chave como chamadas para o assunto no corpo do livro, e esse quantitativo norteou os cálculos que apresento na sequência. Entretanto, o autor não contemplou todos os anos do período que escolheu para o seu recorte (1835/1889). Os anos de 1854, 1868 e 1883, por exemplo, embora não constem do índice, o que poderia ter sido um erro tipográfico, tiveram seus conteúdos comentados no corpo do livro. Já os anos de 1841, 1845, 1848, 1851, 1864, 1865, 1877 e 1879 não foram mencionados no índice nem no corpo do texto e, como essa quantidade de anos apagadas da publicação me pareceu significativa, verifiquei o teor contido nos relatórios desses anos, que estão representados no Quadro 2, a seguir, onde demonstro o conteúdo por ele apresentado na obra, com os destaques que ele dá, para mais adiante perceber a frequência desses mesmos destaques.

Quadro 2 - Resumo dos assuntos tratados no livro 147-A[73]

Província de Rio de Janeiro	
Ano	**Temática**
1835	Direção; fiscalização; escola normal; Colegio de instrução secundaria; despesas com o ensino.
1836	Frequencia e aproveitamento da escola normal; uniformidade de ensino; diretoria de estudos e fiscalisação do ensino; colegio de artes mecanicas; escola de arquitetos medidores.
1837	Lei do ensino (tres classes de ensino, diretoria de instrução, inspeção por municipio, vitaliciedade ao mestre diplomado, casas para escolas pelas municipalidades, frequencia minima, restrições á liberdade de ensino.
1838	Organisação material da escola; obras didaticas; curso normal de Degérando; novo manual das escolas primarias ou guia dos professores.
1839	Creação do liceu de Jacuecanga.
1840	Frei de Santa Gertrudes[74], diretor dos estudos e as obras didaticas; frequencia da escola normal; estatistica; escola de arquitetos-medidores.
1841[75]	
1842	Transferencia do liceu para Niteroi; estatistica.
1843	Ensino secundario: liceu em Campos.
1844	Proliferação de aulas e colegios particulares em Niteroi; mestres sem habilitações; exercicio ilimitado do magisterio; a escola de arquitetos-medidores em abandono; sua extinção.
1845[76]	
1846	Base de uma reforma (direção, inspeção, ensino normal, a frequencia e a gratificação dos professores, escolas elementares e de 2º grau.
1847	Ensino profissional.
1848[77]	
1849	Revogação do reg. de 1847; presidencia Pedreira; ensino secundario, luxo dispendioso; subvenção ao ensino secundario particular; uniformidade do ensino no pais; defeitos das escolas normais; mestres adjuntos; conselhos municipais de inspeção; livrarias municipais; donativos em beneficio do ensino; metodos; casas para escolas, limitação ao ensino particular.
1850	A instrução é quasi nenhuma; frequencia obrigatoria; escola industrial de tecnologia.
1851[78]	
1852	Revista de instrução; despesas com o ensino.
1853	Estatistica; custo de aluno; ensino secundario; colegios subvencionados; elogio ao ensino particular.
1854[79]	Decreto legislativo (acrescido por mim).
1855	Ensino particular subvencionado.
1856	Colegio Calogeras.
1857	Inspeção remunerada, conferencias anuais, conselho central; estatistica; ensino secundario; fechamento de um estabelecimento particular.

[73] Foi minha opção manter a ortografia das temáticas apresentadas por Moacyr no ano da publicação da obra.
[74] Monge beneditino, Abade do Mosteiro de São Bento no Rio de Janeiro, Cf. Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro, professor do Seminário de São Joaquim, Cf. O Clero no Parlamento brasileiro: Câmara dos Deputados (1843-1862), organista, Cf. Paulo Castagna, A produção musical carioca entre c.1780-1831, Instituto de Artes da UNESP. E aluno matriculado na Academia Real dos Guardas-Marinhas quando de seu translado para o Brasil. Cf. Aprendizes marinheiros, aprendizes de guardas-marinha no ensino naval: educação para o trabalho, apresentado no VII CBHE por mim.
[75] Esse ano não consta do Índice nem do corpo de texto.
[76] Esse ano não consta do Índice nem do corpo de texto.
[77] Esse ano não consta do Índice nem do corpo de texto.
[78] Esse ano não consta do Índice nem do corpo de texto.
[79] Não consta do Índice. Houve um apagamento, no que tange ao Relatório de 1854, que tratarei mais adiante.

1858	Ensino particular na provincia; enumeração de escolas e colegios.
1859	Inhabilitação e pouco zelo dos mestres; lacunas no sistema de seleção; custeio das escolas; inspeção; inspetores gerais remunerados; ensino normal; escola pratica; extinção de liceus; internato nas escolas.
1860	Regulamento de ensino, classificação de escolas, seleção no magisterio; aulas de ensino secundario; escolas alemãs em Petropolis; despesa com a instrução.
1861	Inspetores de comarca.
1862	Restauração da Escola normal; internato para o curso normal; cadeiras de desenho linear e agrimensura.
1863	O sistema da instrução nas provincias não é o melhor...; predios escolares e aparelhamento.
1864[80]	
1865[81]	
1866	Liberdade completa do ensino; difusão e não perfeição do ensino; Liceu fluminense de Niteroi, estabelecimento particular; estatística; vacinação para matrícula; escolas alemãs em Petropolis; ensino secundário; livros escolares.
1867	Recenceamento escolar; infrequencia no curso normal; escola mixta.
1868[82]	Estatísticas de matrículas; Escola normal [83](acrescido por mim).
1869	Subvenção a escolas particulares; ensino livre; ensino normal; frequencia obrigatoria.
1870	Inconvenientes da absoluta liberdade de ensino; plano do cargo de inspetores de comarca.
1871	Ensino normal; falhas de sua organisação; despesa com a instrução; ensino obrigatorio; escolas noturnas; bibliotecas populares.
1872	Regulamento do ensino (liberdade de ensino; escolas urbanas e rurais; alunos internos nas escolas publicas; organisação da estatistica da instrução); no ensino normal antes solidez que extensão; subvenção e colegios de ensino secundario; escola normal de agricultura; escolas alemãs de Petropolis.
1873	Regulamento das bibliotecas populares; Escola normal, curso de homens distinto do curso das senhoras; curso preparatorio normal.
1874	Conferencias pedagogicas em todos os municipios; deficiencia do curso normal; aula de ginastica impugnada pelas alunas; escolas noturnas; inquerito sobre o ensino; colegios particulares assinalados.
1875	Curso normal; cursos publicos; associações pró-creanças desvalidas.
1876	Reforma da instrução; a escola carece do apoio ativo da opinião; asilos de infancia; favores ás empresas industriais ou agricolas que mantinham escolas para menores ou adultos; duas escolas normais, uma para cada sexo; cursos publicos gratuitos; donativos de livros escolares; decadencia das bibliotecas populares; escolas noturnas ou dominicais.
1877[84]	
1878	Dotação das escolas a cargo da filantropia dos ricos das localidades e das associações para tal fim organisadas; fundo escolar; imposto de capitação; supressão da cadeira de ginastica no curso normal; carta escolar, por municipios e freguesias; supressão das escolas noturnas.
1879[85]	

[80] Esse ano não consta do Índice nem do corpo de texto.
[81] Esse ano não consta do Índice nem do corpo de texto.
[82] Não consta do Índice.
[83] Utiliza-se do Relatório do Conselheiro à Assembleia, ao invés do Relatório do presidente da província, que tratarei mais adiante.
[84] Esse ano não consta do Índice nem do corpo de texto.
[85] Esse ano não consta do Índice nem do corpo de texto.

1880	Curso normal reduzido; cadeira de ciencias fisicas e naturais; cursos preparatorios nas escolas anexas; internato nas escolas; estatistica; liceu de humanidades em Campos; subvenção ás escolas particulares.
1881	Ensino obrigatorio nas cidades; estabelecimentos particulares de ensino assinalados; colegios para "ingenuos" e creanças desvalidas; bibliotecas populares; reforma do ensino normal; regulamento do liceu de Campos; despesas com a instrução.
1882	Escolas municipais e provinciais; imposto de capitação; congressos e conferencias; associações pro instrução; predios escolares de deferentes tipos; escolas agricolas de artes e oficios; custeio do ensino normal; necessidade de reorganisação da escola normal; escolas publicas e escolas subvencionadas.
1883[86]	Cadeiras; vencimentos de professores; Escola normal (acrescido por mim).
1884	Estatistica; obrigatoriedade; taxa escolar; projeto de reforma de ensino.
1885	Reclamações contra a suspensão de escolas de frequencia minima; regulamento da Escola normal.
1886	Estabelecimentos de ensino particular; redução de cadeiras no liceu de Campos.
1887	Nucleos orfanologicos, sala de asilo, escolas de domingo, escolas da infancia desvalida pelas municipalidades; nova reforma do liceu de Campos.
1888	Curso pedagogico mais pratico; má inspeção; escolas em casebres quasi nuas de moveis e sem alunos; colegios de artes e oficios de Santa Rosa; liceu de artes e oficios em Campos; extinção de subvenção ás escolas; professores provisorios.
1889	Estatisticas; emprestimo para construção de predios escolares; escola normal. instituição imcompleta; liceu de artes e oficios; despesas com a instrução.

Com relação aos anos que ele não mencionou no índice nem no corpo do texto, percebi que todos eles tiveram seus relatórios de presidente de província publicados. A maioria dos Anais da Câmara também estão disponíveis, tanto quanto estavam para o redator-chefe, naquela época. Então, sobre esses anos desconsiderados por Primitivo Moacyr nessa obra, gostaria de citar as informações localizadas por mim e que foram descartadas por ele:

- 1841 - O presidente Souza França se furta a dar informações sobre as Escolas da província devido ao falecimento do Frei Policarpo de Santa Gertrudes, diretor das aulas de instrução primária. Esse frei é figura bastante comentada por Primitivo Moacyr, inclusive no livro em questão, bem como na pesquisa que realizou sobre a vinda da Academia de Marinha de Portugal, em 1808, que funcionou por algum tempo no Mosteiro de São Bento e contou, entre seus alunos matriculados, com o frei Policarpo.
- 1845 - O Visconde da Villa Real da Praia Grande apresenta acanhadas notícias sobre a instrução em seu relatório, tais como a falta de mestres idôneos sem a devida aprovação do diretor da Escola normal, e reclama ainda que por vencimento tão irrisório é difícil conseguir pessoas com a devida instrução e moralidade.

[86] Esse ano não consta do Índice, mas está no corpo do texto.

- 1848 - Nesse ano ocorrem algumas trocas no cargo de presidente de província. O senador Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho transmite o cargo para o desembargador Manoel de Jesus Valderaro que, por sua vez, em junho, entrega a administração da província ao Visconde de Barbacena. O relatório possui umas laudas manuscritas de difícil compreensão, contudo é possível ler a parte sobre a instrução, que está datilografada. Essas movimentações políticas na administração da província não foram capazes de despertar o interesse do nosso autor.
- 1851 - Esse também foi um ano 'esquecido' por Primitivo Moacyr. É interessante notar que o relatório do presidente Conselheiro Luiz Pedreira de Coutto Ferraz, figura notória na Instrução Pública e objeto de pesquisa de Primitivo, quando da transmissão do cargo para o vice João Pereira Darrigue Faro, fala sobre o fracasso que a instrução pública terá caso não haja "uma inspeção zelosa", conforme já anunciado por ele. Também cita a instrução na Holanda e na Prússia como modelos eficientes. O relatório é carregado de informações estatísticas, bem ao gosto de Moacyr. Em setembro do mesmo ano, é possível encontrar o relatório do presidente Faro, que também não teve a atenção de Primitivo.
- 1864 - Esse também foi um ano com mudanças na liderança e com publicações variadas nos relatórios. Entre outros assuntos, versa sobre a Escola Normal e o atual estado da instrução pública, trazendo várias estatísticas.
- 1865 - O relatório desse ano já começa com a fala sobre a apresentação ao governo provincial de detalhado relatório do ano anterior sobre o estado da instrução primária e secundária, pública e particular, da província do Rio de Janeiro e indica que não houve alterações notáveis desde então. Trata sobre vagas na escola pública, mobília e utensílios, distribuição de compêndios, todos assuntos da esfera de interesse do autor em questão. Nesse e no ano anterior, os relatórios são assinados por José Tavares Bastos, num período em que Primitivo não havia nascido, então não tenho como pressupor alguma diferença pessoal.
- 1877 - No relatório desse ano também são apresentadas estatísticas sobre as matrículas nas escolas públicas, escolas subvencionadas, aulas noturnas, escolas particulares e aulas noturnas particulares, em quadro comparativo entre

esse e o ano anterior, dando ênfase ao aumento das matrículas na ordem de 430 alunos. O presidente não se atreve a propor despesas, considerando apenas a necessidade do aumento no número de escolas, fazendo uso da retórica, o que considero um marco nos relatórios, que é a bajulação que aqui reproduzo: "Se a Assembéa, movida pelo patriotico desejo de dar á instrucção primaria maior desenvolvimento, entender em sua sabedoria que novas escolas se devem installar além do numero até agora fixado, julgo preferivel augmentar o das subvencionadas[87]". Neste caso, a questão é: quem se favoreceria com a subvenção?

- 1879 - Propõe a nomeação de professores do sexo masculino para reger as 1ª e 3ª cadeiras da escola voltada para o sexo feminino, que estão vagas, apresentando, portanto, uma discussão de gênero. Até onde avancei na investigação a respeito das publicações de Primitivo Moacyr, não percebi muito interesse na discussão de gênero para o magistério, então, de todos os 'apagamentos', este, em minha opinião, seria por puro desinteresse.

Como é possível notar, esses assuntos que Primitivo Moacyr apagou da pauta de sua publicação são pertinentes e costumavam ser de seu interesse em outras ocasiões, não havendo, assim, motivo para tal apagamento.

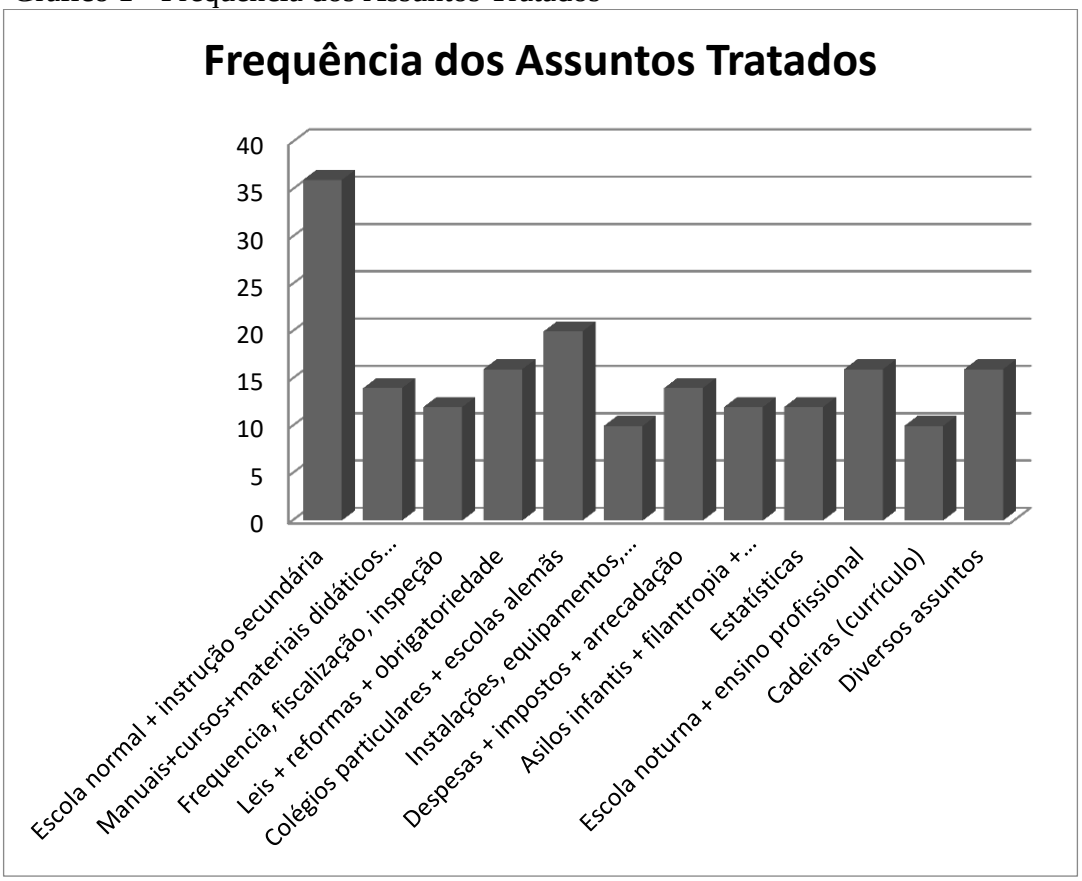
3.1 **Frequência dos assuntos tratados**

Com base no levantamento dos assuntos destacados no livro 147-A da Coleção Brasiliana Pedagógica: *A Instrução e as Provincias*: subsidios para a História da Educação no Brasil 1835-1889 (Sergipe, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo), no que tange à província do Rio de Janeiro, observei algumas inconsistências. Como exemplo, posso apontar alguns anos cujos conteúdos não constam no índice, mas estão no corpo do texto do livro, além de outros anos que simplesmente foram suprimidos da reflexão de Primitivo sobre a província. No quadro acima acrescentei ao índice o que chamei de fragmentos de texto-chave, nos casos em que o conteúdo está presente no corpo do livro. Os anos 'apagados' foram incluídos no Quadro 2 apenas para ajudar na reflexão sobre as escolhas ou apagamentos feitos pelo autor.

[87] Para maiores esclarecimentos sobre escolas subvencionadas, cf. COSTA, Ana Luiza Jesus da. Tese: O educar-se das classes populares oitocentistas no Rio de Janeiro entre a escolarização e a experiência. São Paulo: USP/FEUSP.

Para tal mister, apresento também o Gráfico 1, que pontua essa frequência, lembrando que os meus acréscimos não foram computados nas estatísticas.

Gráfico 1 - Frequência dos Assuntos Tratados



Fonte: Gráfico elaborado por mim.

São três os assuntos mais recorrentes tratados na seção sobre a Província do Rio de Janeiro, no livro 147-A da Coleção Brasiliana Pedagógica: a Escola Normal; os colégios particulares e as escolas alemãs; e frequência, fiscalização e inspeção, tratados a seguir.

3.1.1 Escola normal[88]: uma preocupação real ou a ordem do dia

No destaque inicial de 1835, Primitivo pinça do relatório a retórica do presidente José Rodrigues Torres enaltecendo em seu texto que a despesa feita para a instrução pública, principalmente na formação de professores, seja bem justificada. O presidente pede socorro para o Seminário de Jacuecanga, que está se exaurindo como as forças do velho padre.

[88] Primitivo Moacyr grafava a expressão Escola normal com "n" minúsculo ao se referir aos debates sobre esta que viria a ser a instituição de formação de professores. Em outras vezes, inclusive nos relatórios de presidente de província, a expressão inteira era escrita em letra minúscula: "escola normal".

Nessa obra aqui discutida, e em outras também, constatei um grande interesse do autor em destacar a temática que gira em torno da formação de professores no período compreendido entre 1835 e a instauração do regime republicano em nosso país. Pensei, à princípio, que o debate sobre a Escola Normal fosse a ordem do dia, o que se verificou nos anos iniciais dos relatórios comentados por Primitivo. E mesmo a instituição tendo sido extinta após dezesseis anos, continuou sendo alvo do interesse dele nesse período e após sua reinauguração, em 1862.

Como citei anteriormente, tenho o Ato Adicional de 1834 como norteador da escolha de recorte temporal feito por Primitivo. Além disso, grandes discussões sobre a centralização/descentralização na instrução pública e mudanças como a criação do Município Neutro do Rio de Janeiro, que foi transformado em sede da administração e controle pelo governo central, também são marcos, visto que o autor, de alguma forma, fazia parte da administração do país.

Uma questão que me instiga seria o motivo real que levou Moacyr a se estender nesse tema. Ele foi professor e dessa atuação profissional pouco se tem notícia, o que dificulta a compreensão sobre suas razões pessoais. Nada sei, até o momento, sobre sua formação docente, além do testemunho familiar. O que pude constatar apenas foi a sua formação posterior, ou seja, a de advogado, registrada em 30 de janeiro de 1897 no Diário Oficial da União.

Em sua tese, Oliveira (2014) informa que Primitivo cursou Direito na Faculdade Livre, entretanto, a família informou que ele começou o curso em Pernambuco, como era a minha hipótese desde o início, e fez o curso jurídico no Rio de Janeiro. Essa informação me pareceu bastante lógica após a leitura de José Murilo de Carvalho[89], no que tange ao Capítulo 3 - *Unificação da Elite: Uma ilha de letrados,* que aponta a formação jurídica dos políticos na segunda metade do século XIX como ferramenta para ascensão de *status quo.* Provas disso são as novas configurações dadas aos Conselheiros de Estado; as novas gerações formadas em Coimbra e sua participação na docência no Brasil; e a interpretação dos Direitos Canônico e Romano, entre outros fatores que ocupavam o cenário imperial pós-abdicação de Pedro I.

Docente formado ou não, ele demonstrou bastante interesse no tema, visto que, nas incursões de assuntos no livro-fonte desta pesquisa, a Escola Normal representou mais de 35% do seu interesse.

[89] José Murilo de Carvalho, fundador da pós em Ciência Política da UFMG, recebe maior prêmio de C&T do país. Fonte: https://www.ufmg.br/online/arquivos/011470.shtml e o Livro em questão consta das Referências Bibliográficas

Na sequência de seus apontamentos, Moacyr destacou também as cadeiras[90] que deviam ser criadas e ensinadas, discutindo os métodos, o ensino misto, a frequência dos alunos da Escola Normal e o número de professores formados por ela e lotados nas escolas públicas. Mostra, também, os requisitos necessários que o candidato à docência deveria ter.

A província do Rio de Janeiro, embora contivesse a Corte em seu território, sede do Império Brasileiro e de mesmo nome, tinha como centro administrativo a cidade de Niterói. Nela, segundo Gondra & Schueler (2008, p. 35), "o governo procurou regulamentar a instrução pública. A criação da Escola Normal para a formação de professores primários, na cidade de Niterói, então capital [...] foi uma das medidas tomadas". Nessa província também foi onde se estabeleceram os "princípios fundamentais da instrução pública e secundária" e os currículos diferenciados para os gêneros, instrumentos fundamentais para a "unidade do Império".

Gondra & Schueler (2008), apud Mattos (1990)[91], ainda prosseguem afirmando que essa província tem sido considerada por autores do campo "como 'laboratório' para as políticas de instrução pública do Estado Imperial". E complementam:

> Tal posição vem sendo redimensionada em razão do avanço das pesquisas que indicam a existência de iniciativas educacionais, regionais e locais, desde as décadas de 1820 e 1830 – portanto, em momentos anteriores ao processo de conquista da hegemonia conservadora e à centralização/consolidação do Estado imperial a partir do Centro-sul (p.36).

Em certa medida, Santos (2017) trata a questão da Escola Normal tendo como fonte os relatórios de presidente de província, que, neste caso, também foram fontes para Primitivo Moacyr. A discussão evidencia as dificuldades pelas quais a escola da capital, em Niterói, passou durante o século XIX, como o fato de ter ficado mais de uma década sem funcionar, além da quantidade diminuta de alunos que a frequentava. E destaca também a completa falta de intenção de projetar ao futuro docente uma formação mais eficaz no que diz respeito ao conteúdo, e sim uma intenção de "ordenar, controlar e disciplinar do que propriamente instruir".

No caso da província do Rio de Janeiro, Primitivo Moacyr apresentou, na obra-fonte desta análise, uma série de recortes de discursos de autoridades provinciais, como é o caso do primeiro relatório à Assembleia Legislativa, seguido dos recortes do relatório do segundo

---

[90] Para melhor aprofundamento, ver ECAR, Ariadne Lopes. Conhecimentos pedagógicos como orientação para a "missão docente": a formação na Escola Normal de Niterói na Primeira República (1893-1915). 2011. 281 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011, que dedica uma seção à Escola Normal de Niterói durante o Império.

[91] MATTOS, Ilmar (1990) *O tempo Saquarema. A formação do estado imperial*, São Paulo, Ed. Hucitec.

presidente, Paulino José Soares de Souza Junior[92] (1837). Apesar de seu modelo de escrita factual, Primitivo foi um intelectual em seu tempo, bastante interligado com sujeitos[93] de diversas esferas de poder e saber. Ao utilizar, como estatuto de verdade, os recortes da chamada escrita oficial, aparentemente demonstrava afastamento, pois interferia pouco nos fragmentos que articulava e apontava, quase sempre, descasos e falta de providências para o campo da instrução pública.

3.1.2 Colégios particulares e escolas alemãs

Luiz Antônio de Oliveira (2014), em sua tese: *Tessituras do ensino público*: a unidade em Primitivo Moacyr (1910 – 1930), publicou a foto *sans retoucher*, da Revista Fon-Fon (p.18), sobre a viagem que Primitivo fez à Genebra, em 1909, para visitar seus dois filhos - Carlos e Primitivo Bueno - no Colégio Chateau de Lancy. Oliveira também comentou diversas viagens de Moacyr, o que ajuda a contradizer a fala de Sertório de Castro ao caracterizar sua "modesta condição de funcionário da Câmara"[94]. A predileção de Moacyr por uma formação escolar europeia pode ser confirmada na frequência com que aponta as escolas particulares em Petrópolis, por exemplo, além das escolas alemãs.

Por ocasião do *III Congresso Sul-Riograndense de Historia e Geografia*, Moacyr publicou, pela Editora Oficina Gráfica da Livraria do Globo, em 1940, em Porto Alegre, o artigo *O ensino comum e as primeiras tentativas de sua nacionalização na Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul (1835-1889).* Nele, expõe a fala do presidente Luiz Alves Leite de Oliveira Belo que, reportando uma das falhas na implantação da instrução primária naquela província no ano de 1852 e marcando claramente a posição política do presidente contrária às escolas alemãs, cita:

> "Ainda é escassa a instrução primária no idioma nacional na colonia de S. Leopoldo: os colonos preferem aprender em escola particular a lingua alemã. Si não for proibido a profusão dessas escolas e não for imposta multa aos pais antes de estarem instruidos os filhos na leitura, escrita da lingua nacional, os filhos dos colonos pouco fequentarão as nossas escolas e serão sempre estrangeiros em nosso país" 95.

[92] Paulino José Soares de Souza Junior teve sete legislaturas na Câmara entre os anos de 1894 e 1930. Neto do Visconde de Uruguai, herdou o nome do avô e de seu pai José Soares de Souza II, ambos deputados no período imperial. Fonte: Biblioteca da Câmara Federal – Brasília- DF

[93] Cf. MELO, 2012.

[94] CASTRO, Sertório. *A República que a revolução destruiu***.** Rio de Janeiro: Borsoi & Cia, 1932. Disponível em eBooksBrasil.org. Acesso em: 20 dez. 2009 e MELO, 2012

[95] Não foi possível indicar a página em que consta essa citação de artigo apresentado por Primitivo Moacyr no III Congresso do IHGB, bem como a que a sucede, porque parte de uma transcrição feita por mim, há bastante tempo e em cópia manuscrita e posteriormente digitada. Porém o documento está disponível na Biblioteca Nacional.

Logo em seguida (1858), em seu texto para os anais desse congresso, vai contra a fala do novo presidente daquela província, o senhor Angelo Muniz da Silva Ferraz - futuro Barão de Uruguaiana, demonstrando preocupação com o desenrolar do assunto:

> E repetia a denuncia dada em 1852: necessidade de dotar as colonias com escolas primárias, embora fosse dificil encontrar nacionais que conhecessem a lingua alemã para tal mistér. E acrescentava: é evidente necessidade prover-se as escolas dessas colonias com estrangeiros profissionais que tenham conhecimento quer da lingua vernacula, quer da lingua alemã. Há necessidade de uma cadeira de lingua alemã em uma provincia de imigração alemã.

Conforme informação a ser confirmada, Primitivo Moacyr retirou Carlos Bueno Moacyr do Colégio Chateau de Lancy, na Suíça, e fixou residência em Petrópolis, devido ao fato de seu filho ter contraído tuberculose. Da mesma forma, transferiu Primitivo Bueno Moacyr para colégio na Alemanha, deixando-o transtornado, já que era o mais novo e ficou só naquele país.

É possível que sua permanência em Petrópolis tenha promovido um contato com a colônia alemã[96], significativa nessa cidade, e talvez venha daí o seu interesse pela situação das escolas alemãs. Há também o fato de seu filho Primitivo Bueno Moacyr, então com 13 anos, ter estudado na Alemanha, conforme se pode verificar na fotografia do atestado de 31 de março de 1913 e do passaporte emitidos em 05 de setembro de 1914 pelo cônsul brasileiro em Berlim.

3.1.3 Frequência, fiscalização e inspeção

Vinicius Santos[97] (2017) nos apresenta em sua tese/livro *O olho e a mão da autoridade*: a inspeção da instrução na província do Rio de Janeiro (1850-1889) todo um capítulo sobre essa temática, mostrando o tanto de "tensões, conflitos e controvérsias" com "aqueles homens que dirigiam a Província, porque vislumbravam a educação como

[96] Data do ano de 1822 a primeira leva de colonos alemães que foram trabalhar em Petrópolis, na Fazenda da Mandioca, quando quarenta famílias foram contratadas pelo médico alemão GEORG HEINRICH VON LANGSDORFF (1774-1852), constituindo-se nos primeiros colonos "braços livres" a trabalhar numa fazenda. Entre eles podem ser citados Michael Zanger, Anton Stramb, Martin Koch, Catharinja Franz, Carl Autenrieth e Wilhelm Müller. Alcindo Sodré ensina que a Fazenda da Mandioca existiu no primeiro quarto do século XIX, na Raiz da Serra. Seu organizador e primeiro proprietário foi um estrangeiro ilustre que realizou estudos científicos, cortando em caravana os sertões do Brasil. O barão Jorge Henrique de Langsdorff era médico formado pela Universidade de Goetingue, na Alemanha, e acatado entomologista, constando ter nascido no Grão Ducado de Baden. Como médico do príncipe Waldeck, seguiu-o a Portugal, quando este foi comandar o exército português, ali introduzindo a prática da vacinação. Fonte: Memória dos colonos alemães em Petrópolis. Disponível em http://imigrantesalemaesempetropolis.blogspot.com/2012/10/os-primeiros-colonos-alemaes-vieram.html, acesso em 09/07/2018.

[97] As citações de páginas deste autor são as numeradas em sua tese e não no exemplar do livro.

mecanismo constitutivo da hierarquização da sociedade imperial, bem como atribuíam outros sentidos à instrução - para usar uma expressão da época - do "povo mais ou menos miúdo[98]".

Naquela época, conforme já mencionado no presente estudo através do autor Maurício de Almeida Abreu (1997), as condições geográficas dificultavam muito a questão da locomoção e de moradias, na medida em que as famílias iam sendo empurradas, cada vez mais, para freguesias distantes do centro político da província. Diante desse contexto, Santos (2017, p. 184) chama a atenção para a posição do deputado Josino de Araújo, que elegeu, "de forma contundente, o apoio familiar como fator para que a frequência escolar aumentasse", numa clara demonstração de inversão de responsabilidades. E completa:

> De toda forma, um aspecto é evidente nos Relatórios: os propagados esforços empreendidos pela "autoridade provincial", ou pelo governo, em difundir a instrução, ou melhor, em "derramar sobre todas as classes" o saber, por meio de agentes do estado. E nesse campo simbólico dos esforços, segundo os discursos oficiais, a ação e o apoio mais efetivo dos "pais de família" são considerados os grandes problemas a serem superados (p. 184).

Através de suas pesquisas nos relatórios de presidentes de províncias, Santos identificou que os objetivos da instrução pública, tanto primária quanto secundária, para seu administrador provincial, não revelavam nenhuma finalidade de preparar a população mais ou menos miúda - aí no sentido já demonstrado por Boto (2010) - para o acesso ao bacharelado, formação bastante custosa e acessível somente aos mais abastados que, afinal, se tornariam dirigentes no futuro.

A fiscalização e a frequência eram temas recorrentes nos Relatórios da Instrução Pública, já que se constituíam nas maiores preocupações, no século XIX, com relação àquilo que se julgava necessário para que o sistema de educação no país se consolidasse como escravista e seletivo. Assim sendo, era preciso fiscalizar para que houvesse frequência e essa frequência justificasse, então, haver uma inspeção que garantisse o bom funcionamento das escolas nos moldes pensados pelos senhores do império e pelos relatores da situação da instrução pública.

Assim, é de se esperar que Primitivo se mantivesse debruçado sobre esses assuntos. A grande questão seria descobrir o porquê desse interesse. Como é impossível reproduzir a realidade do passado e muito menos o que se passou nas mentes e memórias dos nossos objetos, posso supor que seu interesse realmente partia da questão da baixa frequência e do quanto isso poderia influenciar na formação da população. O que me instiga é desvendar o

[98] Também utilizada por BOTO, Carlota. *A dimensão iluminista da reforma pombalina dos estudos: das primeiras letras à universidade.* Revista Brasileira de Educação v. 15 n. 44 maio/ago. 2010.

tipo de população desejada e se ele compactuava dos ideais republicanos, o que me rendeu a reflexão para o próximo tópico. A retórica da instrução para todos estava presente nos relatórios que selecionou, o que poderia indicar preferência, mas também pode ter sido o material de que dispunha, já que ele não redigia os relatórios, e esses relatórios, sendo produtos do lugar e, portanto, carregados de verdade, tendiam à formação da população desejada pelos governantes.

3.2 **Um escritor e seu país: o lugar do Brasil na América Latina**

Com o exame de outras obras de Primitivo Moacyr comecei a traçar um perfil de qual seria a posição política no que tange ao pertencimento do Brasil imperial como uma nação da América Latina e como essa condição poderia ter influenciado. Então, na seção em análise, determinei o que considero sua escolha política para mencionar modelos educacionais estrangeiros.

Desde a Independência, a situação do Brasil no contexto da América Latina destoou-se pela instalação de um regime monárquico em oposição às repúblicas que surgiram no processo de independência da América Espanhola. Porém, muitas vozes se fizeram presentes, no sentido de inscrever o Brasil entre as nações americanas e, portanto, predestinado à República.

Para início da análise fui ao encontro do trabalho do professor Leslie Bethell (Inglaterra: 1937-)[99], cujo artigo *O Brasil e a ideia de "América Latina" em perspectiva histórica* (2009) nos remete a pensar na lenta cristalização da concepção de América Latina. Nesse ensaio sobre a história das ideias e das relações internacionais, examina as origens do conceito de América Latina e discute o fato de que, pelo menos até a segunda metade do século XX, o governo e os intelectuais hispano-americanos e brasileiros não consideravam o Brasil parte da América Latina – termo que se referia somente à América Espanhola. O autor expõe alguns aspectos da trajetória da gênese do conceito de América Latina, cuja origem está nos movimentos de independência, mas também passou pela argumentação estética de escritores, poetas e intelectuais hispano-americanos.

[99] Leslie Bethell é professor emérito de história da América Latina da Universidade de Londres, Inglaterra; *fellow* emérito do St Antony's College, Universidade de Oxford, Inglat*erra; senior scholar* do Woodrow Wilson International Center for Scholars, Washington D.C., Estados Unidos; e pesquisador associado do CPDOC/FGV, Rio de Janeiro, Brasil (leslie.bethell@fgv.br)

Segundo Bethell, desde 1968, quando da publicação do "influente ensaio de John Leddy Phelan", tem-se aceito como francesa a origem do termo América Latina. Segundo Phelan:

> A expressão "Amérique latine" era utilizada pelos intelectuais franceses para justificar o imperialismo francês no México sob o domínio de Napoleão III. Os franceses argumentavam que existia uma afinidade cultural e linguística, uma unidade entre os povos "latinos", e que a França seria sua inspiração e líder natural (e seu defensor contra a influência e dominação anglo-saxã, principalmente a norte-americana) (pág. 289).

Ao defender tal posição, afirma que Michel Chevalier (1806-1879) teria sido o primeiro a conceber o *race latine*, após visitar México e Cuba, além dos Estados Unidos, seguindo os passos de Alexis de Tocqueville (1805-1859). Chevalier atuou como conselheiro de Napoleão III e foi o principal propagador da intervenção francesa no México.

Bethell, entretanto, contrapõe essa perspectiva mostrando que escritores e intelectuais hispano-americanos[100] utilizavam largamente a expressão *la raza latina*, que escondia os ideais da construção de uma identidade americana de Simon Bolívar e Andrés Bello, em oposição aos nacionalismos que emergiram após a independência e como uma forma de superá-los. Consequentemente, a identidade latino-americana também convergia para uma defesa contra os interesses expansionistas norte-americanos. Os Estados Unidos da América do Norte não se inscreviam na América Latina, devido cumprirem seu "destino" à custa dos demais países do continente, haja vista a anexação do Texas e a Guerra Mexicana, entre outros episódios (Bethell, 2009, pág.4).

A Argentina é destacada por Bethell como um caso à parte, apresentando como argumento o que designou de Geração de 37: pensadores, políticos e intelectuais influenciados pelas ideias dos ingleses, franceses e norte-americanos, que consideravam o país, em especial sua capital, como "a manifestação da civilização europeia num ambiente hispano-americano predominantemente bárbaro. [...] e acreditavam que a Argentina teria o potencial de se tornar o equivalente dos Estados Unidos na América do Sul". O autor ainda afirma que a designação de América Latina teria sido própria para a chamada América Espanhola, o que pode ser percebido em seu comentário:

> Os governos brasileiros do Segundo Reinado (1840-89) não se identificavam com a América Española, Hispanoamérica ou "América Latina", e nem com os inúmeros projetos dos países vizinhos de união interamericana. O Brasil, com sua costa Atlântica imensa, pertencia ao mundo atlântico, e suas principais ligações políticas e

[100] Tais como: Francisco Bilbao (1823-1865), chileno; José María Torres Caicedo (1830-1889), colombiano; Justo Arosemena, colombo-panamenho (1817-1896); e Francisco Muñoz Del Monte (1800-65), dominicano.

> econômicas eram com a Grã-Bretanha, enquanto suas ligações culturais eram com a França e, em menor proporção, com Portugal (p.395).

Somente a partir dos "anos 1920 e 1930, mas principalmente durante a Segunda Grande Guerra e a Guerra Fria" (p. 306), os Estados Unidos e os países europeus começaram a pensar o Brasil como parte integrante de uma região chamada de *Latin America*. Conclui Bethell que, mesmo mais recentemente, os governos e os intelectuais brasileiros, exceto talvez os de esquerda, continuam sem convicção profunda de que o Brasil seja integrante da América Latina.

Ao reconhecer que as opiniões de Leslie levam a uma generalização desconfortável, sou instigada a questionar se na historiografia da educação no Brasil a distância percebida entre nosso país e a América Latina também se configurou. A hipótese parece evidente para intelectuais, escritores e políticos brasileiros durante o período imperial, cujo modelo de educação e de nação se espelhava na Europa. Em que medida os escritos de Primitivo Moacyr nos informam sobre isso?

De modo geral, o mesmo se dá com os destaques que esse autor deixa ver sobre a província do Rio de Janeiro, como introduzir o frei José Policarpo de Santa Gertrudes[101], a quem dá voz para lamuriar a inoperância e "arremedo" do "sistema do ensino mutuo..." (MOACYR, 1939 pág. 196), em edifício "insalubre e defeituoso". Ao tratar dos compêndios, destaca um trecho do presidente Paulino José Soares de Souza Junior sobre os alunos da Escola normal não caírem em "cega rotina". E para aumentar o cabedal dos conhecimentos emitiu um parecer solicitando verbas para a impressão de algumas obras estrangeiras "melhores, mais clássicas e populares", as quais os diretores das escolas primárias e o da Escola normal se encarregariam de traduzir. O presidente sugere ainda o Curso normal de Degérando[102] e o *Novo manual das escolas primarias ou Guia completo dos professores*, organizado pelo Sr. Malter[103], inspetor geral dos estudos na França, portanto outro modelo diferente dos utilizados pelos países que se inscreviam como latino-americanos.

Entre as páginas 197 e 200 do livro utilizado como fonte, ainda retratando o período correspondente à presidência de Paulino José Soares de Souza Junior, Moacyr discorre sobre a frequência de 38 estudantes da Escola normal nas cinco aulas de *gramática latina* da província. Na ocasião, a Escola Normal contava apenas com três professores: um de primeiras

[101] Monge beneditino, Abade do Mosteiro do Rio de Janeiro, Cf. Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro; professor do Seminário de São Joaquim, Cf. O Clero no Parlamento brasileiro: Câmara dos Deputados (1843-1862); organista, Cf. Paulo Castagna, A produção musical carioca entre c.1780-1831, Instituto de Artes da UNESP.

[102] Joseph Marie Degérando (1772-1842) *Cours de primaires normais instituteurs*.

[103] Não consegui localizar uma biografia.

letras e gramática portuguesa, outro de matemática e o terceiro de gramática latina. Outro assunto destacado nessas páginas do livro é o Seminário de Jacuecanga, convertido por lei em Liceu, embora não instalado por falta de recursos. Moacyr pincela a compra de dois mil exemplares do Primeiro Livro de leitura; dois mil do Segundo; e mil do Terceiro, do Dr. Abílio Cesar Borges (1824-1891, Barão de Macaúba, médico e educador) e que "inauguram na segunda metade do século XIX obras destinadas à infância brasileira", que se popularizaram e foram utilizadas até meados do século XX. Diane Valdez (2006) defende a tese de que Borges combatia "os castigos corporais comuns nas escolas" e defendia uma maior distribuição e melhoria de acesso aos livros pelas crianças.

Ao descrever as capas e os livros de Abílio Borges, Valdez os tinge de uma só cor: preto; e com relação às ilustrações de crianças "que enfeitam o texto", aparecendo em trajes de inverno, como "meias, boinas, chapéus, botinhas, gravatas, laços e outros elementos que pouco combinam com um país tropical", afirma que o modelo civilizatório que projetou a infância brasileira foi o modelo europeu.

Primitivo Moacyr relatou a compra do acervo, mas não se deteve em torno da pedagogia imbricada no conteúdo desses livros, o que nos permite pressupor a ideia de que, pelo menos na questão da infância, conforme tratada por Valdez, o governo brasileiro não estava vendo ou não deu visibilidade ao Estado como parte integrante da *Latin America*.

Nesse movimento encontrei os debates em torno do acesso à escola; métodos e material de ensino; espaços e tempos escolares; e formação de professores. Esses aspectos tornam-se mais complexos ao longo do século XIX, acompanhando a constituição de um Império ordeiro e civilizado. Isso porque a expansão da presença do Estado no campo instrucional, mais exatamente o governo provincial, que assume a responsabilidade pelo ensino primário a partir do Ato Adicional de 1834, pressupõe alteração de sujeitos, espaços, métodos e tempos.

Assim, a implantação de um método de ensino que extrapolava o espaço doméstico implicava, de imediato, outro espaço escolar e outra formação docente. Demandava também material de ensino comum a todos os alunos e dava início a um processo de homogeneização, disciplinarização e fiscalização. Tudo isso custava muito aos cofres do governo provincial.

O texto de Moacyr tem o mérito de difundir ideias, pensamentos, propostas e diagnósticos que, em primeiro plano, estiveram presentes apenas no âmbito do diálogo entre o Legislativo e o Executivo. Não me furto a pensar que essa escolha possa estar relacionada com sua formação jurídica. Elenco aqui outra hipótese: a escrita de Moacyr pretendeu reunir as ações já impetradas no campo educacional de forma a subsidiar, também, o Estado

brasileiro nas intervenções futuras no campo da educação. Poucos anos antes, o governo Vargas solicitou aos educadores um projeto para a educação brasileira[104], projeto esse expresso, em grande medida, no Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, de 1932, que era um manifesto nacionalista. Seguido a isso, é visível o esforço do governo em estruturar e modernizar administrativamente o Estado brasileiro. Como frutos desse esforço temos o Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais e os trabalhos que então estimulou. Entretanto, a instalação do Estado Novo, um regime autoritário, em 1937, ergueu alguns obstáculos àquele projeto que reunia educação e democracia.

Delimitado por essas circunstâncias é possível compreender o trabalho de Moacyr: um esforço no sentido de reunir as experiências e os resultados do passado de forma a servir de trampolim, ou de base, para o futuro. Talvez, olhando por esse viés, se possa fazer outra leitura do trabalho de Moacyr: conformado nesses limites, a documentação disponível, carimbada como oficial, precisava vir à tona. O que já foi feito? Quais os resultados obtidos desta ou daquela ação?

O estudo de Leslie Bethell (2009) é muito rico ao referenciar a ausência das relações entre o Brasil e a América Latina nas obras de escritores, intelectuais e educadores brasileiros até início do século XX. Mesmo considerando a afirmativa com a qual o Manifesto Republicano de 1870 inicia – "Somos da América e queremos ser americanos" –, a realidade ao longo do século XX apontava para a continuidade da distância existente entre o Brasil e os países da América do Sul, para usar uma expressão geograficamente objetiva. América, para o Brasil, significava os Estados Unidos da América. Foi essa a conclusão a que cheguei ao final da leitura de Bethell.

Tomando outro autor, Eduardo Santos (2010), incumbido de apontar a presença de José Martí, intelectual cubano do século XIX, na educação brasileira da contemporaneidade, podemos chegar à mesma conclusão. Santos inicia assim suas reflexões:

> Não constitui tarefa fácil perscrutar os eventuais impactos das ideias pedagógicas de Martí na realidade da educação brasileira. Os motivos para tal não são prosaicos. No tempo em que o cubano desenvolvia suas ideias e as difundia em artigos e discursos, as relações entre o Brasil e a América Latina eram, na melhor das hipóteses, frágeis e inconstantes, e o passar dos anos não reverteria tal situação, antes a tornaria mais presente (p.27).

Na continuidade, desenvolve as mesmas características apontadas por Bethell, que afastaram o Brasil da concepção formada em torno do conceito América Latina. Durante boa

[104] Para maior aprofundamento ver http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/periodo_era_vargas_intro.html. Acesso em 10/06/2018.

parte da vida de Martí, o Brasil permaneceu como uma monarquia constitucional, dirigido por uma dinastia portuguesa, expressando dependência econômica de países europeus, especialmente da Inglaterra. Por sua extensão, o Brasil significava uma ameaça para as jovens nações que tinham os países europeus como inimigos.

No período republicano, o vocábulo América era sinônimo de Estados Unidos da América – o "grande irmão do Norte", o modelo político e social que se desejava alcançar, em que pese estar esse modelo sustentado numa outra matriz cultural – anglo-saxônica, protestante e industrializada. Os movimentos de esquerda, em geral, defendiam a proximidade do Brasil com os vizinhos latino-americanos, porém, tais movimentos nunca chegaram a exercer uma força significativa nas opções modelares seguidas pelo governo brasileiro, expressão de uma elite.

Para Martí, educação significava educação popular. Bem pautados por Santos (2010, p. 38), o pleito de Martí pela educação popular e o ensino obrigatório se aproximam da educação cidadã da qual falamos hoje e da qual falou Paulo Freire desde os anos 60. Esse modelo destoava, por inteiro, daquela sociedade escravocrata, tradicional, ainda muito marcada pela matriz cultural europeia.

Assim, não se faz contraditória a ausência de referências a tudo que expressasse latino-américa nas exposições que Moacyr fazia acerca da instrução pública na província do Rio de Janeiro. Ou seja, não encontrei indícios de *câmbios* com a hispano-américa. Em se tratando de documentos produzidos pelo Estado brasileiro, ou melhor, por agentes autorizados pelo Estado, não haveria espaço para um intercâmbio com os países vizinhos. Moacyr deu a ver que o império brasileiro, mais precisamente a Câmara dos Deputados, não supunha pensar o Brasil como parte da latinidade, e não apresentou nenhuma questão sobre a provável latinidade brasileira, conforme as questões discutidas pelo trabalho de Leslie, que embasou essa reflexão

Em se pensando os estigmas pelos quais passou a educação brasileira no século XIX, pergunto: não estaria nisso uma grande aproximação com os países vizinhos? Mesmo para os primeiros anos republicanos, conforme consta no livro de 1916 – *O Ensino público no Congresso Nacional* –, Moacyr citou os Estados Unidos, a Alemanha, a Suíça e a Inglaterra como modelos de contribuição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

> A fé no que virá e a alegria de poder olhar pra trás e ver que
> voltaria com você, de novo, viver nesse imenso salão...
>
> *Gonzaguinha - Começaria tudo outra vez (1976)*

É bem difícil encerrar uma escritura, o trabalho de pesquisa é apaixonante para quem o executa, entretanto, as regras da própria escritura nos impõem terminar. A essa ruptura chamamos considerar. E considerando a dissertação em questão, propus discursar sobre o sujeito Primitivo Moacyr em sua atuação como autor/testemunha da instrução pública na província do Rio de Janeiro, destacando as escolhas que fazia. Utilizei para tal fim, como principal fonte, a obra *A Instrução e as Provincias*: subsidios para a História da Educação no Brasil 1835-1889 (Sergipe, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo), 1939, volume 147-A, mais especificamente a seção Rio de Janeiro, pelas razões anteriormente apresentadas.

Na pesquisa tomei de assalto a privacidade, os pensamentos e as possibilidades históricas do seu tempo. Na busca por lugares pelos quais transitou, sentei nos bancos das praças, observei o seu retrato na tentativa de vislumbrar algum reflexo e caminhei alguns caminhos por onde andou. Tudo ilusório, pois não se pode apreender o tempo ou sequer reproduzi-lo. O que faz então o historiador?

Encontrei a resposta no livro de Michel de Certeau, *A Escrita da História* (2010), que me respondeu que depois de separar, de reunir certos objetos para transformá-los em documentos e isolá-los para "preencher lacunas de um conjunto, proposto a *priori*" faz-se então necessária uma "operação técnica".

Retomo à minha questão com relação a esse sujeito, que é perceber no traço da escrita de Moacyr suas escolhas e seleções de enfrentamento, refazer o sujeito através de uma biografia nos moldes mais modernos da historiografia, sem, contudo, desconsiderar o seu tempo presente. Esse é um grande desafio que talvez eu não tenha conseguido atingir, mas nem por isso foi menos desafiante, pois a cada nova descoberta, a cada nova fonte ou documentação abriram-se infinitas possibilidades. O que considero é que a sua produção foi fonte de consulta e apoio para muitos trabalhos do campo, devido ao seu trabalho na Câmara, e a preocupação de reuni-los na série dos Documentos Parlamentares – Instrução Pública foi base para a publicação dos seus livros.

Entre os relatórios dos presidentes de províncias de 1835 e de 1888 é fácil constatar a complexidade que foi se formando em torno da educação provincial: seja no tocante ao

número de escolas, níveis e pessoal arregimentado, seja do ponto de vista da estrutura administrativa, da fiscalização e formação técnica. Assim é que muitos dos temas se repetem ao longo dos relatórios, invariavelmente. Em outra medida, surgem novas preocupações, resultantes da amplitude das relações, conexões e interdependências que vão se formando a partir do campo educativo e das novas compreensões acerca das funções educativas.

Neste trabalho pressupus que a perspectiva historiográfica desse autor tem por prática apresentar o que se poderia chamar de fatos históricos, e nessa prática desfila suas investigações numa escrita anteriormente reconhecida que era a de neutralidade histórica. Esmiuçar sua produção tem sido a proposta para conhecer um pouco da sua parcialidade e desmontar o mito da representação idealizada de uma época passada.

No sujeito que foi possível descortinar em fragmentados perfis que faziam parte da multiplicidade de sua personalidade, constatei um homem que se dedicou à escrita de um tema para o qual teve acesso privilegiado.

Certo é que as condições profissionais de redator parlamentar e chefe da Secretaria dos Debates Parlamentares deram a ele a oportunidade de ter e compilar documentos que ao longo da vida lhe permitiram, durante aquele período e posteriormente, construir as obras que produziu.

Há que se supor que ter a cópia ou manter a cópia desses documentos já era um planejamento que fez desde que começou suas atividades profissionais, caso contrário ele não teria guardado esses papéis para posteriormente utilizá-los na elaboração de tantos livros e de uma obra monumental.

Então, concluo que, desde o princípio da sua carreira, nos cargos que ocupou, Primitivo Moacyr percebeu que a instrução publica era, entre tantos assuntos com os quais conviveu dentro do parlamento, aquele que lhe era mais afeito para um dia colocar em termos de produção literária como autor.

Quero acreditar que essa foi uma escolha que fez entre todos os assuntos que eram tratados dentro do parlamento e aos quais tinha acesso. Talvez tenha sido porque ele trabalhou mais próximo da comissão que tratava dos assuntos educacionais, mas certo é que essa escolha não se deu de uma hora para outra, foi planejada ao longo de anos, na medida em que guardou esses documentos para que depois se transformassem nos livros que escreveu.

Além disso, a sua maneira, revelada pela família, de colecionar as suas próprias imagens produzidas pelos jornais e revistas, o que diziam dele ou o que era escrito sobre suas publicações literárias, também demonstra que o seu planejamento como escritor para produzir uma obra monumental sobre a instrução pública não foi uma simples decisão de escrever

sobre um assunto que gostava. Na verdade, ele ambicionava ser reconhecido como um *expert*[105] da instrução pública do século XIX, com a legitimidade de quem trabalhou com os documentos oficiais daquele tempo, que, para ele, dentro do campo da historiografia que estava inserido, eram considerados produtos de verdade.

Então, uma segunda conclusão a que chego é a de que, além de ter planejado, durante a vida e os muitos anos nos quais foi funcionário público na Câmara dos Deputados, escrever sobre a instrução pública, ele ambicionava uma notoriedade para o futuro, já que, mesmo doente e desgastado, publicou seus últimos livros no ano de sua morte.

Caminhando para a terceira consideração, à guisa de finalização do meu estudo, creio ser possível afirmar que entre os assuntos que mais preocupavam Primitivo Moacyr, presentes em sua obra, especialmente no livro mais enfocado neste estudo e que serviu como fonte - *A Instrução e as Provincias*: *subsidios para a História da Educação no Brasil 1835-1889* (Sergipe, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo), 1939, volume 147-A - estavam aqueles relacionados à Escola Normal. Para o autor, a Escola normal, com as características que apresentava, tinha uma importância real na formação dos professores, e por isso a defendia. Ele também enfocava os colégios particulares e as escolas alemãs, talvez pela influência de sua vivência em Petrópolis, onde essas instituições estavam presentes, por conta da grande colônia alemã existente na cidade. A questão da inspeção da fiscalização e da frequência também eram temas presentes nos Relatórios da Instrução Pública, em quase todas as falas e relatos contidos, revelando que eram as maiores preocupações, durante o século XIX, com relação ao que se julgava necessário para que o sistema de educação no país se consolidasse. Fiscalização para que houvesse frequência e para que essa frequência pudesse, então, ter uma inspeção que garantisse o bom funcionamento das escolas.

Esses três assuntos são aqueles que parecem mais caros a Primitivo Moacyr. No entanto, por conta da amplitude do material que ele possuía como redator parlamentar, como o homem que copiou manuscritos numa época em que não havia outra forma de fazê-lo, como um homem que não só se deparou com os relatos, mas que também foi o responsável por suas atas, a abordagem desses três assuntos não foi única, apenas mais recorrente. Outros assuntos, como demonstrei no quadro que elaborei, estiveram na mira de Primitivo Moacyr, que, todavia, não ousou analisá-los, mas simplesmente descrevê-los, o que, por si só, já foi uma

[105] É de notar que – como é natural, sendo o étimo o mesmo nas duas línguas – o sentido inglês já foi usual em português (data do século XVI; lembre-se o famoso verso de Camões – "Tomai conselhos só d'exprimentados (…) Mais em particular o experto sabe" (Camões, Luís de. *Os Lusíadas*: 1572, X, 152). ***Dicionário de Anglicismos e de Palavras Inglesas Correntes em Português****, de Agenor Soares dos Santos – Editora Campus/Elsevier, 2006.*

obra monumental. Quisera pudéssemos ter dele opiniões, mas considero que essa não era a sua intenção e sim tomar como verdade os documentos com que trabalhou e eternizá-los através dos livros que escreveu.

Este é um estudo sobre Primitivo Moacyr, o sujeito, o dândi - como era conhecido por sua família -, o memorialista, o autor, o homem que deixou uma extensa obra sobre a instrução pública no Império. Contudo, muitos outros escritos hão que ser feitos para que se possa evidenciar tantos aspectos ainda necessários com relação ao homem e sua obra, pois Primitivo Moacyr ainda é, para todos nós, a referência do século XIX, quando se fala na História da Educação no Brasil.

REFERÊNCIAS

ABREU, Maurício de Almeida. *A Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPLANRIO, 1997

AZEVEDO, Aluízio. *O Cortiço*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, s/d.

_____. *O Touro Negro* (Crônicas e Epistolário) pág. 149.150. São Paulo: Martins Editora, 3ª ed. 1954.

BEIRED, José Luís Bendicho. A função social dos intelectual. In: AGGIO, Alberto (org.) Gramsci: a vitalidade de um pensamento. São Paulo: Unesp, 1998, p. 121a132

BETHELL, Leslie. O Brasil e a ideia de "América Latina" em perspectiva histórica. Rio de Janeiro: FGV. In: Revista Estudos Históricos, vol. 22, n. 44, p. 289-321, 2009.

BÍBLIA. The Thompson Chain-Reference. The B.B. Kirkbride Bible Company, Inc. Tradução Portuguesa, Florida, USA: Editora Vida, 1993.

BLOCH, Marc Leopold B. *Apologia da história, ou, O ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BONTEMPI JR., Bruno. BOTO, Carlota. O ensino público como projeto de nação: a "Memória" de Martim Francisco (1816-1823). *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 34, nº 68, p. 253-278 - 2014.

BONTEMPI JR., Bruno. HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. Educação e Instrução na Província de São Paulo: no contraponto das vozes, três tendências e um desvão. In.: GONDRA, José G. SILVA, José Cláudio Sooma (orgs). *História da educação na América Latina: ensinar & escrever.* Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

BRASIL, Regimento Interno da Camara dos Deputados (Consolidação de todas as disposições approvadas). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1915.

CARVALHO, José Murilo. *A construção da ordem: a elite imperial. Teatro das sombras: a política imperial.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CARVALHO, Rosana Areal; MESQUITA, Ilka Miglio. O ensino público no Congresso Nacional. Breve notícia, de Primitivo Moacyr. In.: _____ (org.). *Clássicos da Educação Brasileira.* Vol. III. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. Pp.47-64.

CARVALHO, Rosana Areal. MACHADO, Raphael Ribeiro. A História da Educação Brasileira na Produção de Primitivo Moacyr. *Revista de História e Historiografia da Educação*. Curitiba, Brasil, v. 2, n. 4, p. 147-169, janeiro/abril de 2018. DOI: http://dx.doi.org/10.5380/rhhe.v2i4.55469.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República: Momentos Decisivos*. São Paulo: UNESP, 1999

CURY, Carlos R. Jamil. *A desoficialização do ensino no Brasil: a Reforma Rivadávia.* Educação e Cultura, Campinas, vol. 30, n. 108, pág. 717-738, out. 2009. Disponível em: http://www.cedes.unicamp.br. Acesso em 12/09/2011.

DICIONÁRIO dos Educadores no Brasil da Colônia aos dias atuais. Maria de Lourdes de Albuquerque Fávero e Jader de Medeiros Britto (orgs). Rio de Janeiro: Editora UFRJ, MEC-Inep-Comped, 2002.

DUBY, Georges. *A História Continua*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

FRANCISCO, Ana Cristina B. López. M. A Condessa preceptora nos Paços Imperiais e a construção do mito. 319 f, Tese. (Doutorado em Educação) – Universidade Católica de Petrópolis. Orientadora: Maria Celi Chaves Vasconcelos. Petrópolis, 2017.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (orgs.). *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GOMES, Angela de Castro. *História e Historiadores*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2013

GONDRA, José G. & SCHUELER, Alessandra (2008) *Educação, poder e sociedade no império brasileiro,* São Paulo: Cortez.

_____. Reformas educativas, viagem e comparação no Brasil oitocentista: o caso de Uchoa Cavalcanti (1879). *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.34, n.3, p. 437-448, set./dez. 2008.

GONDRA, José G. MELO, Guaraci Fernandes M. de. PESSOA, Marcio Mello. Narrativas da história da educação brasileira Notas para pensar a experiência de PRIMITIVO MOACYR (1867-1942). *VI Congresso Brasileiro de História da Educação*. Vitoria: UFES, 2011

MARTÍ, José. *Nuestra América*. Venezuela: Fundación Biblioteca Ayacucho, 1985.

MELO, Guaraci Fernandes Marques de. *Primitivo Moacyr:* a arte de produzir material historiográfico, 2012, 84 f. Monografia – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do

Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2012. Disponível em: https://www.academia.edu/4051480/Monografia_Guaraci_menos_KBs

Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política. Angela Maria de Castro Gomes, Patrícia Santos Hansen (orgs.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

OLIVEIRA, Luiz Antônio de. *Tessituras do ensino público*: a unidade em Primitivo Moacyr (1910 – 1930). 202f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Orientadora: Maria Cristina Gomes Machado. Maringá, 2014.

OLIVEIRA, Luiz Antônio de. *A contribuição de Primitivo Moacyr na história da escola pública* – as ações imperiais e republicanas. 2009. 169 p. Dissertação (Mestrado em História e Historiografia da Educação) - Universidade Estadual de Maringá – Programa de Pós-Graduação em Educação. 04 de agosto de 2009.

PORTO, Patrícia de Cássia Pereira. *Narrativas memorialísticas*: memória e literatura. Revista Contemporânea de Educação. Rio de Janeiro: UFRJ, N º 12 – agosto/dezembro de 2011.

Roteiro para apresentação das teses e dissertações da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Simone Faury Dib (Coordenadora). – Rio de Janeiro: UERJ, Rede Sirius, 2007. 133 p.

SANTOS, Eduardo. A presença da concepção ético-política de Martí na educação brasileira. In.: *José Martí.* NASSIF, Ricardo; SANTOS, Eduardo (org.). Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Massangana, 2010. Pp. 25

SANTOS, Vinicius Teixeira. *O olho e a mão da autoridade*: a inspeção da instrução na província do Rio de Janeiro (1850-1889). Rio de Janeiro: Gramma, 2017.

TOCQUEVILLE, Alexis de. *A democracia na América*: leis e costumes de certas leis e certos costumes políticos que foram naturalmente sugeridos aos americanos por seu estado social democrático; tradução Eduardo Brandão; prefácio, bibliografia e cronologia François Furet. - 2a ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2005. - (Paidéia)

VALDEZ, Diane. *A representação de infância nas propostas pedagógicas do Dr. Abilio Cesar Borges*: o barão de Macahubas (1856 - 1891). Tese de doutoramento, UNICAMP, 2006.

BIBLIOGRAFIA DA PRODUÇÃO DE PRIMITIVO MOACYR

Livros:

MOACYR, Primitivo. O Ensino Público no Congresso Nacional: Breve Notícia. Rio de Janeiro: s/ed: 1916.

_____. *A Instrução e a República*. Reforma Benjamim Constant (1890 – 1892). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1941a. 1º Volume.

_____. *A Instrução e a República*. Código F. Lobo (1892 – 1899). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1941b. 2º Volume.

_____. *A Instrução e a República*. Código Epitácio Pessoa (1900 – 1910). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1941c. 3º Volume.

_____. *A Instrução e a República*. Reformas Rivadávia e C. Maximiliano. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1942 d. 4º Volume.

_____. *A Instrução e a República*. Reforma João Luiz Alves – Rocha Vaz Código Epitácio Pessoa (1920 - 1930). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1942. 5º Volume.

_____. *A Instrução e a República*. Ensino Técnico-Industrial (1892 - 1929) e Ensino Comercial (1892-1828). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1942e. 6º Volume.

_____. *A Instrução e a República*: Ensino Agronômico (1892-1929). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1942. 7º volume

_____. *A Instrução e o Imperio*: subsídios para História da Educação no Brasil - 1823-1853. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1936. Volume 66 da Coleção Brasiliana Pedagógica.

_____. *A Instrução e o Imperio*: subsidios para a História da Educação no Brasil - 1854-1888. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1937. Volume 87 da Coleção Brasiliana Pedagógica.

_____. *A Instrução e o Imperio*: subsidios para História da Educação no Brasil - 1854-1889. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1938. Volume 121 da Coleção Brasiliana Pedagógica.

_____. *A Instrução e as Provincias*: subsidios para a História da Educação no Brasil - 1834-1889 (das Amazonas as Alagoas). São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1939. Volume 147 da Coleção Brasiliana Pedagógica.

_____. *A Instrução e as Provincias*: subsidios para a História da Educação no Brasil 1835-1889 (Sergipe, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo[106]). São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1939. Volume 147-A da Coleção Brasiliana Pedagógica.

_____. *A Instrução e as Provincias*: subsidios para História da Educação no Brasil - 1834-1889 - Espirito Santo, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina, R. Grande do Sul e Goiaz. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1940. Volume 147-B da Coleção Brasiliana Pedagógica.

_____. *A Instrução Pública no Estado de São Paulo*: 1ª década Republicana 1890-1893. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1942. Volume 213 da Coleção Brasiliana Pedagógica.

_____. *A Instrução Pública no Estado de São Paulo*: 1ª década Republicana (1890-1893). São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1942. Volume 213-A da Coleção Brasiliana Pedagógica.

[106] [Mato Grosso] não consta do título, embora conste do conteúdo.

Artigos em Congresso:

MOACYR, Primitivo. *O ensino comum e as primeiras tentativas de sua nacionalização na Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul* (1835-1889). Porto Alegre. Of. Graf. Da Livr. Do Globo. 1940.

_____. *A instrução primária e secundária no município da corte na Regência e Maioridade.* III Congresso Nacional de História, Rio de Janeiro: IHGB, 3 volume 5, 1938, pág. 503-561.

BIBLIOGRAFIA DOS DOCUMENTOS PARLAMENTARES – INSTRUÇÃO PÚBLICA

Acervo: Biblioteca da Câmara dos Deputados Federais – Brasília – DF

BRASIL, CÂMARA DOS DEPUTADOS. *Documentos Parlamentares Instrucção Publica*: Instrucção primaria, Acordos e subvenções, Escolas normaes, Repartição geral do ensino (1904 - 1915). 1º volume. Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Commercio de Rodrigues & Cia., 1918, 212 págs.

_____*Documentos Parlamentares Instrucção Publica*: Plano Integral de ensino, Projeto Tavares de Lyra (1907 – 1908). 2º volume. Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Commercio de Rodrigues & Cia., 1918, 613 págs.

_____*Documentos Parlamentares Instrucção Publica*: Lei Organica do Ensino Superior e de Fundamental, na Republica, Reforma Rivadavia Correia (1911 – 1914). 3º volume. Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Commercio de Rodrigues & Cia., 1918, 316 págs.

_____*Documentos Parlamentares Instrucção Publica*: Reforma Carlos Maximiliano, Decreto nº 11530 de 18 de março de 1915 (1914 – 1918). 4º volume. Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Commercio de Rodrigues & Cia., 964 págs.

_____*Documentos Parlamentares Instrucção Publica*: Ensino secundário, Exames parcelados, Regimen de Madureza, Competencia dos Estados, Fiscalização dos Institutos de Ensino (1891 -1909), Dispensa de exames (1918). 5º volume. Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Commercio de Rodrigues & Cia., 801 págs.

_____*Documentos Parlamentares Instrucção Publica*: Desoficialização do ensino Superior e Secundario (1891 – 1918) Regimen universitario (1892 – 1918), Creação do Ministerio de Instrucção Publica (1894). 6º volume. Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Commercio de Rodrigues & Cia., 406 págs.

_____*Documentos Parlamentares Instrucção Publica*: Codigo de Ensino (1891 – 1901). 7º volume. Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Commercio de Rodrigues & Cia., 508 págs.

_____*Documentos Parlamentares Instrucção Publica*: Cursos Juridicos (1894 – 1906). 8º volume. Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Commercio de Rodrigues & Cia., 554 págs.

_____*Documentos Parlamentares Instrucção Publica*: Curso Polytechnico, Curso medico, Escolas agrícolas e commerciaes e outros de natureza technica (1891 – 1919). 9º volume. Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Commercio de Rodrigues & Cia., 555 págs.

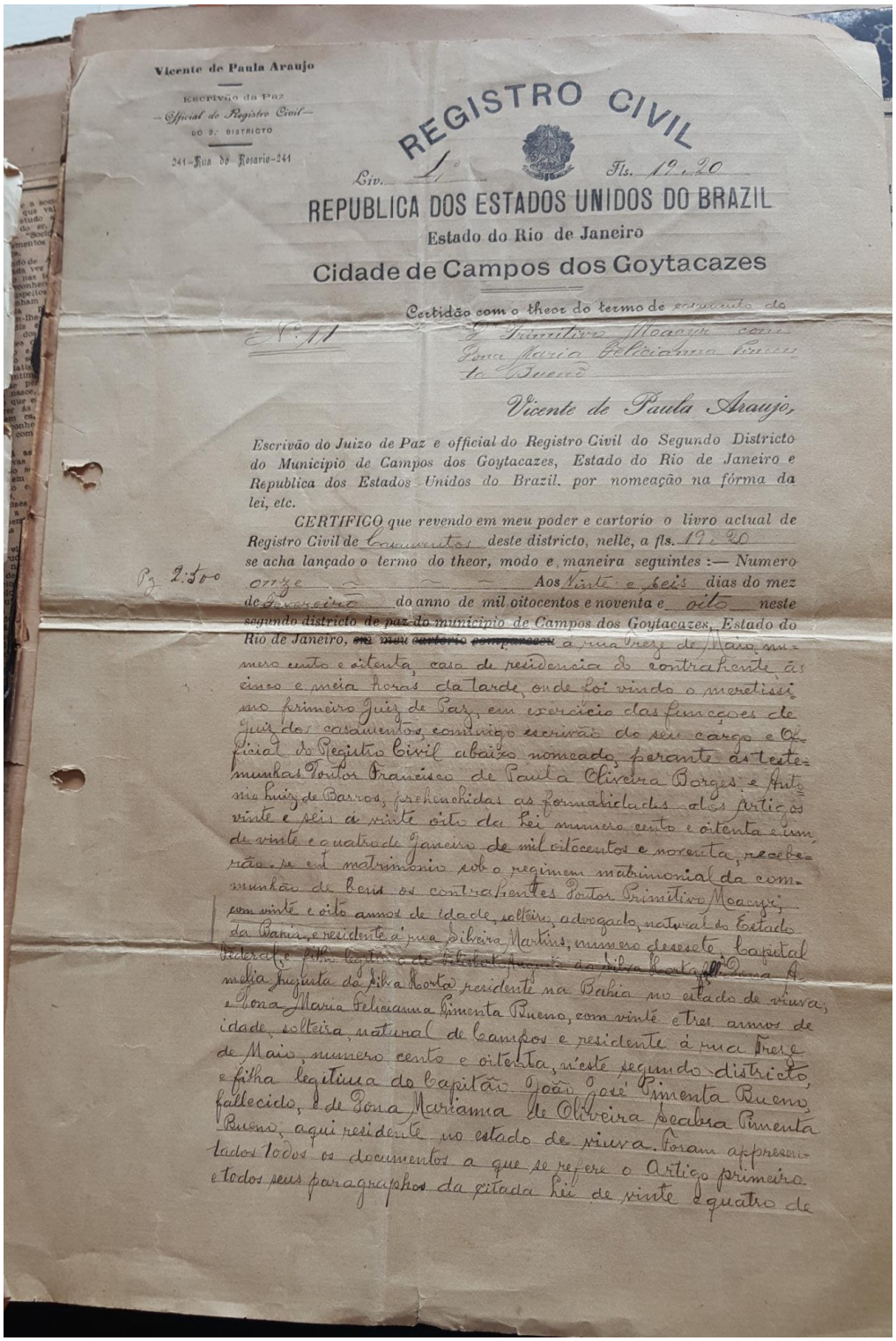
_____*Documentos Parlamentares Instrucção Publica*: A diffusão do ensino primário nos Estados, subvenção ás escolas primarias nas colônias estrangeiras (1915 – 1918). 10º volume. Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Commercio de Rodrigues & Cia., 448 págs.

_____*Documentos Parlamentares Instrucção Publica*: Ensino secundário e superior (1917 – 1927). 11º volume. Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Commercio de Rodrigues & Cia., 881 págs.

_____*Documentos Parlamentares Instrucção Publica*: Ensino primário (1917 – 1928). 12º volume. Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Commercio de Rodrigues & Cia., 650 págs.

_____*Documentos Parlamentares Instrucção Publica*: Ensino profissional, Ensino agrícola, Ensino commercial (1917 – 1927). 13º volume. Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Commercio de Rodrigues & Cia., 401 págs.

ANEXO – Documentos



Vicente de Paula Araujo
Escrivão da Paz
Official do Registro Civil
DO 2.º DISTRICTO
241-Rua do Rosario-241

REGISTRO CIVIL

Liv. 1º Fls. 19 e 20

REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL
Estado do Rio de Janeiro
Cidade de Campos dos Goytacazes

Certidão com o theor do termo de casamento de
N.º 11 D. Primitivo Moacyr com
Dona Maria Felicianna Pimen
ta Bueno

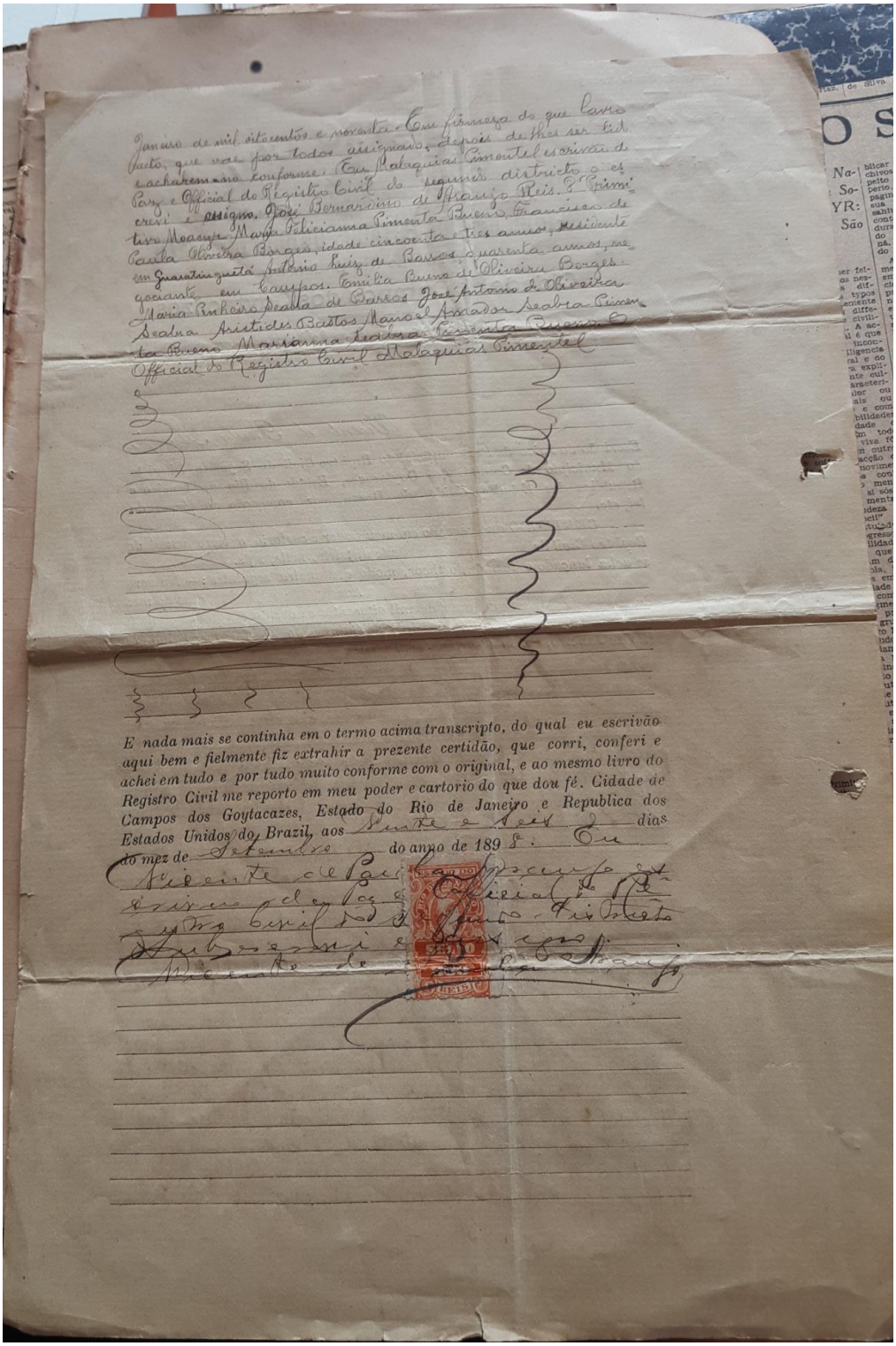
Vicente de Paula Araujo,

Escrivão do Juizo de Paz e official do Registro Civil do Segundo Districto do Municipio de Campos dos Goytacazes, Estado do Rio de Janeiro e Republica dos Estados Unidos do Brazil, por nomeação na fórma da lei, etc.

CERTIFICO que revendo em meu poder e cartorio o livro actual de Registro Civil de Casamentos deste districto, nelle, a fls. 19 e 20 se acha lançado o termo do theor, modo e maneira seguintes :— Numero onze — Aos Vinte e seis dias do mez de Fevereiro do anno de mil oitocentos e noventa e oito neste segundo districto de paz do municipio de Campos dos Goytacazes, Estado do Rio de Janeiro, ~~em meu cartorio compareceu~~ á rua Treze de Maio, numero cento e oitenta, casa de residencia do contrahente ás cinco e meia horas da tarde, onde foi vindo o meretissimo primeiro Juiz de Paz, em exercicio das funcções de Juiz dos casamentos, commigo escrivão do seu cargo e Official do Registro Civil abaixo nomeado, perante as testemunhas Doutor Francisco de Paula Oliveira Borges e Antonio Luiz de Barros, prehenchidas as formalidades dos artigos vinte e seis á vinte oito da Lei numero cento e oitenta e um, de vinte e quatro de Janeiro de mil oitocentos e noventa, receberão-se em matrimonio sob o regimem matrimonial da communhão de bens os contrahentes Doutor Primitivo Moacyr, com vinte e oito annos de idade, solteiro, advogado, natural do Estado da Bahia, e residente á rua Silveira Martins, numero desesete, Capital Federal, e filho legitimo de Felisberto Augusto da Silva Horta e Dona Amelia Augusta da Silva Horta, residente na Bahia no estado de viuva, e Dona Maria Felicianna Pimenta Bueno, com vinte e tres annos de idade, solteira, natural de Campos e residente á rua Treze de Maio, numero cento e oitenta, n'este segundo districto, e filha legitima do Capitão João José Pimenta Bueno, fallecido, e de Dona Marianna de Oliveira Seabra Pimenta Bueno, aqui residente no estado de viuva. Foram appresentados todos os documentos a que se refere o Artigo primeiro e todos seus paragraphos da citada Lei de vinte e quatro de

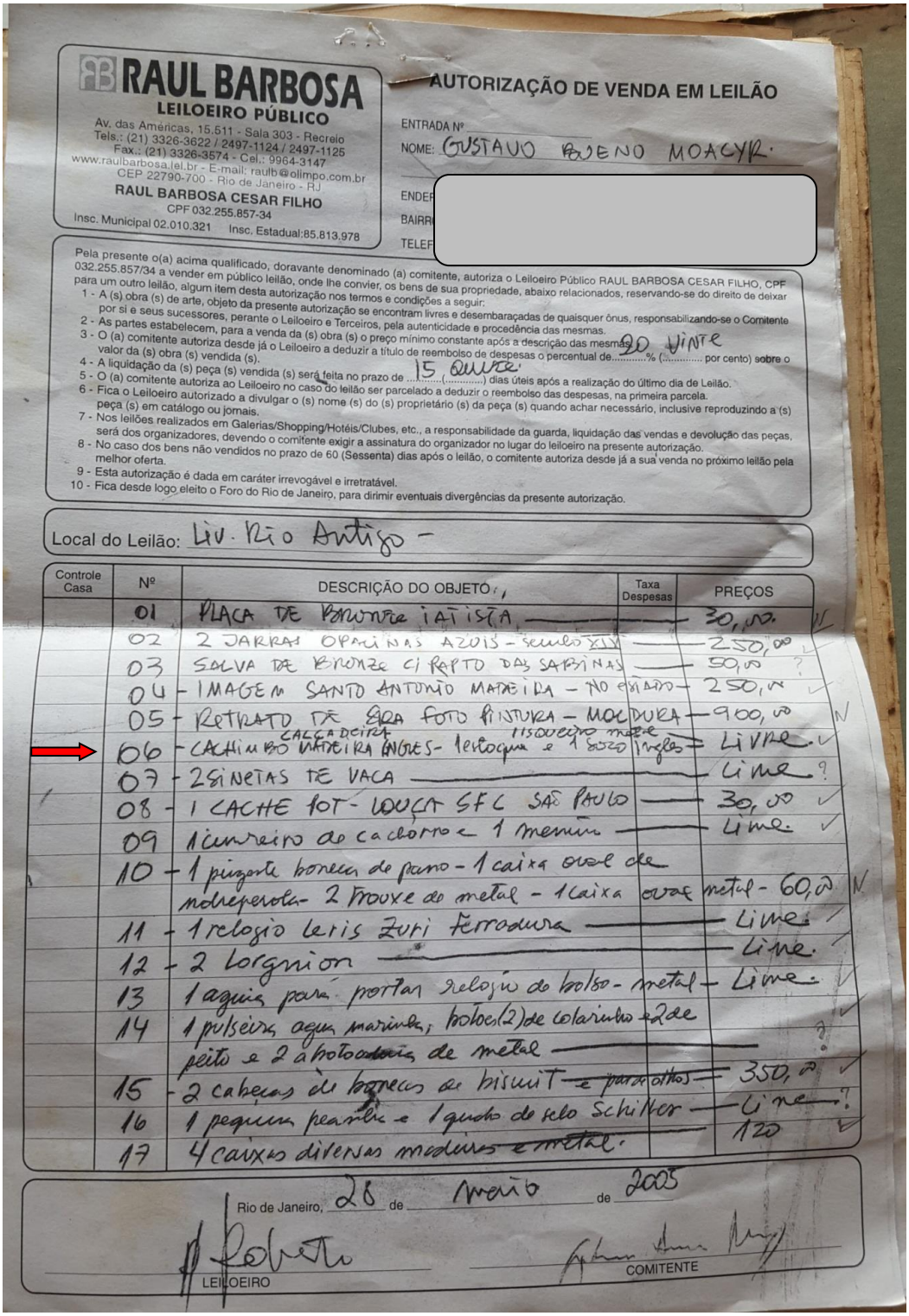
Pg 2:500

Certidão de Casamento (frente) de Primitivo Moacyr com Maria Pimenta
Fonte: Acervo pessoal da autora cedido por familiares



E nada mais se continha em o termo acima transcripto, do qual eu escrivão aqui bem e fielmente fiz extrahir a prezente certidão, que corri, conferi e achei em tudo e por tudo muito conforme com o original, e ao mesmo livro do Registro Civil me reporto em meu poder e cartorio do que dou fé. Cidade de Campos dos Goytacazes, Estado do Rio de Janeiro e Republica dos Estados Unidos do Brazil, aos Sete e Dez dias do mez de Setembro do anno de 189 8. Eu

Certidão de Casamento (verso) de Primitivo Moacyr com Maria Pimenta
Fonte: Acervo pessoal da autora cedido por familiares



RAUL BARBOSA
LEILOEIRO PÚBLICO
Av. das Américas, 15.511 - Sala 303 - Recreio
Tels.: (21) 3326-3622 / 2497-1124 / 2497-1125
Fax.: (21) 3326-3574 - Cel.: 9964-3147
www.raulbarbosa.lel.br - E-mail: raulb@olimpo.com.br
CEP 22790-700 - Rio de Janeiro - RJ
RAUL BARBOSA CESAR FILHO
CPF 032.255.857-34
Insc. Municipal 02.010.321 Insc. Estadual:85.813.978

AUTORIZAÇÃO DE VENDA EM LEILÃO

ENTRADA Nº
NOME: GUSTAVO BUENO MOACYR.
ENDER
BAIRR
TELEF

Pela presente o(a) acima qualificado, doravante denominado (a) comitente, autoriza o Leiloeiro Público RAUL BARBOSA CESAR FILHO, CPF 032.255.857/34 a vender em público leilão, onde lhe convier, os bens de sua propriedade, abaixo relacionados, reservando-se do direito de deixar para um outro leilão, algum item desta autorização nos termos e condições a seguir:

1 - A (s) obra (s) de arte, objeto da presente autorização se encontram livres e desembaraçadas de quaisquer ônus, responsabilizando-se o Comitente por si e seus sucessores, perante o Leiloeiro e Terceiros, pela autenticidade e procedência das mesmas.
2 - As partes estabelecem, para a venda da (s) obra (s) o preço mínimo constante após a descrição das mesmas.
3 - O (a) comitente autoriza desde já o Leiloeiro a deduzir a título de reembolso de despesas o percentual de 20 % (vinte por cento) sobre o valor da (s) obra (s) vendida (s).
4 - A liquidação da (s) peça (s) vendida (s) será feita no prazo de 15 (quinze) dias úteis após a realização do último dia de Leilão.
5 - O (a) comitente autoriza ao Leiloeiro no caso do leilão ser parcelado a deduzir o reembolso das despesas, na primeira parcela.
6 - Fica o Leiloeiro autorizado a divulgar o (s) nome (s) do (s) proprietário (s) da peça (s) quando achar necessário, inclusive reproduzindo a (s) peça (s) em catálogo ou jornais.
7 - Nos leilões realizados em Galerias/Shopping/Hotéis/Clubes, etc., a responsabilidade da guarda, liquidação das vendas e devolução das peças, será dos organizadores, devendo o comitente exigir a assinatura do organizador no lugar do leiloeiro na presente autorização.
8 - No caso dos bens não vendidos no prazo de 60 (Sessenta) dias após o leilão, o comitente autoriza desde já a sua venda no próximo leilão pela melhor oferta.
9 - Esta autorização é dada em caráter irrevogável e irretratável.
10 - Fica desde logo eleito o Foro do Rio de Janeiro, para dirimir eventuais divergências da presente autorização.

Local do Leilão: Liv. Rio Antigo -

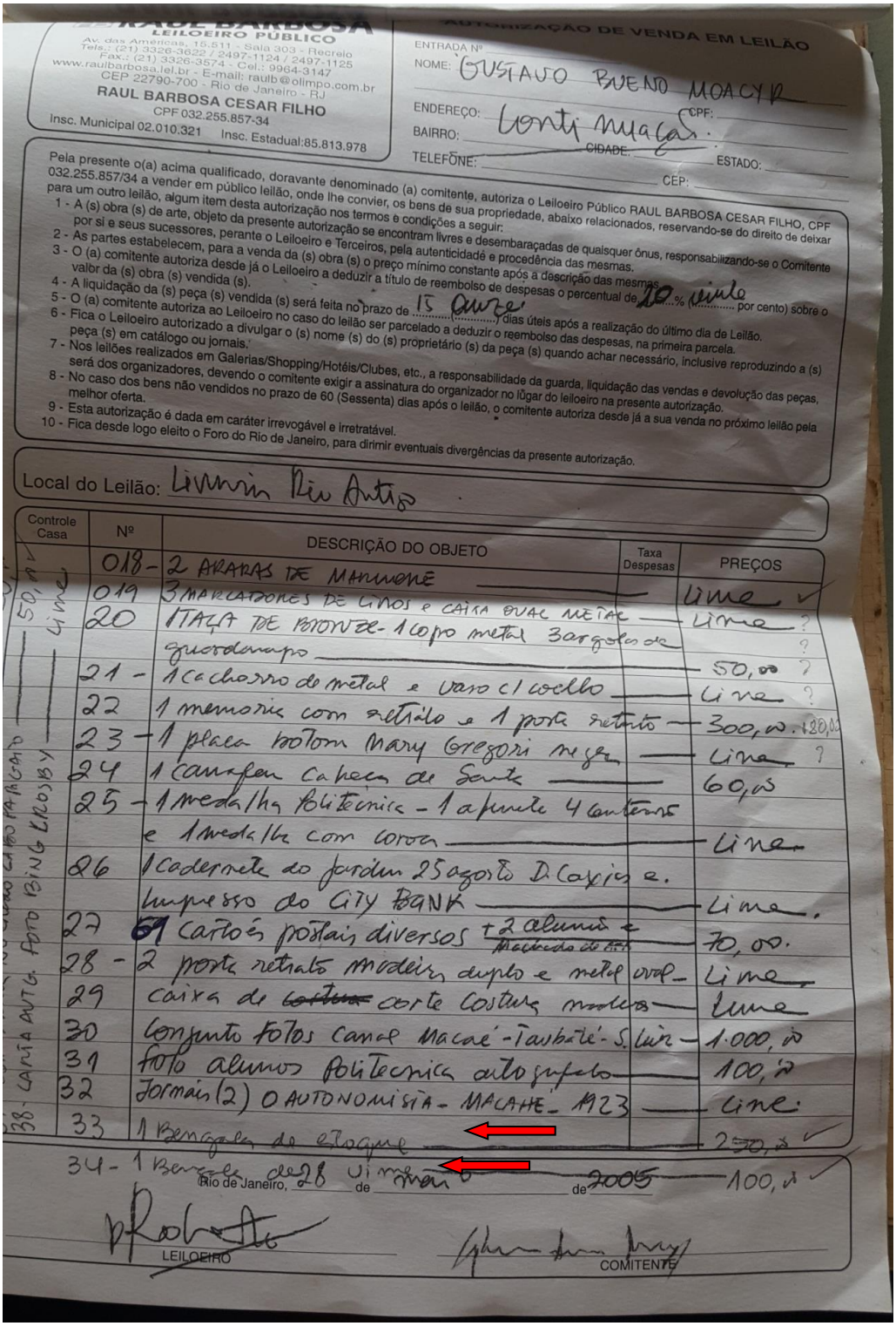
Controle Casa	Nº	DESCRIÇÃO DO OBJETO	Taxa Despesas	PREÇOS
	01	PLACA DE BRONZE IATISTA		30,00
	02	2 JARRAS OPALINAS AZUIS - SÉCULO XIX		250,00
	03	SALVA DE BRONZE CI RAPTO DAS SABINAS		50,00 ?
	04	IMAGEM SANTO ANTONIO MADEIRA - NO ESTADO		250,00
	05	RETRATO DE ERA FOTO PINTURA - MOLDURA		900,00
	06	CACHIMBO CALÇADEIRA MADEIRA INGLES - 1 estoque e 1 soco inglês - 1 isqueiro metal		LIVRE
	07	2 SINETAS DE VACA		Lime ?
	08	1 CACHE POT - LOUÇA SFC SÃO PAULO		30,00
	09	1 cinzeiro de cachorro e 1 menino		Lime
	10	1 pingente boneca de pano - 1 caixa oval de nobreperola - 2 trouxe de metal - 1 caixa oval metal		60,00
	11	1 relogio Leris Zuri Ferradura		Lime
	12	2 Lorgnion		Lime
	13	1 aguia para portar relogio de bolso - metal		Lime
	14	1 pulseira agua marinha, botões (2) de colarinho e 2 de peito e 2 abotoaduras de metal		?
	15	2 cabeças de bonecas de biscuit ~~e para olhos~~		350,00
	16	1 pequena peanha e 1 quadro de selo Schiller		Lime ?
	17	4 caixas diversas madeiras e metal.		120

Rio de Janeiro, 28 de maio de 2005

LEILOEIRO

COMITENTE

Foto da Autorização de Venda (a tarja se refere à não divulgação de informações pessoais
Fonte: Arquivo pessoal da autora e da família cedido por familiares



RAUL BARBOSA
LEILOEIRO PÚBLICO
Av. das Américas, 15.511 - Sala 303 - Recreio
Tels.: (21) 3326-3622 / 2497-1124 / 2497-1125
Fax.: (21) 3326-3574 - Cel.: 9964-3147
www.raulbarbosa.lel.br - E-mail: raulb@olimpo.com.br
CEP 22790-700 - Rio de Janeiro - RJ
RAUL BARBOSA CESAR FILHO
CPF 032.255.857-34
Insc. Municipal 02.010.321 Insc. Estadual:85.813.978

AUTORIZAÇÃO DE VENDA EM LEILÃO

ENTRADA Nº
NOME: GUSTAVO BUENO MOACYR
ENDEREÇO: Conti Muaçar. CPF:
BAIRRO: CIDADE: ESTADO:
TELEFONE: CEP:

Pela presente o(a) acima qualificado, doravante denominado (a) comitente, autoriza o Leiloeiro Público RAUL BARBOSA CESAR FILHO, CPF 032.255.857/34 a vender em público leilão, onde lhe convier, os bens de sua propriedade, abaixo relacionados, reservando-se do direito de deixar para um outro leilão, algum item desta autorização nos termos e condições a seguir:

1 - A (s) obra (s) de arte, objeto da presente autorização se encontram livres e desembaraçadas de quaisquer ônus, responsabilizando-se o Comitente por si e seus sucessores, perante o Leiloeiro e Terceiros, pela autenticidade e procedência das mesmas.
2 - As partes estabelecem, para a venda da (s) obra (s) o preço mínimo constante após a descrição das mesmas.
3 - O (a) comitente autoriza desde já o Leiloeiro a deduzir a título de reembolso de despesas o percentual de 20 % (vinte por cento) sobre o valor da (s) obra (s) vendida (s).
4 - A liquidação da (s) peça (s) vendida (s) será feita no prazo de 15 (quinze) dias úteis após a realização do último dia de Leilão.
5 - O (a) comitente autoriza ao Leiloeiro no caso do leilão ser parcelado a deduzir o reembolso das despesas, na primeira parcela.
6 - Fica o Leiloeiro autorizado a divulgar o (s) nome (s) do (s) proprietário (s) da peça (s) quando achar necessário, inclusive reproduzindo a (s) peça (s) em catálogo ou jornais.
7 - Nos leilões realizados em Galerias/Shopping/Hotéis/Clubes, etc., a responsabilidade da guarda, liquidação das vendas e devolução das peças, será dos organizadores, devendo o comitente exigir a assinatura do organizador no lugar do leiloeiro na presente autorização.
8 - No caso dos bens não vendidos no prazo de 60 (Sessenta) dias após o leilão, o comitente autoriza desde já a sua venda no próximo leilão pela melhor oferta.
9 - Esta autorização é dada em caráter irrevogável e irretratável.
10 - Fica desde logo eleito o Foro do Rio de Janeiro, para dirimir eventuais divergências da presente autorização.

Local do Leilão: Livraria Rio Antigo

Controle Casa	Nº	DESCRIÇÃO DO OBJETO	Taxa Despesas	PREÇOS
	018	2 ARARAS DE MARMORE		Lime
	019	3 MARCADORES DE LIVROS e CAIXA OVAL METAL		Lime
	20	1 TAÇA DE BRONZE - 1 copo metal 3 argolas de guardanapo		50,00
	21	1 cachorro de metal e vaso c/ coelho		Lime
	22	1 memoria com retrato e 1 porta retrato		300,00
	23	1 placa botom Mary Gregori negra		Lime
	24	1 camafeu cabeça de Santa		60,00
	25	1 medalha Politecnica - 1 afunete 4 centenario e 1 medalha com coroa		Lime
	26	1 caderneta do jardim 25 agosto D. Caxias e impresso do CITY BANK		Lime
	27	69 cartões postais diversos + 2 alunos e Machado de Ass		70,00
	28	2 porta retrato madeira duplo e metal oval		Lime
	29	caixa de ~~costura~~ corte costura madeira		Lime
	30	Conjunto fotos canal Macaé - Taubaté - S. Luiz		1.000,00
	31	foto alunos Politecnica autografado		100,00
	32	Jornais (2) O AUTONOMISTA - MACAHE - 1923		Lime
	33	1 Bengala de estoque		250,00
	34	1 Bengala de 28 vime		100,00

Rio de Janeiro, 28 de maio de 2005

LEILOEIRO COMITENTE

Fotografia da continuação da Autorização de Venda
Fonte: Arquivo pessoal da autora cedido por familiares

O JORNAL — Sexta-

APO'S UMA VIAGEM A' RUSSIA

O sr. Primitivo Moacyr disserta sobre a revolução bolchevista e sobre as afi- nidades entres as almas russa e mexicana

A "desgraça" de ser obrigado a trabalhar — O conceito occidental da familia posto em chéque — O sentido popular dos codigos russos actuaes

Raul de POLILLO

(Entrevista escripta especialmente para O JORNAL)

pela conquista da felicidade co- ctiva. Por isso, julgo pouco pru- te os juizos emittidos por mui- mos autores, principalmente f- cezes, os quaes, indo a Mosco- lá permanecendo alguns dias o- mas semanas, voltam ao mundo cultura occidental, offerecendo volume de observações e de ra- cinios destinados a fazer com os leitores concluam pela inacce- bilidade absoluta, ou pela abso- acceitabilidade, do novo estado coisas creado pelo advento de L- nine.

O ERRO DA UNILATERALIDA- DE VISÃO DOS OBSERVADOR- OCCIDENTAES

"E' indispensavel objectar a- autores, que concluem pela ine- ciencia do communismo, encarara- phenomeno russo pelo prisma d- conceitos occidentaes-capitalistic- e, dentro destes conceitos, é consi- rado nocivo tudo o que tenta alte- rar o rythmo actual da Sociedade e do Estado. Da mesma forma, e- campo opposto, os que concluem esplendor da theoria bolchevista, n- terpretam aquelle phenomeno como sendo o inicio da expressão mais humana da vida collectiva. Contu- do, ao meu ver, tanto os primeiros como os segundos, peccam por uni- lateralidade de visão. A verdade é que a revolução russa se está pro- cessando paulatinamente, como dis- se, e ella não retarda a sua evolu- ção em consequencia das criticas que são assestadas, como tambem não apressa o cumprimento da su- missão na terra em consequencia dos elogios que lhe possam ser pro- digalizados. E' uma fatalidade his- torica, e não ha possibilidade de se alterar a ordem des- fatalidade. E, como todas as fatalidades histo- ricas, essa revolução de- carada, primeiro, como um phenó- meno cuja bondade, ou cujo benefi- cio, não pode ter por termo de com- paração o brilho fugace da civili- zação occidental, e, depois, como um phenomeno exclusivamente lo- cal, immanente, no povo russo, ao seu estado geral de cultura, mais ou menos precario, á sua mysti- de typicamente religiosa, ao seu mysticismo politico, á sua pre- cupação obstinada de egualdade na vida, certos valores que são in- por definição, e que só a philo- hia do seculo XIX, resultante prejuizos medievaes, ousou des- lar, por via de subtilezas criti- gicas. E é, pois, um phenom- não passivel de transplantação pelo menos, não passivel de in- integral, porque a alma ru- differente, em essencia, da alm- outros povos.

AFFINIDADES ENTRE A A- RUSSA E A ALMA MEXIC-

"O Mexico

Fotografia da página do O Jornal, onde foi publicado a reportagem sobre a viagem à Rússia
Fonte: Arquivo pessoal da autora cedido por familiares